

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA



PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA

**A IMPRENSA COMO FONTE PARA O ENSINO
E A PESQUISA EM HISTÓRIA:
O CASO DE UM JORNAL RIO-GRANDINO**

NALDE JAQUELINE CORRÊA PEREIRA



**RIO GRANDE
2014**

NALDE JAQUELINE CORRÊA PEREIRA

**A IMPRENSA COMO FONTE PARA O ENSINO
E A PESQUISA EM HISTÓRIA:
O CASO DE UM JORNAL RIO-GRANDINO**

Trabalho apresentado como requisito final para conclusão do Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco das Neves Alves

**RIO GRANDE
2014**

Trabalha, trabalha, artista, trabalha
Trabalho não falta para quem quer viver
Com honra, com brio, sem mancha, sem vício
Para quem sem desonra seu pão quer comer.
Canção do Artista
O ARTISTA. Rio Grande, 17 ago. 1863. p. 1.

AGRADECIMENTOS

Expresso meus agradecimentos.

Ao Prof. Dr. Francisco das Neves Alves, pela orientação segura, incentivadora e eficaz.

Aos Profs. Drs. Luiz Henrique Torres e Mauro Nicola Póvoas, pelas sugestões e estímulos na qualificação e pela disposição em participar da banca de dissertação e ao Prof. Dr. Reto Monico, também pela disponibilidade em participar desta mesma banca.

Ao Eduardo, pela constante motivação.

À minha família, por estar ao meu lado.

Aos professores e colegas que auxiliaram nesta jornada do Mestrado.

Às pessoas que contribuíram de algum modo com a conclusão desta dissertação.

A todos muito obrigada.

RESUMO

Esta dissertação analisa uma das etapas da evolução do jornal *Artista*, publicado na cidade do Rio Grande, enfocando a sua gênese, transcorrida entre 1862 e 1863. Nessa época o periódico era uma pequena publicação semanal, voltada essencialmente aos artífices, de modo particular, e aos trabalhadores em geral, desenvolvendo uma construção discursiva específica que visava atingir tal público leitor. Ao estudar tal período, este trabalho busca abordar o periódico como um documento essencial para promover a pesquisa histórica e a partir dela desenvolver estratégias para o ensino da História. Nessa linha, o objetivo geral da dissertação é o de estudar a imprensa como importante fonte para o ensino e a pesquisa em História, e os objetivos específicos são os de analisar o ano inicial de existência do *Artista* como um típico representante da pequena imprensa; estudar os mais importantes componentes da construção discursiva do jornal e suas principais características editoriais; destacar conteúdos das páginas do periódico propícios à utilização em sala de aula; estabelecer estratégias de ensino usando as informações do *Artista* como fonte para o aprendizado da História; e promover, através da pesquisa-ação, estudos de caso acerca da aplicabilidade de textos do *Artista* como ferramentas para promover o ensino da História.

PALAVRAS-CHAVE: História, imprensa, ensino, pesquisa, *Artista*, Rio Grande

ABSTRACT

This dissertation examines one of the stages of evolution of the *Artista* newspaper published in the city of Rio Grande focusing its genesis, elapsed between 1862 and 1863. At that time the journal was a small weekly publication, focused mainly to the craftsmen, in particular, and workers in general, developing a specific discursive construction aimed at achieving that readership. By studying this period, this work seeks to address the journal as an essential to promote historical research document and from it develop strategies for teaching History. In this line, the overall objective of the dissertation is to study the press as an important source for teaching and research in History, and specific objectives are to analyze the initial year of the *Artista* as a typical representative of the small press; study the most important components of the discursive construction of the newspaper and its main editorial features; highlight the contents of the pages that support use regular classroom; establish teaching strategies using information from the *Artista* as a source for learning History; and promote, through action research, case studies on the applicability of the *Artista* texts as tools to promote the teaching of History.

KEY-WORDS: History, press, teaching, search, *Artista*, Rio Grande

SUMÁRIO

Introdução	8
<i>Uma folha a serviço dos artífices: a gênese do jornal rio-grandino Artista</i>	28
<i>Uma cruzada patriótica: a ação do imperialismo britânico no Brasil na visão do Artista</i>	55
<i>Um liberal puro: as estruturas político-partidárias do Brasil imperial na perspectiva do Artista</i>	81
<i>Um trabalho para quem sem desonra seu pão quer comer. o mundo do trabalho na concepção do Artista</i>	103
Conclusão	129
Fontes e bibliografia	150
Anexos	159

INTRODUÇÃO

Esta dissertação visa analisar uma das etapas da evolução do jornal rio-grandino *Artista*, abordando a gênese de um dos periódicos mais perenes que a cidade do Rio Grande possuiu. Surgindo como uma pequena folha semanal, o referido jornal evoluiria, aumentando em formato, tiragem e passando a ser diário, vindo a tornar-se, um dos principais componentes da imprensa rio-grandina. Ao estudar tal período, a análise busca abordar este periódico como um documento essencial para promover a pesquisa histórica e por meio dessa, possibilitar ferramentas para o ensino da História.

Dessa forma, este estudo aborda as origens do *Artista*, abrangendo um recorte cronológico de um ano (15 de setembro de 1862 a 14 de setembro de 1863), ou seja, as datas dos primeiros exemplares do jornal. Além disso, no acervo existente junto à Biblioteca Rio-Grandense (única instituição que possui a mais completa coleção do periódico) só há os números de 1 a 60, faltando os posteriores, vindo a reaparecer somente os volumes referentes ao final da década de setenta, quando a folha já deixara de ser um semanário dos artistas para se tornar um jornal diário de circulação mais comercial.

No seu primeiro ano de existência, o *Artista* aparecia com uma característica essencial, apresentando-se como um jornal defensor dos interesses dos trabalhadores. Além disso, outros elementos marcantes do periódico foram um exacerbado patriotismo e um discurso de auto-definição liberal. Nesse período inicial, o jornal manteve as características básicas da pequena imprensa, ou seja, circulação não-diária, limitações de natureza tipográfica e limitado número de anúncios publicados em suas páginas.

Durante o período imperial, o Rio Grande do Sul possuiu uma imprensa

ativa e numerosa e, nesse quadro, a cidade do Rio Grande teve amplo destaque. Quando em 15 de setembro de 1862, surgiu o *Artista*, o Rio Grande já contava com três grandes e tradicionais periódicos – o *Diário do Rio Grande*, existente desde 1848, *O Commercial*, surgido em 1857, e o *Echo do Sul* que apareceu em 1858. O nome *Artista* explicava-se pelos próprios objetivos do novo jornal – ser uma folha feita por trabalhadores e para os trabalhadores e, já no seu primeiro número, o *Artista* apresentava um programa no qual ficavam definidas tais características.

Assim, no seu primeiro ano de existência, o *Artista* desempenhou a função a qual se propôs no seu programa inicial – ser a “voz” dos trabalhadores. Buscando servir como elemento de orientação ao proletariado, num momento no qual esse estrato social era ainda muito incipiente e não havia nenhum arcabouço de “leis trabalhistas”, a folha rio-grandina tentou defendê-lo, propondo, como uma possível solução para seus problemas, uma ampla associação de todos os setores ligados ao trabalho. O periódico ultrapassou as discussões em nível local e abordou temas relevantes no cenário nacional e até mundial.

De acordo com essa linha editorial, no seu ano inicial, o *Artista* mantinha um comportamento diferenciado em relação aos jornais comerciais, pois destinava suas páginas a um público específico e, portanto, com uma forma também específica de escrever, buscando oferecer ao seu público alvo – os trabalhadores em geral e os artífices, particularmente – uma série de esclarecimentos, numa linguagem própria e com uma postura social bem demarcada¹.

O *Artista* à época de sua gênese constitui uma excelente fonte para os estudos históricos, pois suas notícias e opiniões trazem dados que podem ser interpretados e analisados à luz da pesquisa. Na mesma linha, são muitos os temas debatidos nas páginas do *Artista*, que podem, por meio da pesquisa, ser

¹ FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 105l; e PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874-1940)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/FAPERGS, 1989. p. 9.

utilizados como fonte para ensinar/aprender História. Entre eles podem ser citadas questões como a vida política imperial, a escravidão, a religião, as transações comerciais, as relações de trabalho, de classe e de gênero e elementos culturais como a música, a literatura, os pensamentos filosóficos, a instrução, o recreio e o teatro.

Tais elementos, uma vez pesquisados, podem ser utilizados como fontes de informação, sendo levados de forma direta ou indireta aos alunos, cabendo ao professor/pesquisador aperceber-se das várias peculiaridades presentes no dia a dia de seu alunado, observando qual a melhor forma de apresentar-lhes tais documentos. Diante disso, foi possível elencar algumas daquelas temáticas debatidas nas páginas do *Artista*, com ênfase em três estudos de caso: a ação imperialista sobre o Estado Nacional brasileiro, os partidos políticos à época imperial e o mundo do trabalho, no sentido de utilizá-las como fontes de pesquisa destinadas ao ensino da História de modo a executar uma atividade prática de aplicação na sala de aula, por meio da pesquisa-ação.

Diante dessa proposta de estudo, esta dissertação busca responder a algumas questões como:

- quais os alcances e limites da utilização de um documento histórico como fonte para pesquisar/ensinar a História?
- de que forma um jornal do século XIX pode servir como uma ferramenta que permite uma melhor apreensão do conhecimento histórico de parte dos alunos?
- até que ponto as dificuldades de leitura dos alunos podem ser um obstáculo à utilização de uma fonte histórica do passado?
- a utilização dos textos do *Artista* poderá despertar nos alunos um interesse pelo passado de sua própria cidade, por estar trabalhando com um jornal rio-grandino?
- o uso do jornal em sala de aula poderá despertar nos alunos um maior interesse pela pesquisa, afora as suas formas tradicionais de estudo (livro didático, internet, etc) como, por exemplo, ir à Biblioteca?

Utilizar um jornal do século XIX como fonte para ensinar História não é uma tarefa simples, daí a necessidade de, a partir de tal abordagem, serem estabelecidos mecanismos que tornem possível essa prática, principalmente diante dos grandes limites impostos à ação do professor de História, os quais podem dificultar, mas não impossibilitar a utilização de novas fontes para promover o ensino histórico. Com base em tal perspectiva, esta dissertação busca desenvolver exatamente esta meta, executando um estudo de caso levando em conta um periódico rio-grandino.

A realização desta dissertação representa uma continuidade de algumas pesquisas desenvolvidas pela autora ao longo da carreira acadêmica como discente dos Cursos de História (Licenciatura – concluído e Bacharelado – realizado em parte) e as respectivas Bolsas de Trabalho e de Iniciação Científica obtidas nessa época. Durante tais cursos de graduação foram possibilitadas várias oportunidades de realização de coleta de dados, bem como, a partir das bolsas, foi possível um contato ainda mais próximo com documentação histórica variada acerca da formação rio-grandina e gaúcha, auxiliando no aprimoramento de técnicas e da teoria-metodologia na execução de uma pesquisa de caráter histórico.

Essas diversas experiências permitiram a elaboração de alguns artigos publicados em revistas, livros e publicações científicas, possibilitando a divulgação desses trabalhos e levando a um certo aprimoramento inicial de formas de expressão escrita². Esses trabalhos direcionaram-se, em geral para as análises da História Regional exatamente o núcleo de estudos ao qual esteve ligado o Curso de Pós-Graduação Rio Grande do Sul: sociedade,

² PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. As origens do *Artista*. In: ALVES, Francisco Neves & TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande: FURG/Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1995. p. 121-131.; PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. Projetos de colonização na cidade do Rio Grande (1880-1895). In: **Revista Biblos** v.8. Rio Grande: Editora da FURG, 1996. p. 109-116.; PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. As críticas de um federalista à conjuntura político-militar brasileira na virada do século. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). **Ensaio de História do Rio Grande do Sul**. Rio Grande, FURG, 1996. p.76-84.; TORRES, Luiz Henrique & PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. Uma incursão à historiografia sul-rio-grandense: fundamentos deterministas na obra de Assis Brasil. In: **Revista Ágora**. v.3. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1997. p. 7-25.; e TORRES, Luiz Henrique & PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. Fundamentos político-históricos em Alcides Lima. In: **Revista Biblos** v.11. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 51-62.

política & cultura, oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), o qual permitiu uma ampliação e um aprimoramento dos conhecimentos teórico-metodológicos, permitindo um amadurecimento e um conseqüente aperfeiçoamento da pesquisa.

Essas pesquisas serviram à elaboração da monografia de conclusão, além da elaboração de dois trabalhos editados na Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense³. Posteriormente, ocorreu uma continuidade durante os dezoito anos na prática do magistério, na qual houve inúmeras possibilidades de execução prática da utilização do conteúdo do *Artista* como documentação propícia ao ensino da História. Na busca de não ocorrer um isolamento das atividades acadêmicas e visando manter a sempre necessária conciliação entre ensino e pesquisa, houve a participação na Associação dos Pós-Graduados em História da Cidade do Rio Grande, com a publicação de vários trabalhos na Revista *Scientia Historica*, editada por essa associação e, dentre eles, a ampla maioria foi resultado de pesquisas em torno do jornal rio-grandino *Artista*⁴.

Desse modo, da conciliação entre ensino e pesquisa e entre vida acadêmica e docência no ensino fundamental, resultaram vários trabalhos publicados sobre o *Artista* e o Mestrado Profissional em História da FURG possibilitou uma continuidade desse trajeto, por meio de uma ampliação em relação às pesquisas anteriores, com a análise não só do jornal em si e sua História, mas também da sua importância como uma fonte de textos que possam proporcionar instrumentos para o ensino da História, bem como

³ PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O Partenon Literário e seu papel na Literatura e História sul-rio-grandense. In: ALVES, Francisco das Neves & BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Orgs). **História & Literatura no Rio Grande do Sul**. Rio Grande. FURG, 2001. p. 91-104.; e PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O jornal *Artista* e seu discurso social. In: ALVES, Francisco das Neves (Org). **Imprensa & História no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: FURG, 2001. p. 29-48.

⁴ PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. Um jornal dos artífices na cidade do Rio Grande. In: **Revista Scientia Historica**. Rio Grande: APGH/RG, 2002. v. 1. p. 77-90.; PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O jornal *Artista* em suas origens no contexto da imprensa rio-grandina. In: **Revista Scientia Historica**. Rio Grande: APGH/RG, 2004. v. 2. p. 91-102.; PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O discurso político-partidário do jornal rio-grandino *Artista*. In: **Revista Scientia Historica**. Rio Grande: APGH/RG, 2006. v. 3. p. 115-128.; e PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O Rio Grande do Sul na visão de um escritor italiano: estudo de caso. In: **Revista Scientia Historica**. Rio Grande: APGH/RG, 2006. v. 4. p. 99-112.

realizar uma incursão à aplicação de tal documento na prática desse ensino. Assim, as experiências até então praticadas em sala de aula com o uso de textos do jornal *Artista* ganharam um caráter sistemático, organizacional e científico, implementando-se a sua execução a partir da pesquisa-ação, colocada em prática durante o citado curso de pós-graduação.

Em direção a tal proposta, o objetivo geral da dissertação é o de estudar a imprensa como importante fonte para o ensino e a pesquisa em História, tendo uma fase do jornal *Artista* como objeto de estudo. Já os objetivos específicos são os de analisar o ano inicial de existência do *Artista* como um típico representante da pequena imprensa; estudar os mais importantes componentes da construção discursiva do jornal e suas principais características editoriais; destacar conteúdos das páginas do periódico propícios à utilização em sala de aula; estabelecer estratégias de ensino usando as informações do *Artista* como fonte para o aprendizado da História; e promover, através da pesquisa-ação, estudos de caso acerca da aplicabilidade de textos do *Artista* como ferramentas para promover o ensino da História.

Assim, esta dissertação parte do princípio pelo qual a imprensa é uma importantíssima fonte histórica. Dessa forma, os jornais atuam como verdadeiros “arquivos do cotidiano”⁵, ou ainda, segundo um “velho aforismo, o jornalismo é o primeiro rascunho da História”⁶. Nesse sentido, “a imprensa é uma produtora considerável de informações diversas, que esclarecem atitudes e comportamentos”. Ela traz em si, portanto, o sentido de uma “fonte por excelência”, constituindo um “testemunho de época”, escrito “no momento do acontecimento”⁷.

A fundamentação da pesquisa desenvolvida na dissertação parte da perspectiva básica de que os estudos voltados à análise dos periódicos devem levar em conta a necessidade de realizar-se “uma história da imprensa e uma

⁵ ALBERT, Pierre & TERROU, Ferdinand. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 2.

⁶ MONICO, Reto; VIEIRA, Joaquim. **República em Portugal! – o 5 de outubro visto pela imprensa internacional**. Almoçagem: Pedra da Lua, 2010. p. 7.

⁷ BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. p. 196-197.

história **por meio da** imprensa”, ou seja, os jornais podem ser historiados, bem como servirem de objeto à pesquisa histórica⁸. Com base em tal princípio, foi analisado um período do jornal *Artista*, buscando estudar a sua evolução histórica inicial, realizando, portanto, uma história **da** imprensa, bem como selecionar e utilizar algumas das informações e interpretações expressas pelo jornal como fonte para o ensino da História, buscando demonstrar a aplicação de tais documentos, promovendo, desse modo, uma história **por meio da** imprensa.

Ao realizar uma História **da** imprensa, o objetivo fundamental é estudar o surgimento do *Artista*, um dos jornais mais importantes da cidade do Rio Grande e, portanto, do Rio Grande do Sul, tendo em vista a relevância da imprensa rio-grandina no contexto provincial de então, atuando como um periódico semanal voltado aos artífices. A pesquisa leva em conta a construção discursiva estabelecida pelo jornal, ou seja, as formas pelas quais ele se manifestou e apresentou a realidade histórica⁹. Como todo jornal, o *Artista* atuava de modo a construir uma determinada realidade para o seu público leitor, ou seja, construindo e desconstruindo informações e expressando opiniões que justificassem a visão de mundo de seus proprietários, em “constantes manifestações de parcialidades diante dos fatos narrados/comentados”¹⁰.

Atuando dessa maneira o *Artista* empreendeu a edificação de uma construção discursiva própria a qual o distinguiu dos demais representantes da imprensa local de então. Assim, a proposta da dissertação localiza-se em estudar essa construção discursiva específica do *Artista* durante o seu primeiro ano de existência, pois as próprias tendências, distorções, distinções e/ou omissões marcantes nos pronunciamentos de grande parte dos jornais também se constituem em elementos para a análise histórica, uma vez que demonstram as formas pelas quais “os responsáveis pelos periódicos buscam estruturar (ou

⁸ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 118.

⁹ ALVES, Francisco das Neves. **O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)**. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 18-20.

¹⁰ RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1978. p. 198.

desestruturar) os acontecimentos de uma dada realidade, atuando assim, na elaboração de uma construção discursiva”. Ao agir “como meio de comunicação, informação e divulgação/emissão de opinião, os jornais foram propagadores de princípios que nortearam as transformações e/ou a manutenção do *status quo* de determinadas sociedades, levando ao público a discussão desses princípios, divulgando, defendendo e/ou criticando determinadas ideias”¹¹.

O discurso elaborado pelos jornais não é fechado em si mesmo e se torna histórico à medida que interage com a realidade na qual circulou, sendo fundamental a análise das relações extratextuais que orientam esse discurso¹². A partir dessa ideia, se estabelece a meta de interpretar a construção discursiva expressa pelo jornal *Artista* nos números que marcaram o seu primeiro ano de existência, buscando analisar suas motivações e suas metas editoriais em relação ao seu público alvo, bem como localizar esse jornal junto ao contexto geral da imprensa rio-grandina e gaúcha. Além disso, é realizado um inter-relacionamento entre os fatores que levaram ao surgimento do *Artista* com a conjuntura política, econômica e social que marcava a sociedade tanto em âmbito local, quanto provincial e até nacional. Dessa maneira, uma das modestas pretensões desta dissertação é também dar mais um passo em direção a uma melhor compreensão da história do jornalismo rio-grandino e gaúcho, afinal, a imprensa sempre se constituiu num elemento fundamental de recíprocas influências em relação ao ambiente na qual se fez presente¹³.

De acordo com essa proposta, a dissertação busca analisar a gênese do jornal *Artista* como um dos elementos significativos à evolução da imprensa rio-grandina e gaúcha, principalmente tendo em vista sua linha editorial, bastante

¹¹ ALVES, Francisco das Neves. Imprensa, história e política: uma proposta metodológica ao debate sobre o tema no contexto brasileiro do século XIX. In: **Comunicação & política**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, v. 6, n. 1, jan-abr 1999. p. 251.

¹² ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 149.

¹³ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: **Anais do V Simpósio Nacional de Professores Universitários de História**. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1971. v.2. p. 227.; CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988. p. 21-23.; e RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 3ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 81.

diferenciada para os padrões da época. Além disso, é também abordado o plano editorial do *Artista*, interpretando sua construção discursiva estabelecida em função de sua proposta de ser o porta-voz dos artífices e comparando a linha editorial e os fundamentos de sustentação econômica do *Artista* com os dos demais jornais que circulavam no Rio Grande na mesma época. Outra das metas é identificar as primeiras manifestações do *Artista* em direção a uma filiação partidária e destacar o patriotismo como um dos elementos básicos de sua construção discursiva à época de sua origem.

Para realizar tais análises é fundamental levar em conta que o texto não aparece transparente e pesquisar “o sentido do seu todo, ou de uma frase, ou uma palavra exige trabalho com o mesmo texto, a partir de uma desestruturação da cadeia falada e da ordem do discurso para recompô-lo segundo uma legibilidade significativa”. Essa análise se direciona então à procura de três tipos de relações: “as de oposições, as de associações e as de identidades”¹⁴. Esse método de abordagem torna-se adequado ao trabalho do historiador, pois fornece “algumas chaves para a desconstrução do discurso”, sem exigir necessariamente “conhecimentos linguísticos de grande envergadura”, e, “diante dos possíveis limites da escolha das palavras-tema, o historiador pode resolvê-lo ou através da quantificação, ou por meio de opções guiadas pelo seu tema e hipóteses de trabalho”¹⁵.

Além desses tipos de relações, são também destacados os conflitos discursivos estabelecidos no interior do discurso do *Artista*, a partir da ideia de que esses confrontos caracterizam-se pela existência de dois contextos discursivos antagônicos, no qual “os interlocutores se constituem como dois espaços sociais com igual poder de palavra, mas adversários entre si, dando-se através desse antagonismo uma luta pela hegemonia de cada um deles”¹⁶. Nessa linha, o confronto se estabelece a partir “da busca do convencimento do

¹⁴ ROBIN, Régine. **História e linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 153-155.

¹⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 381.

¹⁶ MARTINS, Eleni. **Enunciação e diálogo**. Campinas. Editora da UNICAMP, 1990. p. 180.

leitor, esvaziando-se de sentido o discurso do antagonista”¹⁷. É ainda destacada a construção realizada pelo jornal *Artista* quanto às figuras do “aliado” e do “adversário”¹⁸, segundo a visão dos responsáveis pelo periódico, determinando-se as diferentes versões apresentadas em relação a cada um desses.

Assim, as informações publicadas pelos jornais não correspondem à realidade vivida no passado, mas sim à criação por ele promovida a respeito dos fatos, por meio de uma construção discursiva. O objetivo da pesquisa desse modo volta-se à compreensão desse discurso construído sob o viés histórico, tendo em vista que todo o discurso é fruto de seu meio, estando profundamente relacionado com as condições externas e internas de sua produção e, enfim, com o seu contexto histórico.

Desse modo, é fundamental um conhecimento do próprio objeto de estudo e da sua conjuntura histórica, obtido a partir da bibliografia especializada. A partir desse “cuidadoso estudo da inter-relação entre a produção discursiva e o meio histórico no qual ela foi entabulada e da manifesta historicidade do discurso da imprensa” surge a possibilidade de “proceder à reconstrução de uma realidade a respeito dos mais variados elementos constitutivos de uma determinada sociedade, num momento histórico”¹⁹. Nesse sentido, “é preciso elaborar o contexto” no qual os jornais circularam, sem “desconsiderar o quadro político, econômico, social e cultural de sua emergência”²⁰.

Essa História **da** imprensa vem a se inter-relacionar com uma História **por meio da** imprensa, no destaque às matérias publicadas pelo jornal como ferramenta para o ensino da História. A imprensa tem sido utilizada de modo crescente como tema para as pesquisas históricas, mas, em grande parte, há uma tendência de que tais estudos fiquem concentrados ao meio universitário,

¹⁷ PINTO, Céli Regina. A sociedade e seus discursos. In: **Com a palavra o senhor Presidente**. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 55.

¹⁸ ALVES, 2002, p. 22.

¹⁹ ALVES, 2002, p. 20.

²⁰ ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do Jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: **Cadernos da PPG em História da UFRGS**. n. 13, dez. 1995. p. 26.

sem necessariamente haver um contato maior com as questões em torno do ensino fundamental e médio. A possibilidade de repassar ao menos parte dos resultados dessas pesquisas executadas nas universidades para a atividade escolar está intimamente ligada à ampliação das fontes utilizadas para ensinar História.

Entretanto, a relação entre “o trabalho especializado em História” produzido nas universidades e o ensino nas escolas, tem se caracterizado por uma verticalidade, “na qual o ensino fundamental estava submetido às propostas advindas dos setores intelectuais, situados nas universidades, detentoras da ciência, vinculadas às esferas burocráticas do poder estatal e às empresas editoriais”, por meio dos livros didáticos²¹. Diante disso, há uma necessidade de superação em tais relações, pois não se pode reduzir o saber escolar ao conhecimento acadêmico transposto, aos manuais, nem aos programas, nem aos projetos de ensino e ao conhecimento prévio do aluno” para que seja realizada “a necessária reformulação curricular, no cotidiano da sala de aula”²².

A utilização de novas fontes para o estudo da História nas escolas pode ser uma das possibilidades para a realização dessa “ponte” entre a pesquisa universitária e o ensino fundamental e médio, desde que tomados os devidos cuidados. Muitas vezes, essa renovação de fontes se dá por meio “de adequações superficiais, na medida em que a inovação não é um produto, um processo” ou “uma atitude”. Dessa forma, tal procedimento deve ser “uma maneira de ser e estar na educação”, devendo haver “o redimensionamento de tais práticas, em direção à priorização de reflexões acerca das especificidades e das linguagens próprias” destas fontes²³.

À medida que tais cuidados forem tomados, se abre a possibilidade da

²¹ FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada**. 13^a.ed. Campinas: Papyrus, 2011. p. 123.

²² ABUD, Katia Maria. A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C. & GASPARELLO, Arlette Medeiros & MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino da História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2007. p. 115.

²³ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 64.

utilização de novas fontes, inclusive os jornais, não só os contemporâneos, mas também aqueles que circularam no passado. O jornal é “uma fonte primária de informação” e “espelha muitos valores”, tornando-se “assim um instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e profissional”. Como a imprensa escrita “apresenta um conjunto dos mais variados conteúdos, preenche plenamente seu papel de objeto de comunicação”, “mas não só, pois como os pontos de vista costumam ser diferentes e mesmo conflitantes”, os periódicos levam “o aluno a conhecer diferentes posturas ideológicas frente a um fato, a tomar posições fundamentadas e a aprender a respeitar os diferentes pontos de vista, necessários ao pluralismo numa sociedade democrática”²⁴.

A utilização de tal fonte jornalística traz para o ensino da História informações que podem contribuir diretamente tanto para “os novos temas” ou “a releitura atualizada de certos ‘temas clássicos’” que vêm sendo promovidos em sala de aula²⁵. Os jornais do século XIX, como o *Artista*, permitem esse contato direto com temas variados que compõem o conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, permitindo a convivência do aluno com pontos de vista e modos de pensar de uma outra época.

É evidente que a utilização direta/indireta desses documentos como fontes/objeto de ensino requer uma série de cuidados de parte do professor, quanto à idade, maturidade e capacidade de interpretação dos alunos. Torna-se necessário, desse modo, “explicar o documento” fazendo o estudante “confrontar seus conhecimentos ou os dados que obteve em uma pesquisa com os elementos constitutivos do documento”, além de “situá-lo no tempo e no espaço, procurando realizar uma reconstituição, a mais razoável possível, dos elementos e acontecimentos que possibilitem esclarecê-lo”²⁶.

Dessa forma, há a necessidade de preparar os alunos, explicando-lhes

²⁴ FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. 10ª. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11.

²⁵ PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 7.

²⁶ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. 2ª. ed. São Paulo: Scipione, 2009. p. 122.

“alguns elementos básicos que compõem os jornais”²⁷. Fundamental também é a conscientização de parte do professor para com o aluno quanto ao uso do jornal em sala de aula, desenvolvendo a noção de que ela atua como criador de uma realidade e não como uma fonte que só diz verdades, agindo, isto sim, por meio da construção de discursos. De acordo com tal enfoque, “o importante no uso de textos jornalísticos é considerar a notícia como um discurso que jamais é neutro ou imparcial”, de maneira que “a veiculação das notícias e informações precisa ser apreendida em sua ausência de imparcialidade, para que se possa realizar uma crítica referente aos limites do texto e aos interesses de poder implícitos nele”²⁸, observando-se que o jornal “lida com ideias, argumento, crítica” diante dos fatos²⁹.

Diante disso, “utilizar jornais em sala de aula exige, além da escolha de um eixo temático, a definição de períodos e publicações a serem pesquisados”, permitindo “aos alunos estabelecer relações, causas e consequências de diferentes matizes em um mesmo processo histórico”³⁰. Dessa maneira, há, inclusive, a possibilidade de serem estabelecidas comparações entre os jornais contemporâneos e os do passado, com a identificação das diferenças de linguagem e formas de redação³¹. A renovação de fontes, com a utilização inclusive de jornais, permite também um aprimoramento da capacidade de leitura dos alunos. Essa “necessidade do retorno à leitura pode servir como uma forma de reagir à moda atual” de substituir o ato de ler “por *pesquisas virtuais*, parafernalias tecnológicas e debates sem conteúdo”, que “está levando a um progressivo empobrecimento cultural de alunos e professores”, pois “o pensamento crítico não se sustenta sem leitura”³².

Nessa associação entre uma história **da** imprensa, e uma história **por**

²⁷ ABUD, Kátia Maria et al. O uso de jornais nas aulas de História. In: **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 32-34.

²⁸ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 337.

²⁹ FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. 9ª.ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 118.

³⁰ ABUD, 2010, p. 31 e 38.

³¹ FARIA, Maria Alice & ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 26.

³² PINSKY Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, L. (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 35.

meio da imprensa, levando em conta o *Artista*, são múltiplos os possíveis enfoques históricos que se pode observar a partir do conteúdo do jornal, envolvendo aspectos sociais, políticos, econômicos, ideológicos, culturais, entre tantos outros. Entretanto, na forma de estudos de caso, foi necessário o estabelecimento de uma delimitação temática, tendo em vista, fundamentalmente, as maiores possibilidades de adaptação à realidade escolar e ao tempo de execução desta pesquisa dissertativa. Dessa forma, são abordados essencialmente três eixos temáticos:

- a ação do imperialismo no Brasil: as reações contrárias do periódico diante da “diplomacia da canhoneira” britânica durante a Questão Christie;
- as estruturas político-partidárias do período imperial: a defesa de parte do jornal de um purismo partidário, voltado à causa liberal;
- o mundo do trabalho: a visão do jornal sobre os trabalhadores em geral e os artífices especificamente.

A escolha de tais eixos justifica-se por todos estarem inclusos no conteúdo de “História do Brasil”, envolvendo temas do século XIX que podem ser abordados em sala de aula, mas muitas vezes o são de forma muito precária e rarefeita. O imperialismo britânico sobre o Estado brasileiro, quando chega a ser abordado em sala de aula, na maioria das vezes restringe-se a uma visão generalista e, por vezes, simplista. A estrutura partidária do Brasil monárquico muitas vezes é observada nas escolas como uma pacífica alternância entre liberais e conservadores, sem levar em conta as tendências de aproximação e rupturas existentes entre os dois partidos. Já a vida dos trabalhadores, em geral, é muito pouco enfocada no aprendizado escolar, normalmente limitada às perspectivas voltadas aos avanços industriais.

A partir das páginas do *Artista*, torna-se possível observar a visão do jornal acerca do imperialismo britânico por ocasião da Questão Christie, trazendo uma perspectiva diferenciada em relação às tradicionais versões de uma certa aceitação do Brasil no que tange às relações de dependência, revelando que houve um espírito de reação para com as mesmas, na

verdadeira “cruzada” movida pela imprensa contra a “diplomacia da canhoneira” inglesa, na qual estiveram inseridas as manifestações do *Artista*. No que tange à conjuntura político-partidária brasileira à época monárquica, o *Artista* definiu-se desde o início como uma folha voltada ao ideário liberal, mas não aceitava as tendências de conciliação partidária, optando por apresentar-se como um “liberal puro”. Finalmente, pode-se observar uma “visão de dentro” da causa dos trabalhadores, ou seja, os artífices definidos por si mesmos e suas visões de sociedade. Por si só, tal enfoque já constitui um diferencial por abordar a década de sessenta, uma vez que, a maior parte das pesquisas históricas tem se voltado ao estudo do operariado brasileiro já na virada do século XIX ao XX, momento de maior organização das entidades de trabalhadores.

Além de constituírem excelentes motes para o ensino da História, tais eixos temáticos foram selecionados, tendo em vista suas recorrentes inserções nas páginas do periódico rio-grandino, como pode ser observado no levantamento seguinte, ressaltando as presenças de tais temas dentre as matérias do jornal:

● **Eixo temático: ação do imperialismo britânico sobre o Brasil**

- edições de 19 jan. 1863. p. 1-2; 2 fev. 1863. p. 1,2 e 3; 3 fev. 1863. p. 1, 2 e 3; 23 fev. 1863. p. 1-2; 9 mar. 1863. p. 1; 4 mai.1863. p. 1; 18 mai. 1863. p. 1; 13 jul. 1863. p. 1-2.

● **Eixo temático: estruturas político-partidárias do Brasil imperial**

- edições de 15 set.1862. p. 1-2; 1º jun. 1863. p. 1; 8 jun. 1863. p. 1; 15 jun. 1863. p. 1; 22 jun. 1863. p. 1; 29 jun. 1863. p. 1; 3 ago. 1863. p. 1; 10 ago. 1863. p. 1.

● **Eixo temático: o mundo do trabalho**

- edições de 15 set. 1862. p. 2; 29 set. 1862. p.1; 6 out. 1862. p. 1; 13 out. 1862. p.1; 24 nov. 1862. p. 1, 2 e 3; 15 dez. 1862. p.1-2; 17 ago. 1863. p. 1-2.

A atividade junto aos alunos com os textos do *Artista* a respeito de tais

temas permite não só um contato com o conteúdo de um documento de época, como também serve para contradizer uma versão muitas vezes predominante que os assuntos históricos abordados em sala de aula referem-se a realidades circunscritas apenas ao centro do país. Nesse sentido, o uso de um jornal rio-grandino possibilita uma aproximação com o contexto provincial e citadino, mostrando ao aluno que tais temas também foram influenciados por perspectivas regionais e locais e que o documento que traz tais narrativas – o jornal – circulou na sua cidade e seus exemplares ainda estão preservados na Biblioteca Rio-Grandense e sua consulta está à disposição de todos.

Feito o levantamento de textos que podem ser utilizados como fonte para o ensino da História, se complementou a pesquisa realizada **por meio da** imprensa, através da aplicação de tais fontes em sala de aula. Assim, por meio da pesquisa-ação, foram levados fragmentos de textos referentes aos três eixos temáticos para serem trabalhados junto aos alunos.

A partir desta ação se dá a complementação de uma das metas fundamentais deste trabalho que é a articulação entre ensino e pesquisa na realização das aulas de História. Tal relação que deveria ser indissociável, mas que nem sempre o é, tendo em vista as enormes dificuldades que cercam o processo de ensino-aprendizagem, leva em conta que, a partir da pesquisa, ocorre a “possibilidade de resgate da dimensão política e cultural, do rigor metodológico que envolve o ensino de História”, bem como propicia “a criatividade na construção de novos caminhos frente aos problemas constatados”³³.

Nessa perspectiva, a pesquisa-ação pode ser também um dos mecanismos para sobrepujar aquelas dificuldades que tanto têm prejudicado a ação do docente, “despontencializando sua capacidade profissional, desgastando-o no exercício do magistério” e mesmo afetando “a sua imagem perante a sociedade”, de maneira que “tudo isso recomenda novas condutas e maneiras de ser professor que viabilizem a recuperação da autoestima”, um

³³ HORN, Geraldo Balduino & GERMINARI, Geyso Dongley. **O ensino de História e seu currículo: teoria e método**. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 95.

“princípio básico mobilizador da necessária e urgente recuperação da valorização social da profissão”³⁴.

Apesar das críticas em torno da pesquisa-ação, em grande parte originadas de preconceitos academicistas, ela pode trazer em si “uma relação de trabalho que reconhece os sujeitos da educação – professores e alunos – enquanto seres responsáveis e capazes de significar essa relação”³⁵. Nesse sentido, pode-se também levar em conta e revalidar a criação de saberes em sala de aula, a partir da perspectiva de que a “constituição de um saber escolar tem por base a compreensão de que a educação escolar não se limita a fazer uma seleção entre o que há disponível na cultura num dado momento histórico”, bem como “tem por função tornar os saberes selecionados efetivamente transmissíveis e assimiláveis”. Para tanto, torna-se necessário “um trabalho de reorganização, reestruturação ou de transposição didática, que dá origem a configurações cognitivas tipicamente escolares”³⁶.

Assim, a pesquisa-ação pressupõe uma ampla possibilidade de criação de saberes, em oposição à perspectiva de que todo o saber escolar deve chegar pronto e imutável à sala de aula. Desse modo, o ensino de História pode realmente tornar-se “um caminho para que os alunos se apoderem do conhecimento histórico” e, a partir da “observação do processo de apropriação e incorporação do conhecimento” será possível “avaliar o alcance dos objetivos inicialmente pretendidos junto aos alunos”³⁷.

É nesse sentido que houve uma incursão à pesquisa-ação, levando a determinados grupos de alunos, textos referentes aos três eixos temáticos originados das páginas do jornal rio-grandino *Artista*. Tal ação ocorreu no

³⁴ PENTEADO, Heloísa Dupas. A relação docência/ciência sob a perspectiva da pesquisa-ação. In: PENTEADO, Heloísa Dupas & GARRIDO, Heloísa (Orgs). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 23.

³⁵ PENTEADO, Heloísa Dupas. Pesquisa-ensino: comunicação, significação e mídias. In: PENTEADO, Heloísa Dupas & GARRIDO, Heloísa (Orgs.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 72-73.

³⁶ MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 83.

³⁷ SOARES, Olavo Pereira. A pesquisa-ensino no ensino de História. In: PENTEADO, Heloísa Dupas & GARRIDO, Heloísa (Orgs). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 140.

âmbito de escolas onde a autora já trabalha há bem mais de uma década, conhecendo a realidade que cerca os alunos, suas famílias e vivências sociais. Ambas se localizam em bairros periféricos, próximos à região denominada “Junção”, a qual representa de certo modo um centro geográfico citadino, tendo em vista a sua crescente tendência de expansão:

ESCOLA I – Escola Municipal de Ensino Fundamental Sant’Ana

- caráter institucional: municipal
- nível de ensino: fundamental
- endereço: Rua Colômbia, 586
- número de alunos: 693
- turno: diurno
- turmas nas quais se realizou a pesquisa: 8º ano (antiga 7ª série) – turmas C, e D
- total de alunos com o quais se realizou o trabalho: 49
- média de idade dos alunos: 14 anos (extremos de idade – mínimo - 13 anos; máximo - 17 anos)
- carga horária de História:
- conteúdo programático de História do Brasil: Período Joanino; Formação do Estado Nacional; I Reinado; Período Regencial; II Reinado – política e economia; II Reinado – sociedade e cultura; e transição para a República.

ESCOLA II – Escola Estadual de Ensino Fundamental Marechal Emílio Luiz Mallet

- caráter institucional: estadual
- nível de ensino: fundamental
- endereço: Rua Peru, s/nº
- número de alunos: 502
- turno: noturno
- turmas nas quais se realizou a pesquisa: EJA – Totalidade 6
- total de alunos com o quais se realizou o trabalho: 36
- média de idade dos alunos: 18 anos (extremos de idade – mínimo - 15 anos; máximo - 48 anos)
- carga horária de História:
- conteúdo programático de História do Brasil: Formação do Estado Nacional; I Reinado; Período Regencial; II Reinado – política e economia; II Reinado – sociedade e cultura; transição para a República: República Velha – política e economia; República Velha: sociedade e cultura.

A utilização dos textos selecionados do jornal *Artista* como material didático foi realizada ao longo do primeiro e do segundo semestre de 2013, não de maneira isolada, mas sim articulada e inserida no contexto do conteúdo trabalhado. Além disso, foi realizada toda uma preparação dos estudantes em

relação ao trabalho, a partir de cuidados como: uma inserção dos temas abordados a partir dos três eixos temáticos no conjunto do conteúdo a ser desenvolvido; uma breve explicação da relevância e evolução histórica da imprensa no contexto nacional, regional e local; um destaque à importância da imprensa rio-grandina no âmbito do século XIX; uma abordagem da gênese do jornal *Artista* e sua construção discursiva; e uma explicação quanto ao eixo temático trabalhado. A partir daí deu-se uma leitura e interpretação do texto, levando em conta a utilização de dicionários para os termos de mais difícil compreensão e as respectivas explicações de parte da professora.

Para cada texto foi realizado um trabalho específico, visando analisar a interpretação realizada pelos alunos, notadamente por meio de propostas reflexivas. Ao final dos trabalhos, houve o preenchimento de uma ficha de acompanhamento. Tais resultados foram tabulados e classificados e, em essência se buscou estabelecer os níveis de abstração e apreensão do conhecimento histórico dos alunos, dando-se, assim, plena execução à pesquisa-ação.

Dessa maneira, a realização do Mestrado Profissional em História da FURG permitiu a continuidade do estudo do *Artista*, um importante periódico da imprensa rio-grandina e gaúcha, levando em conta as experiências anteriores, as quais foram aprimoradas, voltando-se as mesmas a uma maior ênfase para a utilização no ato de ensinar a História. Através da execução de uma pesquisa **da e por meio da** imprensa e, em síntese, de uma pesquisa-ação, foi possível, ainda que modestamente, “qualificar a prática docente”, “qualificar a prática de pesquisa”, “transformar o professor e o pesquisador” e contribuir com a docência, “com sólida fundamentação e referendada na ação”³⁸.

Nesse sentido, a conclusão do Curso e a defesa desta dissertação levam a uma certa consolidação de uma carreira acadêmica e profissional, pois, “para a realização do ensino, os professores mobilizam um conjunto de saberes”, entre os quais estão inclusos “os saberes disciplinares, curriculares,

³⁸ PENTEADO, Heloísa Dupas. Pesquisa-ensino: uma modalidade de pesquisa-ação. In: PENTEADO, Heloísa Dupas & GARRIDO, Heloísa (Orgs). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 43.

pedagógicos e da experiência, que se articulam numa teia complexa”, na qual “os saberes da experiência desempenham um papel estratégico na identificação do que é válido para a ação”³⁹.

Dessa forma, típico representante da pequena imprensa durante seu primeiro ano de existência, o *Artista* manifestou um espírito essencialmente crítico em relação às estruturas vigentes à época no Brasil imperial. Ainda que fosse uma jovem publicação, com pequeníssimas condições de estrutura técnica e financeira, o semanário dos artífices trouxe às suas páginas profundas discussões sobre temáticas as mais variadas, pertinentes não só ao contexto local, mas também provincial, nacional e até internacional. Desde aspectos comezinhos e detalhes da vida cotidiana até condições estruturais e conjunturais da vida em sociedade se manifestavam plenamente nas folhas impressas daquela publicação recém-inaugurada.

Diante desse amplo espectro de manifestações do *Artista*, relacionado aos mais diversos enfoques, tornam-se possíveis variadas formas de abordagem dos temas por ele noticiados/comentados. Uma dessas modalidades de análise se dá através da realização de estudos de caso específicos em relação às diversas construções discursivas estabelecidas pelo periódico. Assim, do conjunto discursivo do jornal, podem ser elencados os enfoques que compõem os três eixos temáticos que tiveram maior recorrência nas páginas do periódico – a ação do imperialismo britânico no Brasil, as estruturas político-partidárias brasileiras à época imperial e o mundo do trabalho, os quais dão corpo a cada um dos capítulos desta dissertação, passando-se, em cada um deles de uma história **da** imprensa para uma história **por meio da** imprensa, através da pesquisa-ação.

³⁹ MONTEIRO, 2007, p. 37-38.

UMA FOLHA A SERVIÇO DOS ARTÍFICES: A GÊNESE DO JORNAL RIO-GRANDINO ARTISTA

As atividades tipográficas tiveram um significado transcendente na história da humanidade. A invenção de Gutenberg no século XV esteve inserida num amplo processo histórico de transformações. Era uma etapa de transições do mundo feudal para a modernidade e as sociedades, notadamente as ocidentais, passavam por amplas modificações. No campo político, a descentralização feudal dava progressivamente espaço à centralização e concentração de poderes nas mãos dos soberanos, com a formação dos novos Estados nacionais. Economicamente, haveria um renascimento urbano-comercial, sendo progressivamente substituídas as estruturas auto-suficientes dos feudos para a ordenação de uma economia mercantil, embasada na expansão marítimo-comercial europeia e a consequente colonização no contexto afro-asiático e principalmente americano. No fundamento social, dava-se a ascensão da burguesia que, associada aos reis, iniciava um desalojar da tradicional nobreza que perdia poder, tornando-se cada vez mais cortesã e dependente dos monarcas. No que tange à ideologia, ganhavam espaço os ideais absolutistas, legitimando soberanos detentores de plenos poderes e supostamente legitimados pela vontade divina. No que se refere à religião, a poderosa Igreja Católica passava a ser contestada pelos movimentos reformistas e buscava reordenações internas com a Contra-Reforma. Finalmente, no âmbito cultural, se daria o renascimento da cultura clássica com amplas transformações no campo intelectual, artístico e literário.

Nesse ambiente de transições, a tipografia teria um papel fundamental. Os novos Estados nacionais precisaram de um amplo aparelho burocrático e da divulgação dos novos regramentos estatais, utilizando-se em grande escala

dos papéis impressos. Os avanços marítimos e o sistema colonial exigiram uma crescente demanda por registros e controle fiscal das colônias, encontrando nas atividades tipográficas uma solução para tais necessidades. A ascensão burguesa encontraria nos prelos um de seus elementos de legitimação e proliferação das novas ideias, assim como os pressupostos absolutistas foram divulgados com maior profusão a partir dos textos impressos. As disputas entre católicos e reformistas também encontraram significativa difusão por meio dos papéis oriundos das prensas. E o renascimento cultural teve na tipografia um fator essencial na propagação das novas ideias.

Dessa forma, as atividades tipográficas, por sua vez e a seu modo, também representariam uma verdadeira “revolução” naquela etapa histórica de transições e a ação dos prelos difundiu-se crescentemente pela Europa e pelo mundo. Nos séculos seguintes, a evolução dos prelos levaria ao surgimento da imprensa periódica propriamente dita, a qual cada vez mais teria um papel decisivo na vida em sociedade. Desde as suas formas precursoras até a consolidação dos periódicos, a imprensa deixaria de ser sinônimo apenas da tipografia e viria a constituir um elemento de profunda atuação, consistindo-se em fator decisivo nos rumos das vivências humanas.

Assim, a imprensa constituiu um dos mais importantes fatores de transformação das sociedades contemporâneas, refletindo “uma mudança de fase cultural decisiva e maciça” ocorrida nos últimos séculos¹, de modo que, na maioria dos países a imprensa se estabeleceu “como uma força social” perene desde suas origens até a contemporaneidade². Além de constituir um “fenômeno de informação na perspectiva de sua evolução histórica”, é marcante também “a influência e a importância do jornalismo na sociedade” em suas mais variadas vivências e estruturas³. Ao longo do século XIX, em escala mundial, haveria um cada vez mais intenso avanço das atividades jornalísticas, tendo “a imprensa um desenvolvimento excepcional” e atingindo um maior

¹ EISENSTEIN, Elizabeth L. **A revolução da cultura impressa**. São Paulo: Ática, 1998. p. 299.

² BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 201.

³ QUINTERO, Alejandro Pizarroso. O estudo da história da imprensa. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso. **História da imprensa**. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 3.

número de pessoas⁴. Dessa forma, “nos dois primeiros terços do século XIX, a imprensa fez progressos consideráveis” e tal desenvolvimento “foi paralelo à evolução geral do mundo ocidental”, apresentando “notáveis diferenças nacionais, mas as causas fundamentais permaneciam as mesmas em todos os países”⁵.

Os avanços do jornalismo se fariam sentir nas mais variadas partes do mundo e no Brasil não seria diferente. Na segunda metade do século XIX, “a agitação que revelava o aprofundamento das contradições da sociedade brasileira, despertou o interesse pelas reformas”, as quais “começaram a ser propostas e discutidas, cada vez com mais veemência, pontilhadas pelas questões que iam surgindo, conduzidas ou resolvidas em clima de crescente turbulência”. Essas “questões e reformas refletiam-se na imprensa, naturalmente, e esta ampliava a sua influência, ganhava nova fisionomia, progredia tecnicamente, generalizava seus efeitos”, espelhando “o quadro que o país apresentava”. Nesse sentido, ocorreria uma enorme difusão do jornalismo, uma vez que “o influxo dos acontecimentos multiplica os órgãos de imprensa por toda parte”, acontecendo uma significativa “proliferação de jornais”, muitos deles “de oposição, de combate, lutando pelas reformas de que o país carecia”⁶.

Tal influxo das atividades jornalísticas também se beneficiou das transformações ocorridas no império, “com a navegação a vapor, o telégrafo, a iluminação a gás, as estradas de ferro, a navegação fluvial, as obras públicas de saneamento”, bem como “o desenvolvimento da lavoura cafeeira, a rede bancária, o surto do empresariado”, levando a uma “grande euforia” com a “confiança no futuro do país”⁷. Da estabilidade política do império viria a econômica e cultural e, por consequência, também evoluiria o jornalismo, de modo que, com diferenças regionais, esses progressos tecnológicos e econômicos se espalhavam pelo Brasil e a imprensa acompanharia tal

⁴ MELO, José Marques de. **História social da imprensa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 58.

⁵ ALBERT, Pierre & TERROU, Ferdinand. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 29.

⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 223, 229-230.

⁷ CARDIM, Elmano. **A imprensa no reinado de Pedro II**. Petrópolis: s/editora, 1970. p. 10-11.

processo.

Esse “alastramento dos prelos através das províncias”⁸ refletia um período de “ampliação dos debates e das polêmicas” em relação às estruturas nacionais⁹, ou seja, o “aumento das publicações periódicas” se dava num “quadro de transformações pelas quais passavam os espaços públicos” da sociedade brasileira¹⁰, conjuntura na qual os jornais apareciam como um “agente cultural e comercial de ‘novas ideias’ e suas diversas mediações”¹¹. Dessa forma, “em todo o país a obra da imprensa jornalística se propaga” e “o leque temático amplia-se”, escrevendo-se, “e muito, sobre questões públicas, problemas de administração e economia nacional”¹². Nessa época, os periódicos tinham avanços quantitativos e qualitativos, com aperfeiçoamento tecnológico das tipografias, aumento nas tiragens e melhorias na distribuição¹³.

A ampla difusão das atividades jornalísticas alcançaria também o sul do império e “o avanço que o periodismo atingiria no quadro gaúcho, à metade do século XIX, daria vazão ao surgimento” de muitos novos títulos de jornais, de modo que “a imprensa atingia lugar de destaque na província, mormente em virtude do aprimoramento tecnológico que permitia a expansão do número de exemplares e, por conseguinte, de leitores”¹⁴. Tal processo deu-se em um “contexto mais amplo” traduzido pelo “ciclo de desenvolvimento agrícola e comercial que transformou a estrutura econômica a partir de 1860”, quando ocorreria um “crescimento econômico que fomentou um aumento demográfico e a geração de riquezas que serviriam de base” e, mais tarde, “para o surgimento das primeiras indústrias e a modernização da sociedade rio-

⁸ ROMANCINI, Richard & LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007. p. 51.

⁹ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 16.

¹⁰ MOREL, Marco. Em nome da opinião pública: a gênese de uma noção. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das & MOREL, Marco. **História e imprensa**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1998. p. 100.

¹¹ MOREL, Marco & BARROS, Mariana Monteiro. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 44.

¹² MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de império. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 51-52.

¹³ BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1990. p. 107.

¹⁴ ALVES, Francisco das Neves. O periodismo gaúcho no século XIX: breves impressões históricas. In: **Revista Biblos**. v. 23. n. 2. Rio Grande: Editora da FURG, 2009. p. 145.

grandense”¹⁵.

Nesse quadro, haveria uma proliferação de jornais pela província, de modo que “quase não havia localidade que não tivesse imprensa própria ou muito vizinha”¹⁶. No Rio Grande do Sul das décadas de cinquenta e sessenta do século XIX, o jornalismo foi marcado “por um crescimento quase que contínuo, prejudicado apenas pelos conflitos bélicos nos quais o Brasil se envolveu”. Nessa conjuntura de expansão, “além do praticamente constante aumento no número de folhas a circular nos mais longínquos recantos da província, dar-se-ia também uma diversificação das atividades jornalísticas” e ainda “uma especialização de determinados periódicos”¹⁷.

Em tal etapa, ocorreria uma “multiplicidade de jornais” no Rio Grande do Sul, a qual foi “proporcional à variedade de interesses” que surgiam. Essas “novas publicações” poderiam ser “humorísticas, ilustradas, joco-sérias, caricatas, noticiosas”, literárias, entre outras, além dos “órgãos representativos de diversas classes sociais”, constituindo “jornais de circulação dirigida”¹⁸. Nessa fase, a cidade do Rio Grande teve um “importante papel” no contexto da “imprensa da província”, o qual lhe coube não só pela “prioridade na edição simultânea de diários”, como pelo fato de que “a doutrina que expendiam refletia-se” até mesmo no centro do império¹⁹.

Durante o século XIX, a cidade do Rio Grande se tornaria uma das mais importantes da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Ainda que tenha perdido parte de suas funções políticas na administração regional, a cidade portuária se tornava o centro comercial gaúcho, por onde eram comercializados os produtos rio-grandenses originados da pecuária. Nesse quadro, “o progresso econômico advindo da condição de porta de entrada da província,

¹⁵ RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 3ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 37.

¹⁶ SCHNEIDER, Edgar Luiz. Imprensa sul-rio-grandense nos séculos XIX e XX. In: **Fundamentos da cultura rio-grandense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962 (quinta série). p. 97.

¹⁷ ALVES, Francisco das Neves. A imprensa. In: **História do Rio Grande do Sul – Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 2, p. 355-356.

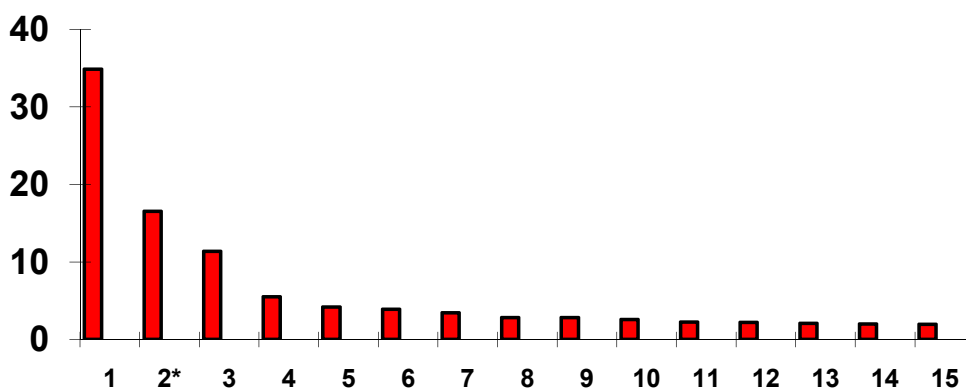
¹⁸ SILVA, Jandira M. M. et alii. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense**. Porto Alegre: CORAG, 1986. p. 123.

¹⁹ BARRETO, Abeillard. **A imprensa do Rio Grande no tempo do Império**. RIO GRANDE. Rio Grande, 27 jun. 1935. p. 4.

geraria, por sua vez, as condições necessárias ao desenvolvimento urbano”, visando-se “conquistar e domesticar o espaço original, bem como corrigir muitos dos problemas gerados neste, a partir da fixação humana”, havendo, assim, “uma constante busca por dotar a cidade de um arcabouço cultural que reproduzisse os padrões europeus”. Essas “transformações promovidas visavam uma modernização do espaço habitado”, assim como “deveriam servir como prova de que a localidade estava atingindo o tão almejado padrão de cidade portadora dos princípios da civilização”²⁰.

Nesse contexto, a imprensa exerceria um importante papel nos progressos da cidade do Rio Grande durante o século XIX, constituindo-se o jornalismo rio-grandino num dos mais importantes no quadro provincial de então. Esse destaque deu-se “tanto pela quantidade, quanto pela qualidade de seus periódicos”, pois, “além de ter sido uma das primeiras localidades gaúchas a possuir jornais, o Rio Grande teve algumas das mais perenes folhas em termos provinciais/estaduais, as quais chegaram a circular por mais de seis décadas”. Dessa maneira, naquele século, a imprensa da cidade do Rio Grande, “em âmbito regional, só foi superada pela porto-alegrense e seguida com proximidade pela pelotense, ficando bem distanciada com relação a outras localidades gaúchas”²¹. Tal característica pode ser observada no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Cidades com maiores médias de jornais circulando no século XIX (em %)²²



1= Porto Alegre 2*= RIO GRANDE 3= Pelotas 4= Jaguarão 5= Santana do Livramento
6= Cruz Alta 7= Uruguaiana 8= Santa Vitória do Palmar 9= Bagé 10= Santa Maria
11= São Gabriel 12= D. Pedrito 13= Quarai 14= Alegrete 15= São Leopoldo

²⁰ ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. **A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-historiográfica**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1997. p. 59.

²¹ ALVES, Francisco das Neves. **A pequena imprensa rio-grandina no século XIX**. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 54.

²² Gráfico elaborado por ALVES, 1999, p. 56.

A relevância socioeconômica da cidade do Rio Grande no contexto sul-rio-grandense se refletiria também nas práticas jornalísticas, de modo que muitos dos jornais ali produzidos eram também lidos em outras localidades, notadamente, naquelas circunvizinhas. Nesse sentido, a cidade portuária reproduzia fielmente o processo histórico que marcava o próprio Rio Grande do Sul, pelo qual “já se encontram aspectos que indiciam a paulatina transformação que a província começa a vivenciar” e, “da pouca presença de receptores de anos atrás, chega-se à valorização do ato de leitura e à formação de pessoas” com conhecimento literário²³, de modo que tal município atuaria até mesmo como um pólo de irradiação cultural.

Seguindo os passos do conjunto da imprensa rio-grandense, o jornalismo rio-grandino do século XIX desenvolveu-se em três fases – a primeira foi do surgimento dos primeiros jornais, na década de trinta, até o fim da Revolução Farroupilha, na qual predominaram os jornais político-partidários; a segunda, dos anos quarenta a sessenta, caracterizada por um crescimento e diversificação; e a terceira, nas três últimas décadas, quando ocorreria o apogeu do jornalismo daquela centúria²⁴. Levando em conta a “segunda fase, o jornalismo na cidade” teve um “significativo crescimento numérico”, bem como caracterizou-se “por um processo de diversificação, com a prática de diferentes estilos jornalísticos”²⁵. No contexto desta segunda etapa, se daria o surgimento do *Artista*, cuja origem ocorreu numa época de especialização do jornalismo, ou seja, circulavam folhas com uma proposta editorial específica, caso do *Artista* e sua “missão” de orientar e defender os trabalhadores.

O termo “artista” refere-se à “pessoa que professa as belas-artes; pessoa que revela sentimento artístico; artífice; operário; amante das artes; engenhoso; astucioso”, constituindo, portanto, uma “expressão com vários sentidos”. Embora na atualidade tal termo esteja “muito mais ligado àqueles

²³ PÓVOAS, Mauro Nicola. O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). **Imprensa, história, literatura e informação**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2007. p. 32.

²⁴ Fases no contexto rio-grandense e rio-grandino expressas respectivamente em: REVERBEL, Carlos. Tendências do jornalismo gaúcho. In: **Fundamentos da cultura rio-grandense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1957 (segunda série). p. 101-102, 120-121, e 123-124.; ALVES, 1999, p. 354-359.

²⁵ TORRES, Luiz Henrique. **Rio Grande: 180 anos de jornalismo**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2012. p. 7.

que atuam no meio artístico (as belas-artes), o termo artista, no passado, caso do século XIX, servia para designar um segmento dentre os trabalhadores”. Nesse sentido, artistas “eram aqueles que desempenhavam um dado ofício, ou seja, um artífice” apesar de que, “com o tempo, a palavra acabasse também vindo a servir para denominar o operariado, ainda mais numa época de transições, na qual o antigo executor das artes e ofícios”, ou seja, “autônomo e proprietário de suas ferramentas, se tornaria, progressivamente, o proletário urbano”²⁶. Daí derivaria o título do jornal rio-grandino criado a 15 de setembro de 1862 (ver Anexo 1).

Já no seu primeiro número, o *Artista* apresentou-se como um jornal político, noticioso e crítico, de propriedade de Guimarães, Lemos, Cunha, Mello e Cia.²⁷ (mais tarde apenas Cunha & Mello), operários de um outro jornal rio-grandino, o *Echo do Sul*, em cujas oficinas tipográficas passou a ser impresso. O próprio jornal *Echo* anunciou em suas páginas o surgimento do novo periódico rio-grandino: “distribuiu-se ontem, pela cidade, o primeiro número de um novo jornal intitulado *Artista*”, cuja propriedade é “de alguns operários de nosso estabelecimento, que se propõem a ter e sustentar um órgão na imprensa periódica do lugar”. Observava ainda o editor do *Echo* que se o *Artista* se mantivesse fiel ao seu programa, utilizando-se de uma linguagem “vigorosa mas decente, ele encontrará em nós um apoio sincero e decidido, um colega e um companheiro fiel”²⁸.

Ao contrário do *Echo do Sul*, um jornal mais jovem, fundado em 1858, e aberto a amplos debates, que viu o novo jornal dos artífices surgir em suas próprias oficinas, tendo especial atenção e consideração para com o mesmo, o *Diário do Rio Grande*, publicação mais antiga, tendo surgido em 1848, tradicional e conservadora, teve uma visão pouco simpática em relação à nova folha. Através de uma nota, o *Diário* informava que “mais um jornalzinho

²⁶ ALVES, Francisco das Neves. Os artistas e a questão da escravidão: um estudo de caso. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). **O mundo do trabalho na cidade do Rio Grande**. Rio Grande: FURG, 2001. p. 11-12.

²⁷ Os nomes completos dos proprietários eram: Thomaz de Mello Guimarães, João Pinheiro de Lemos, Eulálio de Mello Guimarães, Antônio da Cunha Silveira e Francisco Pereira de Mello, de acordo com: ALVES, Francisco das Neves. Comunicação e política no jornalismo rio-grandino: um estudo de caso. In: ALVES, Francisco das Neves. **Cinema e comunicação na cidade do Rio Grande**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2002. p. 11.

²⁸ ECHO DO SUL. Rio Grande, 16 set. 1862. p. 1.

apareceu”, considerando que o *Artista* parecia “a imitação de um panfleto” que queria “regenerar o mundo, acabando com todos os vícios e defeitos”. Na concepção do *Diario* aquela missão era “por demais honrosa”, mas que seria “muito superior às forças dos jovens tipógrafos que lhe deram a luz”²⁹.

Uma das preocupações do *Diario do Rio Grande* era que o novo jornal acabasse por enveredar pelos caminhos da pasquinagem, gênero jornalístico composto normalmente por “folhas de pequeno formato, circulação bastante irregular, duração efêmera e utilização, muitas vezes, de um palavreado chulo e virulento”³⁰ e que se espalhava pelo Rio Grande do Sul nessa época³¹. Para o *Diario*, a publicação dos artífices poderia ter os indicativos para seguir tal caminho, afirmando que se continuasse “a moda de aparecer a cada semana um novo jornalzinho”, seria “bem provável que, na falta de assunto em que se ocupassem”, reaparecesse a época dos pasquins, considerados uns “pirilampos que só serviram para plantar a discórdia entre as mais sãs instituições, profanando até o lar doméstico, e tudo quanto há de sagrado”. Ainda assim, o *Diario* desejava que o *Artista* não descesse “ao ponto de chafurdar no lodo pestífero de uma linguagem impura e indigna do jornalismo” e que tivesse estabilidade, desde que cumprisse suas promessas e seus proprietários tirassem dele “um meio de vida lícito e digno da pública proteção”³².

Durante a sua existência, o próprio periódico que iniciara como um semanário dos artífices e se afirmaria como um dos principais diários noticiosos e comerciais gaúchos lembraria as suas origens, ao longo das décadas seguintes, praticamente a cada um dos aniversários que completava³³. Nessa linha, quando demarcava o seu 17º ano de existência, o *Artista* trazia um “parêntesis editorial” aos seus favorecedores, destacando os seus esforços como uma “humilde folha” que, desde o início, buscara demonstrar “a maior

²⁹ DIARIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15-16 set. 1862. p. 1.

³⁰ ALVES, 1999, p. 109.

³¹ ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa gaúcha: história, historiografia & política**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2000. p. 21-23.

³² DIARIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15-16 set. 1862. p. 1.

³³ As lacunas existentes na coleção do *Artista* no acervo da Biblioteca Rio-Grandense permitiram uma pesquisa dos textos do jornal referentes aos seus aniversários apenas a partir de 1879.

perseverança e esforços, a bem de dignamente corresponder ao generoso acolhimento sempre prodigalizado pelo público”, o qual sempre auxiliara “com a sua proteção material” e “principalmente a moral”, que, mesmo nas “difíceis emergências”, nunca falhara, ressaltando ainda que o seu passado o enchia de orgulho³⁴.

Dois anos depois³⁵, o *Artista* destacava que transpunha “mais um marco, na grande senda do jornalismo da província”, e lembrava que fora “em setembro de 1862, que pela primeira vez” saíra “à luz da publicidade um periódico hebdomadário” de “propriedade de meia dúzia de operários, associados no louvável pensamento de prestar o contingente de seus esforços à grande causa da civilização e do progresso”. O editorial ainda recordava que, a partir daquela data, tratara-se “de fazer viver um jornal, que começara sem outras bases que o trabalho de seis sustentadores”, o qual, “não tendo tipografia própria, precisava sobretudo vencer o indiferentismo que então caracterizava a maior parte do público em relação às tentativas desse gênero”³⁶.

Ao completar vinte anos de existência, o jornal fazia reminiscências em relação à “história do passado”, destacando as “dificuldades com que lutara” e as “barreiras com que a cada passo” se defrontara, as quais teriam exaurido suas forças, acumulando-se “dissabores e decepções”, mas, “a despeito de todos os óbices”, ele passara “avante, com os olhos fitos no futuro e o coração preñado de esperanças”. Segundo o periódico, a sua “afanosa existência desde 1862” não era “para ninguém um mistério”, pois, ainda que tivesse nascido “obscuro, pequeno e modesto”, não abandonara suas propostas, podendo considerar-se “digno de apertar a mão a seus irmãos pelo trabalho”³⁷. Ainda enfatizando as recordações do passado, um ano depois, o periódico rio-grandino fazia questão de enaltecer sua caminhada, caracterizada pela premissa de que, “quanto mais trabalha, quanto mais luta quanto mais se afadiga, tanto mais se possui de energias e de ardimento para continuar a

³⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1879. p. 1.

³⁵ Nos números próximos a 15 de setembro de 1880, não há referências ao aniversário.

³⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1881. p. 1.

³⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1882. p. 1.

trabalhar, a lutar e a afadigar-se”³⁸.

Nessa mesma linha de enfatizar um “passado de lutas”, o jornal destacava que “em meio da jornada”, somente tropeçara “nos seixos do caminho acidentado e perigoso por onde as consciências retas e bem intencionadas procuram chegar ao cumprimento do dever”³⁹. Já no ano seguinte, o *Artista* afirmava que se desvanecia e se orgulhava de seu passado, mantendo uma linha de “esforço, trabalho e sacrifício”, desde 1862, sem “jamais receber auxílios de estranhos para manter-se”. Segundo o periódico, “o pouco ou muito que moral e materialmente” valia, se devia à “confiança e a simpatia” que inspirara “a uma parte muito respeitável da sociedade rio-grandense”, fator que constituía “sobeja recompensa dos esforços e sacrifícios” feitos “para sustentá-lo na posição em que se achava”, tendo por aspiração “a de bem servir à causa pública, pela fiel observância do dever”⁴⁰.

No número que representava o início de sua circulação ocorrida um quarto de século antes, o *Artista* ressaltava que naqueles vinte e cinco anos ocupara “na imprensa da província um posto de honra, a cujas grandes e solenes responsabilidades” tinha “procurado sempre corresponder, de modo airoso” para si mesmo “e conveniente para os interesses gerais da sociedade”. Orgulhava-se de ter chegado a tal período de existência sem ter “de corar pelo passado” ou “recear pelo futuro”, empreendendo uma “afanosa vida de publicismo”, carregada essencialmente “de energia e boa vontade” e sem que tivesse sobreposto “ao interesse público o interesse individual” e no qual poderia ter pecado por benevolência, mas jamais o teria feito “por cálculo ou conveniência”. Sempre com os olhos no passado, exclamava que nunca poupava nenhum sacrifício “para bem servir aos seus leitores e para corresponder condignamente à honrosa confiança que a eles inspirava”, podendo até sacrificar-se e “comprometer a própria existência e os interesses daqueles que o tem mantido desde o dia de sua fundação” até então, só para manter tais princípios⁴¹.

³⁸ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1883. p. 1.

³⁹ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1884. p. 1.

⁴⁰ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1885. p. 1.

⁴¹ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1886. p. 1.

Em mais um de seus aniversários, a folha enfatizava a própria consciência que historicamente mantivera de ter “cumprido os deveres” impostos a um “órgão da opinião e defensor dos interesses comuns da sociedade” e, “com orgulho”, confessava que merecera “sempre a confiança pública e o apoio dos homens de bem”, aos quais teria procurado sempre corresponder⁴². Mais tarde⁴³, em uma pequena nota, o *Artista* voltava a destacar que desde seu número original procurara “sempre cumprir a sua missão de pugnar pelos interesses comuns da sociedade, pela liberdade e pela justiça”⁴⁴. O apelo à memória a respeito de sua gênese voltava a ser enaltecido no ano seguinte, quando o periódico noticiava que “há trinta anos um grupo de operários, formando uma espécie de sociedade cooperativa, fez aparecer pela primeira vez nesta cidade” aquela publicação, a qual, “como todas as criações que partem de uma classe tão operosa como modesta e escassa de recursos”, era distribuída “semanalmente, sendo uma folha de pequeno formato”⁴⁵.

Na próxima edição na qual fazia referência a seu aniversário, o periódico rio-grandino afirmava que sua existência fora consumida desde o início “no afã incessante de uma luta ingente, travada em prol das liberdades públicas e do progresso material e moral desta terra”, a qual teria “sabido retribuir com generosidade o esforço empregado nesse pleito nobilitante”. Mantendo a linha de recordar as origens, o *Artista* descrevia que “como todas as aspirações dos filhos do trabalho” ele surgira “modestamente, vivendo longo tempo numa mediania honrosa”, mas dependendo “sua existência de uma soma de sacrifícios bastante penosos para acobardarem o ânimo mais resoluto”. Entretanto, diante de tais dificuldades “o favor público” o acolhera, “como mãe caroável” e ele crescera “por assim dizer em seus braços carinhosos”, progredindo animado “pelos aplausos, colocando-se a par da grande imprensa da ex-província” e buscando “acompanhar seus dignos colegas em todos os torneios que visavam o progresso da terra natal e a conquista das liberdades

⁴² ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1887. p. 1.

⁴³ Nos números próximos a 15 de setembro de 1888 e 15 de setembro de 1889, não há referências ao aniversário.

⁴⁴ ARTISTA. Rio Grande, 16 set. 1890. p. 2.

⁴⁵ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1891. p. 2.

populares”⁴⁶.

Depois de alguns anos⁴⁷, o *Artista* continuava a lembrar que desde que fora fundado, buscara manter “toda a pujança de sua atividade e o melhor de suas nobres intenções”, constituindo “uma coluna inflexível dos interesses sociais e principalmente das justas aspirações do meio em que via a luz”. Além disso, garantia que permaneceria como um “continuador do passado”, procurando imprimir em suas páginas “o cunho de sincero amor pelo bem público, com o que em todos os tempos” atraía “as simpatias populares”⁴⁸. No ano seguinte, o jornal voltava a apelar para o recurso da memória, destacando que começara como “modestíssimo semanário, a ser impresso nas oficinas do *Echo do Sul*” e recordando, inclusive, seu programa original, no qual teria “inscrito seu compromisso”, a afirmar que “nada esperamos, nada queremos do governo senão o cumprimento do pacto fundamental e, com ele, a liberdade e o bem estar de todos”. Rememorando o nome de seus fundadores, o periódico confirmava que a ideia fundadora continuava válida, pois permanecia como uma “folha independente, sem filiações de partidarismo e agindo por isso em esfera superior às exigências que muitas vezes comprometem as verdades dos fatos”⁴⁹.

Ainda fazendo referência ao seu passado, o periódico enfatizava que, desde 1862 nunca dera quartel “aos erros e vícios que solapam a sociedade”, bem como não recusara “louvores aos que dela se tornam beneméritos”, considerando que essa seria a razão do seu acolhimento, ou seja, “porque a sociedade quer que a imprensa seja o emissário da verdade, da justiça, mas sem exageros e paixões”⁵⁰. No aniversário seguinte, ainda com os olhos no passado, o *Artista* enaltecia “a generosidade, a nobreza de caráter e a elevada orientação” do seu público, que havia permitido que a folha completasse mais um ano de “labores”, permanecendo como uma publicação que, desde a sua criação, nunca aspirara “glórias senão as que lhe dava a confiança popular,

⁴⁶ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1892. p. 2.

⁴⁷ Nos números próximos a 15 de setembro de 1893, 15 de setembro de 1894, 15 de setembro de 1895 e 15 de setembro de 1896 não há referências ao aniversário.

⁴⁸ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1897. p. 2.

⁴⁹ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1898. p. 1.

⁵⁰ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1899. p. 1.

manifestada dia a dia na procura” por cada uma de suas edições⁵¹.

Quando completou seu primeiro aniversário depois da virada do século, o *Artista* destacava que vencia mais um período de lutas “inteiramente votadas às conquistas do progresso e da civilização”. Nesse sentido, afirmava que, “como órgão dos interesses locais”, nunca deixara “de colocar-se ao lado daqueles que, inspirados no mais santo patriotismo”, desejavam “ser amparados e defendidos em suas campanhas remodeladoras e em suas tentativas progressistas. Dizia que desde o início fora um “propugnador do engrandecimento da pátria em geral” e um batalhador na “luta enobrecedora das conquistas das liberdades públicas e das glórias nacionais”⁵². No ano seguinte, o jornal recordava o “sem número de obstáculos, cada qual mais terrível” que enfrentara desde a sua gênese, “lutando titanicamente contra os escolhos de uma existência tormentosa” e labutando “num vasto campo coberto de abrolhos”, mas orgulhava-se de ter produzido “alguma coisa de útil” e promovido “o triunfo da razão”. Ressaltava ainda que suas colunas sempre haviam pertencido “ao povo, ao comércio, à indústria e principalmente aos interesses da moral e da razão”⁵³.

Em mais um de seus editoriais alusivos ao seu aniversário, a folha lembrava que 15 de setembro de 1862 fora a data na qual vira “a luz da publicidade o semanário denominado *Artista*, recordando seus proprietários originais, sua impressão nas oficinas do *Echo do Sul* e que sua denominação originara-se do fato de que artistas o haviam fundado⁵⁴. Ao chegar aos quarenta e dois anos em que via “a luz no seio augusto da imprensa rio-grandense”, o *Artista* destacava que era já longo “e glorioso o seu jornadejar pelo mundo da publicidade”, no qual foram “frequentes as borrascas, e raros os dias de bonançosa calma”. Enfatizava que o seu programa agradara “ao público desde o dia em foi dado à luz”, contando desde então com “o respeito e consideração” de parte “da sociedade onde assentou modesta tenda de trabalho”. Afirmava manter-se “em lutas sempre dignas” e “em busca de um futuro compensador, que aos romeiros da civilização e do progresso era dado

⁵¹ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1900. p. 1.

⁵² ARTISTA. Rio Grande, 14 set. 1901. p. 1.

⁵³ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1902. p. 1.

⁵⁴ ARTISTA. Rio Grande, 14 set. 1903. p. 1.

aspirar”. Segundo o periódico, o seu programa permanecera “inalterável”, ou seja, “ser útil em alguma cousa à sociedade em que vive e que o tem bafejado com o seu apoio em todos os estádios, mesmo em épocas anormais que o tempo já se encarregou de sepultar no vasto túmulo do passado”⁵⁵.

No ano seguinte, o periódico exaltava a data em que surgira “à luz da publicidade”, tendo sido desde então “decidido órgão do povo, para ele e por ele trabalhando sem encontrar cansaços na luta nem esmorecimentos no mourejar constante e dignificador da imprensa local”, buscando sempre conservar-se “no posto de modesto, mas sincero servidor da sua estremecida terra”⁵⁶. Reiterando seu caráter original de servir à comunidade local, o *Artista* afirmava ter “morredoura gratidão ao honrado comércio do Rio Grande e ao seu nobre e altivo povo, sempre generoso e digno como soem sê-lo todos aqueles que conosco convivem”, manifestando sua confiança de que continuaria “a merecer do público em geral a proteção” sempre dispensada a ele, comprometendo-se “a corresponder-lhe com a máxima vontade e leal dedicação”⁵⁷.

Na passagem de mais um ano, o periódico afirmava ter estado desde o início “convicto de, na arena da imprensa, haver sempre cumprido lealmente com os preceitos e deveres impostos pelas sociedades cultas”, num quadro pelo qual encarara “desassombradamente épocas passadas”, não enxergando “no horizonte de eras mais ou menos remotas uma só nuvem” que pudesse “perturbar o sossego íntimo de sua consciência”⁵⁸. Em outro aniversário, o jornal lembrava que, “ao iniciar a sua longa carreira decerto estavam os seus fundadores bem longe de supor que alcançasse uma vida tão prolongada”, ainda que fossem “fagueiras as esperanças que os alimentavam”⁵⁹. Na mesma linha, a folha defendia que, “na arena da existência, quer em lutas com adversários, quer pugnando por interesses sociais” tivera “sempre como ponto de *mira* o dever e a lealdade”⁶⁰.

⁵⁵ ARTISTA. Rio Grande, 15 set.1904. p. 1.

⁵⁶ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1905. p. 1.

⁵⁷ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1906. p. 1.

⁵⁸ ARTISTA. Rio Grande, 14 set. 1907. p. 1.

⁵⁹ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1908. p. 1.

⁶⁰ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1909. p. 1.

Já nos últimos anos de sua publicação, o *Artista* mantinha a tradição de, em seus aniversários, lembrar suas origens, como ao recordar a data na qual surgira “à luz da publicidade, como órgão dos interesses da classe operária desta cidade, e, sob a direção de um grupo de tipógrafos do *Echo do Sul*, que foram os seus primeiros proprietários”. Rememorava também sua origem como uma publicação semanal, época na qual, “pelo ideal que presidiu a sua fundação e pela força dos elementos com os quais então podia contar”, era “um modesto paladino que, vinha procurar lugar no convívio da imprensa local”. Ressaltava que, “fundado com tais elementos, surgia *O Artista*, como um lutador, cuja vida não poderia ter senão previsões de efêmera duração, para espíritos otimistas da época”, tendo em vista os escassos “elementos com que lhe era permitido contar”. Apesar de tais perspectivas, saudava o fato de que o mesmo não ocorrera, “e aquele punhado de proletários que tanto tinham de modestos e de pobres, quanto lhes sobrava em energias para sustentar a sua obra” teria sabido “à custa, quiçá de quantos sacrifícios” edificar os alicerces “com a mais sólida alvenaria”, para que o periódico viesse a “perpassar quase dez lustros de lutas as mais nobres e elevadas para o cumprimento da sua missão social”. Diante desse enaltecer do passado o *Artista* concluía que deveria “lembrar em um culto perene de veneração pelas suas memórias, os nomes daqueles invencíveis heróis do trabalho”⁶¹. Já na sua última comemoração de aniversário, o jornal voltava a lembrar o passado, destacando que desde as suas origens buscara embasar-se “na ponderação”, inspirada na “linha de uma grande e forte sinceridade”⁶².

Retornando aos primeiros meses de existência, quando ainda se constituía num jornal que atuava na defesa “dos interesses dos artífices”, buscando congregá-los no combate ao “domínio dos poderosos e aristocratas”⁶³ o *Artista* era um semanário publicado todas as segundas-feiras e, excepcionalmente, nos dias imediatos aos santificados⁶⁴. Além dos editoriais

⁶¹ ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1910. p. 1.

⁶² ARTISTA. Rio Grande, 16 set. 1911. p. 2

⁶³ ALVES, Francisco das Neves. **A imprensa na cidade do Rio Grande: um catálogo histórico**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2005. p. 47.

⁶⁴ Segundo historia o próprio jornal, ele viria a tornar-se diário a partir de 1º de janeiro de 1866 (ARTISTA. Rio Grande, 14 set. 1903. p. 1.) e permaneceria como uma folha de circulação diária até o seu desaparecimento em 21 de agosto de 1912 (ALVES, Francisco das Neves. **O**

vibrantes e com posturas político-sociais bem definidas, o jornal publicava também as “*cousas domésticas*”, destinadas aos assuntos locais e nacionais; as “*cousas externas*”, para divulgar as notícias do estrangeiro; as “*variedades*”, para as matérias culturais; os “*apedidos*” para publicar as correspondências recebidas; o “*movimento portuário*” para a divulgação das atividades desenvolvidas no Porto do Rio Grande; e a “*literatura*” na qual eram publicados textos literários em prosa e verso.

Desde o início de sua circulação, o *Artista* buscou deixar claros seus objetivos editoriais, bem como apresentar a sua visão a respeito da imprensa, considerando que essa era uma atividade fundamental para o progresso das sociedades, possuindo uma função social muito bem definida. Nesse sentido, afirmava que “se na vasta tribuna da imprensa, em todos os interesses, todas as ambições contam intérpretes, também nós queremos um lugar” para “proclamar os nossos direitos, defendendo os nossos interesses, e os de nossos irmãos”⁶⁵. No mesmo sentido, questionava o que viria a ser “do povo se não fosse a imprensa”, pois “ela lhe abre os olhos, ela lhe transmite os nobres sentimentos que deve acompanhá-lo, e o arreda, às vezes, da beira do precipício”. Defendia, porém, que a imprensa deveria ser utilizada com responsabilidade, pois, “os malvados fizeram da liberdade de imprensa um abuso iníquo e intolerável” e ela “não se fez para o anônimo e sim para o homem de caráter”, ou seja, “para aquele que, com a fronte altiva, possa dizer ufano: ‘Eis aí minhas palavras. Aí tens também meu nome’”⁶⁶.

Em janeiro de 1863, o jornal ratificava seus objetivos editoriais, afirmando que “já lá se vão meses de existência, e temos consciência de haver cumprido as promessas que fizemos em nosso programa”, ou seja, “em linguagem séria, temos tratado de assuntos de vital interesse, sendo, o bem do povo, das classes que trabalham e sofrem, o nosso único alvo”. Destacando o público a que se destinava mais especificamente, o periódico declarava que “modesta e ignorada quiçá, tem sido a nossa existência, mas não improfícua”, visto que “nas classes em que tem mais circulação a nossa folha, e que forma

discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895). Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 264.).

⁶⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1862. p. 1.

⁶⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 13 abr. 1863. p. 1.

a órbita especial de sua atividade, tem sido lida e apreciada”, de modo que, “uma ou outra ideia útil, por nós aventada, tem germinado e dará algum dia viçosos frutos”. E anunciava que “nesta senda continuaremos, cumprimos a nossa missão, sem recusar-lhe aos escolhos, sem temer os remoinhos que ameaçam sorver o frágil batel”⁶⁷.

Insistindo na sua missão junto à imprensa, os responsáveis pelo *Artista* afirmavam que a sua causa era invariável, ou seja, “a defesa dos sagrados direitos dos que trabalham, o amor à pátria, a propagação da luz benéfica nas classes operárias”⁶⁸. Na mesma linha, garantiam que redobriariam seus esforços e multiplicariam o seu empenho, de modo a conseguir “sem dúvida o nosso fim de garantir à classe dos artistas, um órgão seu, que só aos seus interesses se dedica”⁶⁹. Ainda sobre o papel do jornalismo, o periódico referia-se ao dito de que “a imprensa é um sacerdócio” e argumentava que, “apesar de ser a analogia um pouco profana”, deveria se convir que ela se confirmava, havendo “nela um culto e, neste caso, o escritor público é o ministro desse culto” e que, portanto, a sua “missão em todo o tempo e, sobretudo, na atualidade” deveria ser: “*Falai em tudo a verdade. A quem em tudo a deveis*”⁷⁰.

Apesar de representar uma fase de desenvolvimento da imprensa no quadro regional e local, na época do surgimento do *Artista*, manter um jornal circulando não era uma atividade fácil. A sustentação financeira de um periódico era uma atividade penosa e cheia de obstáculos⁷¹. Nessa época, “o exercício do jornalismo não constituía propriamente uma profissão e ainda estava longe de vir a ser um indústria sustentada pela publicidade”, ou seja, “era, quando muito, em determinados casos, um meio de vida, não uma profissão definida, sendo na generalidade uma atividade de sentido quase sempre político”⁷². Uma das formas de tentativa de sustentação do jornal se dava através da venda de números avulsos e de assinaturas, vendidas a 2\$000

⁶⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 5 jan. 1863. p. 1.

⁶⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 2 fev. 1863. p. 1.

⁶⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 16 mar. 1863. p. 1.

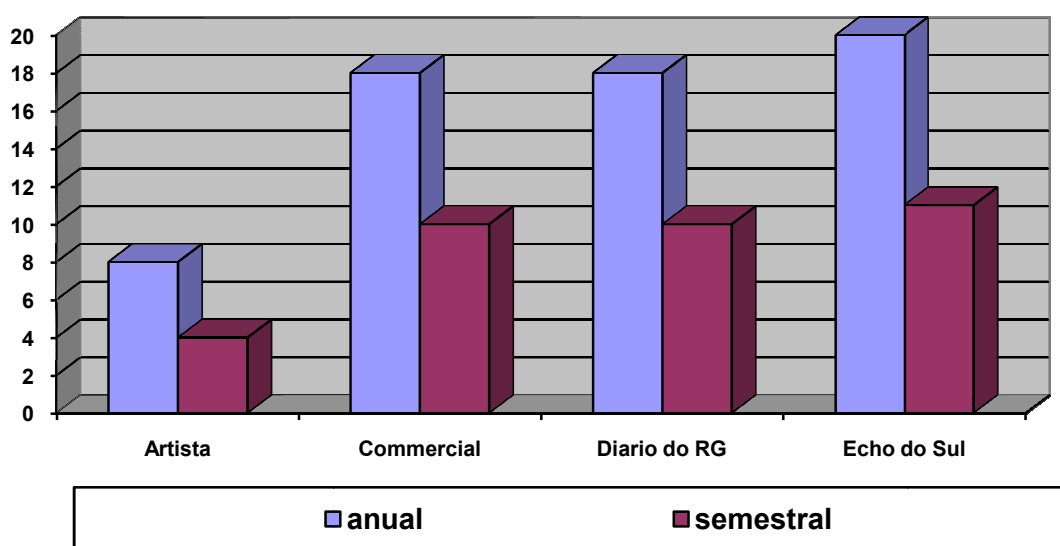
⁷⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 13 jul. 1863. p. 3.

⁷¹ Uma apreciação dessas dificuldades da imprensa é feita por: ALVES, Francisco das Neves. **Uma introdução à história da imprensa rio-grandina**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1995. p. 16-18.

⁷² REVERBEL, 1957. p. 118.

(trimestral), 4\$000 (semestral) e 8\$000 (anual). Numa comparação em números absolutos com os preços de outros jornais que na mesma época circulavam na cidade do Rio Grande, como o *Diário do Rio Grande*, *O Commercial* e o *Echo do Sul*⁷³, o custo do *Artista* era mais baixo, como se pode observar no Gráfico 2:

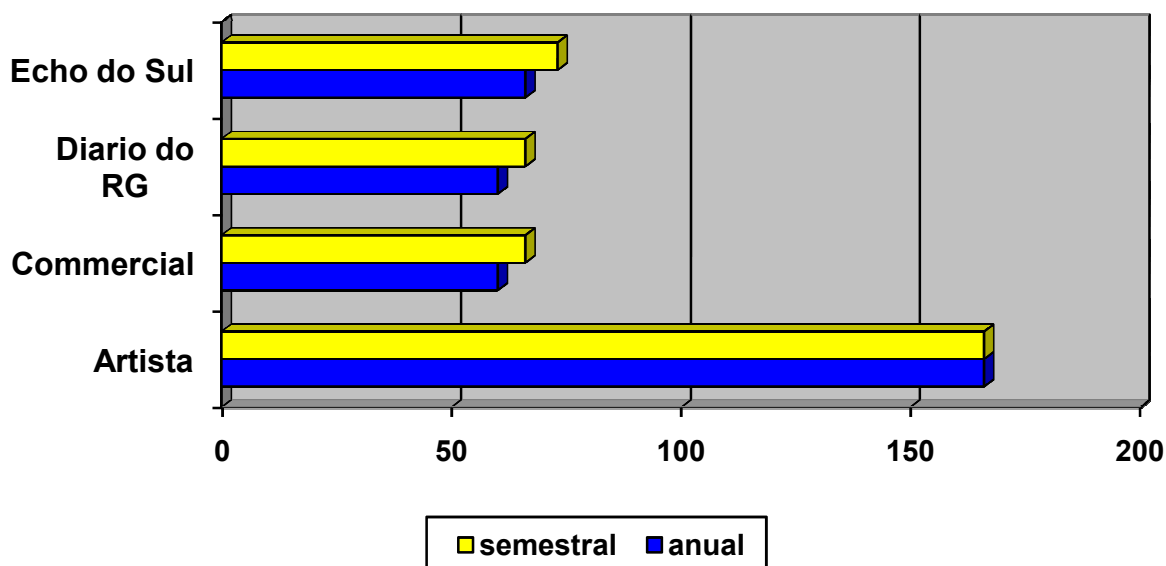
Gráfico 2 – Preço da assinatura anual e semestral dos jornais *Artista*, *Commercial*, *Diário do Rio Grande* e *Echo do Sul* entre 1862 e 1863 (em mil réis)



No entanto, proporcionalmente, o preço do *Artista* era mais alto do que os demais jornais diários rio-grandinos, tendo em vista o número de edições de um semanário, extremamente mais reduzido do que a quantidade de números editados em publicações de natureza diária. Essa desproporção nos custos entre o semanário e os diários é confirmada a partir do Gráfico 3:

⁷³ Sobre cada um desses jornais, ver, respectivamente: ALVES, Francisco das Neves. **O primado da notícia como estratégia discursiva: uma história do *Diário do Rio Grande***. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2001.; ALVES, Francisco das Neves. Uma folha mercantil na cidade do Rio Grande: um histórico do jornal *O Commercial*. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). **Indústria e comércio na cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2001. p. 9-37.; ALVES, Francisco das Neves. **O partidarismo por opção discursiva: o *Echo do Sul* e seu discurso político-partidário**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

Gráfico 3 – Preço proporcional por edição da assinatura anual e semestral dos jornais *Artista*, *Commercial*, *Diario do Rio Grande* e *Echo do Sul* entre 1862 e 1863 (em mil réis)



Além dessas diferenciações de custo, o *Artista* contava com um obstáculo quanto às assinaturas ligado ao atraso ou ao não pagamento das contas de parte dos assinantes que, assim, tiravam uma das principais formas de sustentação da folha. Esses constantes atrasos levaram o jornal até a anunciar em sua primeira página: “Rogamos a todas as pessoas que estão em atraso com esta empresa hajam de mandar satisfazer seus débitos, quanto antes”⁷⁴. Essas cobranças também se direcionavam a outras localidades, revelando que a folha chegava até as vizinhas comunidades da zona sul, como no aviso: “Rogamos aos nossos assinantes de Jaguarão que estão em atraso com suas assinaturas, hajam mandar satisfazê-las quanto antes, ao contrário suspender-se-á a remessa dessa folha”⁷⁵.

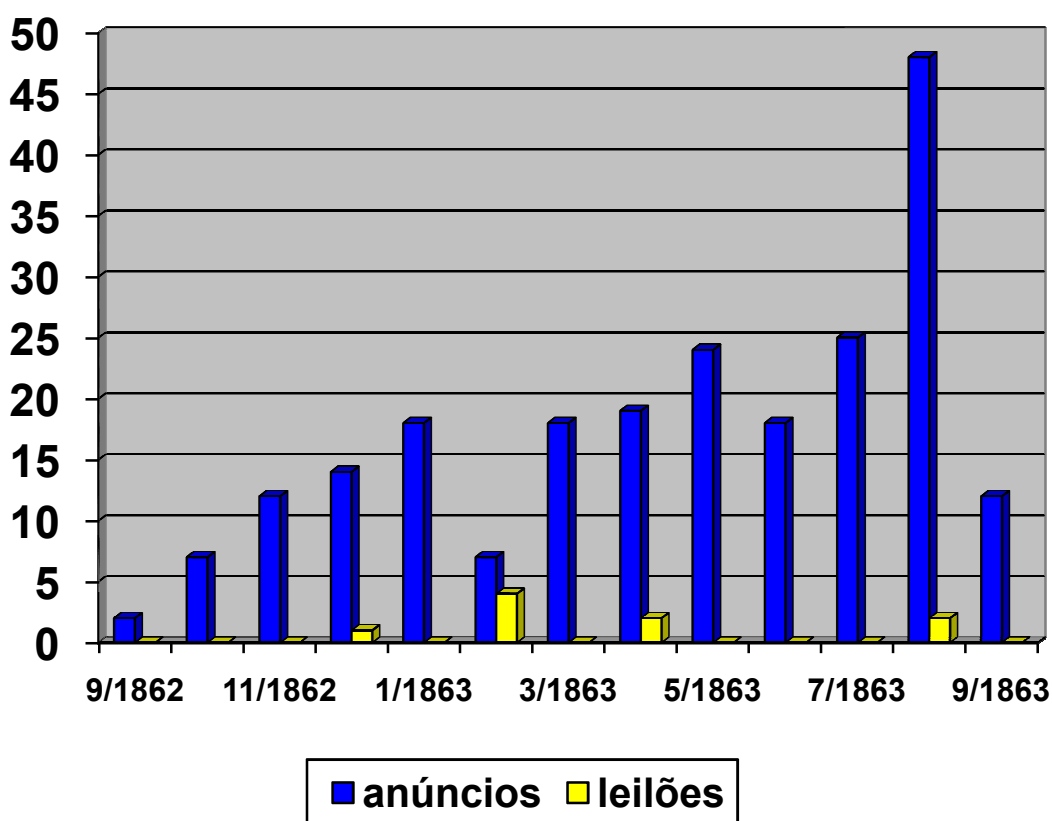
Outra ordem de dificuldades enfrentadas pelo semanário dos artistas estava ligada à escassa quantidade de anúncios publicados em suas páginas, o que lhe diminuía consideravelmente a arrecadação. Essa “carência, muitas vezes quase absoluta, de material publicitário foi um dos mais notáveis fatores”

⁷⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 1, 8 e 9 dez. 1862. p. 1

⁷⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 9 mar. 1863. p. 4.

que agravou “os problemas organizacionais e a estrutura financeira da pequena imprensa”. Havia, assim, uma “quase ausência de reclames nas páginas das pequenas folhas” ainda mais “quando comparadas com as publicações diárias”. Desse modo, acabava por ocorrer um “parco ou nenhum ganho resultante da publicação de anúncios”⁷⁶. A quantidade de matéria publicitária publicada no *Artista* pode ser observada no Gráfico 4:

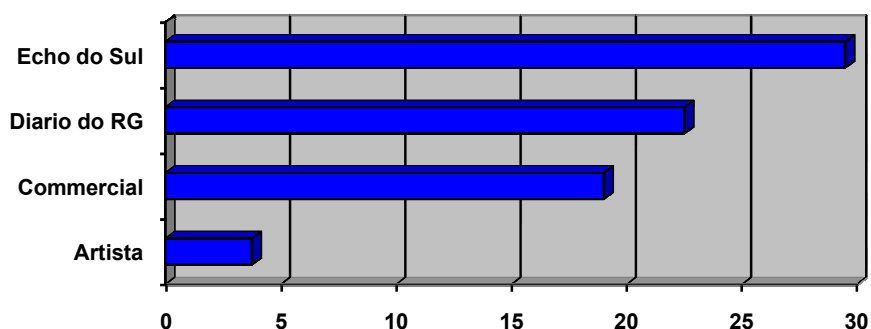
Gráfico 4 – Anúncios e leilões publicados por mês pelo *Artista* entre 1862 e 1863 (média mensal em números absolutos de anúncios e leilões)



Esses números tornam-se ainda menos expressivos se comparados com a quantidade de anúncios publicados pelos jornais diários, já melhor estabelecidos na cidade do Rio Grande, caso do *Diario do Rio Grande*, do *Commercial* e do *Echo do Sul*. Uma comparação entre as médias de anúncios publicados ao ano pelos jornais destacados, permite uma compreensão melhor da pequena quantidade de matéria publicitária publicada pelo *Artista*:

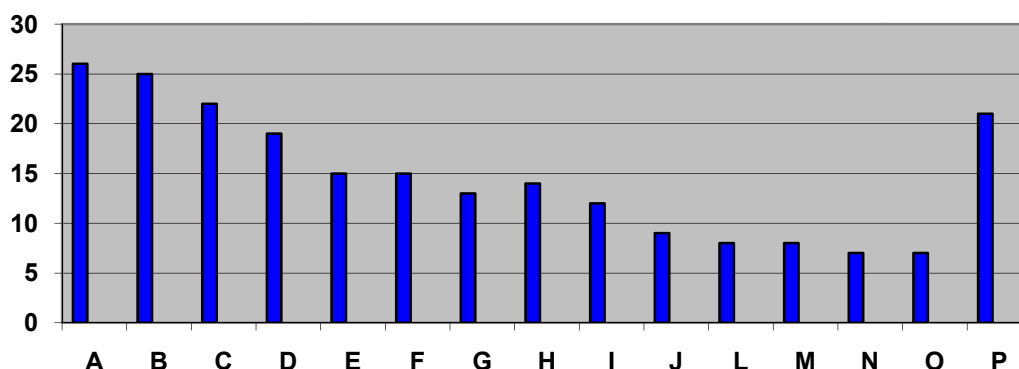
⁷⁶ ALVES, 2002. p. 477-478.

Gráfico 5 – Média anual de matérias publicitárias publicadas diariamente pelos jornais *Artista*, *Commercial*, *Diário do Rio Grande* e *Echo do Sul* entre 1862 e 1863



A propaganda feita no *Artista* era de empresas pequenas e, aparentemente, populares, revelando a posição social dos leitores aos quais o jornal buscava se destinar naquele momento. Uma das primeiras matérias publicitárias, por exemplo, foi publicada por uma loja de tecidos e outros “trastes” chamada “Armarinho dos Pobres”, além disso, eram constantes os anúncios de *grandes pechinchas por liquidação*. Dentre os principais tipos de produtos anunciados pelo jornal destacaram-se os ligados à papelaria e livraria, ao emprego, à assistência à saúde, aos escravos, ao vestuário e tecidos e ao ensino como se pode ver no Gráfico 6:

Gráfico 6 – Principais produtos anunciados pelo jornal *Artista* entre 1862 e 1863 (em números absolutos)



A – papelaria e livraria/ B – empregos/ C – assistência à saúde/ D – escravos/ E – vestuário e tecidos/ F – ensino/ G – espetáculos e recreação/ H – cobranças/ I – alimentação/ J – jornais/ L – fúnebres/ M – achados e perdidos/ N – bazar/ O – comércio/ P – outros

O próprio formato do *Artista* revelava a sua caracterização como um representante da pequena imprensa, sendo o seu tamanho mais diminuto em

relação aos demais jornais que circulavam no Rio Grande à mesma época, como era o caso do *Diário do Rio Grande*, do *Commercial* e do *Echo do Sul*, como fica evidenciado no seguinte quadro.

Formato dos jornais rio-grandinos que circulavam em 1862-1863 (em cm)

<i>Artista</i>	38 X 25
<i>Diário do Rio Grande</i>	54 X 36
<i>Commercial</i>	58 X 38
<i>Echo do Sul</i>	58 X 40

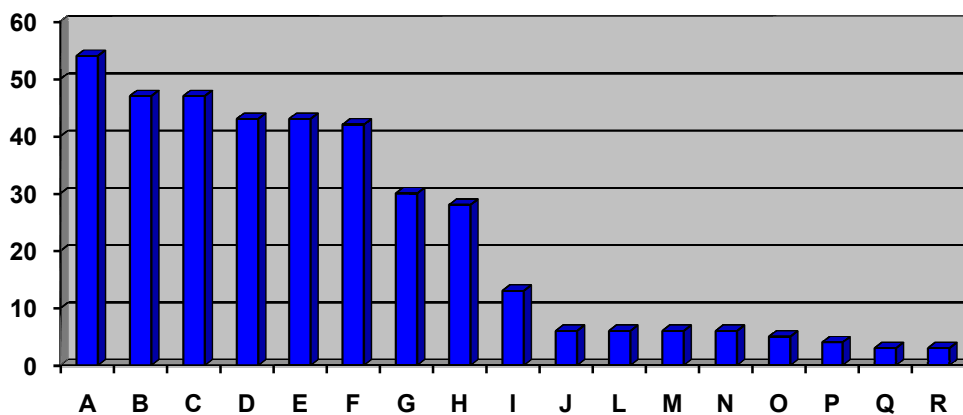
Afora as dificuldades naturais de um jornal que buscava se afirmar junto aos quadros da imprensa rio-grandina, o *Artista*, nos seus primeiros tempos de existência, ainda enfrentava os obstáculos de natureza tecnológica, principalmente os ligados ao fato de não possuir uma oficina tipográfica própria. O espaço de tempo para a obtenção da notícia e a sua publicação era outro dos problemas enfrentados pela folha, ainda mais por tratar-se de um semanário, o que, neste aspecto, era uma grande desvantagem em relação às publicações diárias. Nesse sentido, o próprio periódico revelava que, “sendo o *Artista* jornal hebdomadário não pode dar relação aos leitores do que se passa por esse mundo”, como o faziam “as outras folhas periódicas da cidade”, mas, “aproveitando aquilo que elas não publicarem, sempre o *Artista* dará à estampa coisa que julgue recrear e merecer a atenção dos seus favorecedores”⁷⁷.

Apesar de se manter firmemente na sua proposta editorial, as dificuldades enfrentadas pelo *Artista* levavam o jornal a, por vezes, apresentar certos problemas gráficos, não havendo também uma uniformidade quanto à distribuição gráfica de cada uma das seções do periódico, as quais apareciam de acordo com a disposição de matérias editoriais ou de notícias para cada uma das edições. O próprio jornal revelava isto, ao publicar o seguinte aviso: “Tendo desta vez a crônica teatral ocupado maior espaço do que permite o rodapé do nosso jornal”, a mesma foi publicada “em colunas, do que pedimos desculpa a seu inteligente autor”⁷⁸. Essa inconstância quanto à publicação das suas respectivas seções traduz a fase de surgimento e busca de afirmação pela qual o jornal passava e pode ser melhor compreendida a partir da observação do Gráfico 7:

⁷⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 17 nov. 1862. p. 3.

⁷⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 26 jan. 1863. p. 1.

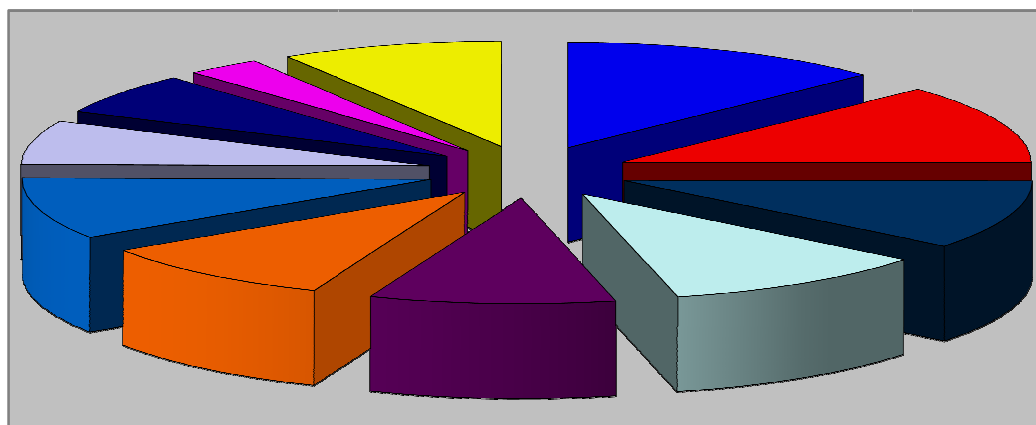
Gráfico 7 – Número de vezes em que apareceram as diferentes seções do jornal *Artista* entre 1862 e 1863 (em números absolutos, excluídos os anúncios – Gráfico 4)



A – coisas domésticas/ B – editorial/ C – variedade/ D – apedidos/ E – movimento do porto/ F – coisas externas/ G – folhetim/ H – literatura/ I – transcrição/ J – aviso/ L – crônica teatral/ M – leilão/ N – aviso marítimo/ O – comunicado/ P – seminário/ Q – declaração/ R – mofina

Nessa linha, proporcionalmente, assim ficaram distribuídas as diferentes seções publicadas pelo *Artista* ao longo de um ano:

Gráfico 8 – Distribuição proporcional das seções do jornal do *Artista* publicadas durante 60 edições, de 1862 a 1863 (em porcentagem)



A – anúncios/ B – coisas domésticas/ C – editorial/ D – variedade/ E – apedidos/ F – movimento do porto/ G – coisas externas/ H – folhetim/ I – literatura/ J – transcrição/ L – outros (aviso, crônica teatral, leilão, aviso marítimo, comunicado, seminário, declaração, mofina)

Apesar das dificuldades, o jornal dos artífices conseguiu manter a sua circulação regular, algo pouco comum para os representantes da pequena imprensa de então, dando assim os primeiros passos para o porvir, quando viria a tornar-se, ainda que diferenciado quanto a tal fase inicial, uma das principais folhas rio-grandinas. Ao completar um ano de existência, o periódico declarava com alívio que conseguira vencer muitos desses obstáculos e que, acima de tudo, mantinha-se de acordo com a sua proposta editorial inicial.

Nessa linha, na edição que marcaria seu primeiro aniversário, retomava suas ideias iniciais, afirmando que, na época do seu surgimento, “os operários de outras oficinas imprimiam jornais seus, nós também o quisemos fazer, e o *Artista* surgiu à luz da publicidade”. A folha retomava suas palavras iniciais, enfatizando que em seu primeiro número dissera “que o *Artista* seria o dedicado e modesto órgão das classes que trabalham”, confirmando que assim vinha se comportando, cumprindo a sua promessa e continuando a cumpri-la, garantindo que seria “sempre, como até hoje temos sido, órgão das classes que trabalham, defensor e salvaguarda de nossos irmãos em condição”, de modo que “tudo faremos para o povo e pelo povo”⁷⁹.

Reafirmando sua profissão de fé, o semanário exclamava que “obscuros operários não nos corrompe o contato” com “o ‘grande mundo’, não enxergamos as coisas do nosso país pelo prisma do interesse e da ambição”, de maneira que “marcharemos avante, tendo por norte a nossa consciência, por rumo a honra e o dever, e por legenda a liberdade”. Além disso, o jornal agradecia “ao ilustrado público do Rio Grande e especialmente aos nossos irmãos de trabalho”, os quais já deveriam “ter compreendido que grandes vantagens lhes nascem da existência de um jornal que exclusiva e lealmente se dedica aos seus interesses” e, por tal motivo, não abandonariam aquela empresa, despertando a esperança de “que o *Artista* ainda muitas vezes festejará o aniversário de seu aparecimento”⁸⁰.

Dessa maneira, o *Artista*, durante o seu primeiro ano de existência, constituiu-se num típico representante da denominada pequena imprensa, a

⁷⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 14 set. 1863. p. 1.

⁸⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 14 set. 1863. p. 1.

qual utilizava uma série de estratégias discursivas diferenciadas daquelas praticadas pelos jornais diários, constituindo praticamente uma “disputa entre o mais fraco e o mais forte”⁸¹. Dava-se então a busca das pequenas folhas por um espaço em meio ao jornalismo, tendo de enfrentar as já bem estruturadas publicações diárias, mais organizadas e perenes. Manifestavam-se, desse modo, “modalidades discursivas diferenciadas”, ou seja, o jornalismo diário, com “discursos sérios e unívocos”, e a pequena imprensa, com “discursos ambíguos e paradoxais”. Ainda que “em detrimento da manutenção de suas bases comerciais, os pequenos jornais” estavam “ligados às várias formas de contestação, lançando mão de pronunciamentos marcados pelo debate, pela polêmica” e, “fundamentalmente, pela crítica”⁸².

O *Artista* esteve profundamente inserido neste conjunto de “pequenos jornais que expressam reivindicações específicas de determinados grupos sócio-políticos”⁸³, no caso, aqueles ligados aos trabalhadores. Essa livre manifestação de seu espírito crítico, como era típico da pequena imprensa, trazia consigo um alto custo em termos de estruturação. À falta ou precariedade na edição de matéria publicitária somava-se uma série de outras dificuldades, caso das publicações que não tinham tipografia própria, “de modo que a editoração tinha de ser feita em propriedades alheias”, o que elevava seus preços e “representava um obstáculo a mais na manutenção de uma periodicidade regular e do número de exemplares em circulação”. Além disso, “nas pequenas folhas, os proprietários eram os responsáveis por praticamente todas as fases da elaboração do periódico, desde a produção até a distribuição”. Dessa maneira, “as precárias condições de infra-estrutura, a falta de uma base comercial mais bem organizada e as dificuldades na obtenção de recursos para sua sustentação financeira” iriam representar “o preço que a pequena imprensa teve de pagar para manter acesa a chama da contestação”⁸⁴.

Tendo de vencer os mais sérios obstáculos, o *Artista* não abandonou

⁸¹ EPSTEIN, Isaac. **Gramática do poder**. São Paulo: Ática, 1993. p. 124-125.

⁸² ALVES, 2002, p. 23-24.

⁸³ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988. p. 33.

⁸⁴ ALVES, 2002, p. 478.

suas ideias iniciais quanto à sua orientação editorial, confirmando-se que “a falta de uma base comercial foi, na maioria dos casos, o preço pago pelos pequenos jornais para manter seu espírito de contestação”. As dificuldades e as pequenas possibilidades de concorrência com os jornais diários “não diminuí a importância e o significado da pequena imprensa, a qual marcou sua presença na formação de hábitos e mentalidades, exerceu influência nas maneiras de agir e pensar e, enfim, prestou sua contribuição para moldar a opinião pública junto à comunidade rio-grandina”⁸⁵. Esse espírito contestatório do semanário esteve inserido plenamente em seu contexto histórico, refletindo uma época de profundos debates, quando “o que mais se fazia era precisamente discutir, pôr em dúvida, analisar e combater” por meio dos jornais⁸⁶, dando-se ao menos “a exigência na rápida concretização de transformações e reformas que podiam demorar anos a produzir resultados palpáveis”⁸⁷. E foi assim que atuou o *Artista*, mantendo o espírito de contestação e inovando ao dar vez e voz aos trabalhadores.

⁸⁵ ALVES, 1999, p. 363-364.

⁸⁶ SODRÉ. p. 233.

⁸⁷ MONICO, Reto; VIEIRA, Joaquim. **República em Portugal! – o 5 de outubro visto pela imprensa internacional**. Almoçageme: Pedra da Lua, 2010. p. 259.

UMA CRUZADA PATRIÓTICA: A AÇÃO DO IMPERIALISMO BRITÂNICO NO BRASIL NA VISÃO DO ARTISTA

Na década de 1860, o império brasileiro e a Grã-Bretanha se veriam envolvidos num grave conflito diplomático decorrente de acontecimentos ocorridos em terras brasileiras. O naufrágio de um navio na costa gaúcha e o destino duvidoso quanto a suas mercadorias e aos náufragos possivelmente sobreviventes e o tratamento considerado indigno destinado a militares britânicos na capital imperial, trariam grande repercussão junto à diplomacia britânica que passou a cobrar indenizações e providências de parte do governo brasileiro, chegando a intervir diretamente na soberania do império, bloqueando o acesso marítimo ao Rio de Janeiro, gerando o desentendimento diplomático que ficaria conhecido pelo nome do ministro britânico no Brasil, William Dougal Christie.

As relações de dependência entre Brasil e Grã-Bretanha eram históricas e derivavam ainda da época colonial, quando os britânicos cada vez mais exerceriam um papel de predominância sobre Portugal. Por ocasião da independência brasileira, esse predomínio seria herdado pelo novo império que se viu colocado plenamente na área de influência britânica. O conflito diplomático ocorrido nos anos 1860 foi provocado pela certeza dos britânicos quanto ao seu amplo domínio no Brasil e à posição de maior potência que seu país então desempenhava no contexto mundial.

Além disso, o embate anglo-brasileiro originou-se também de uma antiga pretensão que a Grã-Bretanha tinha em relação ao Brasil, ligada à extinção do

tráfico de escravos, e que, por décadas, não conseguiu observar medidas governamentais mais definitivas, havendo, isto sim, atitudes paliativas, que visavam retardar ao máximo as práticas escravistas no Brasil, consideradas fundamentais para a continuidade das estruturas econômico-sociais do império.

Desse modo, quanto à extinção da escravidão, os brasileiros “adiavam, procrastinavam e tornavam insignificante grande parte da substância objetivada pelos britânicos”¹ e estes não conseguiam atingir seu objetivo de ver “o fim da escravidão do negro de uma só vez” no Brasil². Ainda que viesse a buscar desmentir suas atitudes imperialistas³, a Grã-Bretanha aproveitou a “ocasião para exibir o predomínio do seu poder”⁴, coroando suas práticas em relação à América, pois, “durante décadas, agiu o governo inglês de forma direta, pela diplomacia, pela ostentação e pelo uso da força, para atingir seus objetivos no Brasil”⁵.

Por ocasião do desentendimento britânico-brasileiro, ocorreria verdadeiro levante da opinião pública brasileira contra as atitudes opressivas daqueles europeus. Discursos inflamados correram o país, na voz de homens públicos, nas cadeiras parlamentares e, principalmente, por meio da imprensa. De norte a sul do império grande parte dos jornais usaram suas páginas para sustentar manifestações cheias de veemência contra os ingleses e sua ação imperialista. Essas manifestações ocorreram igualmente no Rio Grande do Sul e, no contexto da imprensa gaúcha, aquele pequeno jornal recentemente fundado para sustentar os interesses dos artífices também voltou suas atenções a atacar os procedimentos britânicos. Dessa maneira, o *Artista* repercutiu a desavença anglo-brasileira, episódio “que tocou mais profundamente e despertou os ‘brios patrióticos’ da folha rio-grandina”, que “apresentou diversos editoriais, defendendo que o Brasil não deveria ceder jamais diante das atitudes britânicas”⁶.

¹ GRAHAM, Richard. Brasil - Inglaterra (1831-1889). In: HOLANDA, Sérgio Buarque (Org.). **História geral da civilização brasileira**. 10^a. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003. v. 4, t. 2, p. 145.

² GRAHAM, Richard. **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil (1850-1914)**. São Paulo: Brasiliense, 1973. p. 176.

³ MANCHESTER, Alan K. **Preeminência inglesa no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973. p. 241.

⁴ GRAHAM, Richard. Os fundamentos da “Questão Christie”. In: **Escravidão, reforma e imperialismo**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 80.

⁵ CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. 2^a. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002. p. 83.

⁶ PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. As origens de *O Artista* (1862-3). In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande:

Nos primeiros dias de 1863, o semanário publicava o editorial “Questão inglesa”, no qual afirmava que, “quando altivo protesta todo o país contra a insolência dos piratas que violaram o nosso território e insultaram o nosso pavilhão”, o *Artista* não poderia “deixar de unir a sua débil voz ao brado de indignação que repercutiu na corte, e achou eco em todas as províncias do Brasil”. Ainda que se considerasse “fraco, pequeno, novato na lida do jornalismo”, o *Artista*, como “órgão e propriedade de mancebos brasileiros”, também protestava “contra a infame agressão que acabamos de sofrer”⁷.

Segundo o jornal, já bastava “de sofrer” e carregar “os ferros da soberba Albion”, questionando se o “Brasil, que se libertou de sua metrópole, não saberá libertar-se do jugo e da prepotência inglesa?” Perguntava também “se o governo de S.M. Britânica não der ao nosso a satisfação, que será exigida, pelo infame procedimento do Sr. Christie e seus piratas” e “se o Brasil não obtiver justiça, continuaremos a sofrer calados?” Ao que respondia que não, propondo uma reação contra o “tirano, que nenhum direito tem sobre nós”, uma vez que assim mandavam “o brio, a dignidade e a honra ultrajada, o nome de brasileiros, que nos ufanamos de possuir”⁸.

Na opinião da folha, “se a soberba Inglaterra desprezar as reclamações do Brasil pela violação do nosso território, e pelos prejuízos causados ao comércio brasileiro pela detenção arbitrária dos navios aprisionados” deveria o país “de uma vez romper as nossas relações com o odioso déspota, que abusando da superioridade da força, tantas vezes nos tem insultado em nossa própria casa”. Nesse sentido, propunha que o império fechasse suas portas, negasse em suas “alfândegas despacho às fazendas inglesas” e “a matrícula a negociantes desta nacionalidade”, vindo a expelir “os ingleses do país”, privando-os “do seu melhor freguês”⁹.

Nas palavras do *Artista* deveria haver uma ampla mobilização para enfrentar a Grã-Bretanha, opinando que sequer importava a dívida contraída junto aos britânicos, pois acreditava que “se o governo apelar ao povo”, ele pagaria a dívida

Universidade Federal do Rio Grande; Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1995. p. 127.

⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 19 jan. 1863 p.1.

⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 19 jan. 1863. p.1.

⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 19 jan. 1863. p.1.

da nação. Feito isso, mais uma vez enfatizava que, “livres deste peso, neguemos entrada no país aos ingleses e às suas fazendas”, vindo ferir “na bolsa, o seu lugar mais sensível”, a “este povo tão insolente no abuso da força, quão mesquinho na ambição do ouro”¹⁰.

Para o periódico todos deveriam estar preparados para o agravamento do conflito, pois, caso os britânicos quisessem “vir com os seus navios castigar” os brasileiros, eles saberiam “defender-se, porque se lhes falta forças para levar a guerra para fora do país, sobeja-lhes para defesa da pátria”. Diante disso, a folha pregava que o governo acharia “em cada brasileiro um soldado” e “as fortunas particulares serão sem dor nem remorso entregues para fortificação das costas”, ficando os homens prontos a “combater e morrer pela pátria, e as mulheres cuidarão dos feridos, fundirão balas e levarão a consolação, a coragem ao meio de fileiras dizimadas, mas nunca desanimadas”¹¹.

Cheio de esperanças patrióticas, o jornal pregava que, “o mundo, presenciando este espetáculo heroico de uma nação fraca, que se tornou forte na defesa de seus direitos” faria justiça, “e as grandes potências mais equitativas que a ambiciosa Inglaterra, tomariam partido” aos brasileiros. Lembrando a classe social a qual se destinava, a folha afirmava que “os artistas rio-grandenses” juravam “tudo sacrificar à pátria” dando o “braço para empunhar o gládio da defesa” até “a última gota de sangue em desafronta do estandarte do país”, vindo a jurar tal intenção nas “aras da pátria”, “com os lábios e com o coração”, selando o “juramento com o sangue de suas veias”. Com ufanismo patriótico, o *Artista* dizia estar disposto “a tudo envidar, a tudo sacrificar, em defesa dos brios, da honra e da integridade do Brasil”, devendo o governo ter “dignidade, energia e confiança no povo brasileiro”, satisfazendo “os votos de todos”, cifrados nas palavras de vingança à “honra e à dignidade nacional”, bem como aos “brios dos brasileiros”¹².

Alguns dias depois, o jornal dos artífices voltava ao tema, publicando a matéria “Cruzada santa”, na qual, já na abertura, conclamava que deveria se levantar aquele “povo brioso”, arremessando “altivo a luva aos pés do déspota inglês”, pois aquela era “a luva de um povo livre, que com tinir sonoro caí aos pés do

¹⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 19 jan. 1863. p.1.

¹¹ O ARTISTA. Rio Grande, 19 jan. 1863. p.1.

¹² O ARTISTA. Rio Grande, 19 jan. 1863. p.1-2.

tirano”. Alertava os “irmãos” brasileiros a “não mais sofrer”, bastando “de humilhação”, pois, “os brasileiros livres e fortes não temem, nação insolente e opressora”, principalmente os rio-grandenses, portadores de “bastante coragem para arrostar o perigo”, não temendo “o ribombar do canhão inimigo, que ameaça esmagar-nos”, não baixando “a servis a qualquer provocador imprudente”, e não tolerando “as suas infamantes imposições”¹³.

Para a folha, o povo estaria pronto para enfrentar até as últimas consequências, chegando a incitar “à guerra” todos os que prezavam “o honroso nome de brasileiros”, vindo “a esmagar e pisar aos pés o insolente que tente rebaixar-nos desse nome”. Exclamava que os rio-grandenses não poderiam vacilar um só momento, mostrando que eram “capazes de beber o sangue daqueles” que queriam aniquilá-los. Para o periódico, os brasileiros de nada necessitavam, pois tinham “braços bem fortes para brandir uma espada contra esses vis déspotas” e “um peito onde só germina o amor pela pátria” o qual viria a servir “de escudo intemerato”. Considerava que “o leão adormecido desperta, e ai daqueles que se colocassem em seu caminho”, de modo que, “se algumas vezes essa chamada rainha dos mares tem imposto o jugo à esta terra Santa da Cruz, não o fará mais” pois lhe seria arrancada “a mascarada insolência de que tanto se jacta”¹⁴.

Na opinião do jornal rio-grandino, a Inglaterra não poderia causar medo, pois “se ela possui soberbos vasos de guerra, nós também os havemos de possuir em breve, porque todos os habitantes deste vasto Império, contribuem cotidianamente para esse heroico e bem aproveitado fim”. Considerava também que a Grã-Bretanha não tinha exército nenhum, ao passo que o Brasil obteria um, “se não bem disciplinado, ao menos bastante corajoso”. Diante disso, conclamava todos “às armas”, não devendo ninguém esquecer “o amor da pátria por um só momento” devendo todos prevenir-se, “porque o inimigo não é forte” e “ao contrário, é vil e traiçoeiro”¹⁵.

A vontade de agitar a opinião pública era notória na matéria jornalística que pregava que todos os brasileiros empunhassem suas espadas, pois, embora fosse “preciso derramar sangue”, ele correria em “defesa da pátria amada”, devendo eles

¹³ O ARTISTA. Rio Grande, 2 fev. 1863. p.1.

¹⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 2 fev. 1863. p.1.

¹⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 2 fev. 1863. p.1.

sacrificar tudo, “abandonar suas esposas, filhos e fortunas”, para não deixar “perecer a pátria”. Para o periódico, se todos fossem unidos, a tudo resistiriam, nada receando e afrontando o perigo, devendo todos os patriotas esquecer “o passado e olhar para o futuro” que se mostrava “cheio de glória”, vindo eles a adquirir “um nome digno nas páginas da história que deve ser transmitida às gerações vindouras”, e os filhos daquela geração viriam a exclamar “com profundo entusiasmo” que seus pais foram “bravos e dignos do nome de brasileiros”, seguindo tal “exemplo, e nunca deixarão germinar sobre si o jugo opressor”. A folha pregava a união de todos os brasileiros e bradava vivas à “nação brasileira, ao bravo e magnânimo monarca” e aos “intrépidos e valentes rio-grandenses”¹⁶.

Na mesma edição, o jornal publicou um poema intitulado “Saudação à pátria”¹⁷, que mostrava que a mobilização atingia até mesmo as artífices do sexo feminino, também encerrando em si todo aquele apelo patriótico:

Pelo seu heroico brio na questão Anglo Brasileira.
Sou débil, sou fraca, mas de alma sou forte!
Desprezo os covardes e abraço os valentes
Da glória sou filha! – detesto os escravos
Que humildes se curvam às leis prepotentes!

Não julguem somente que são heroínas
As damas valentes das velhas nações;
Se a espada não brilha num pulso que é fraco,
A glória desperta nos pátrios varões!

Folgai, brasileiros! – que a simples artista
Nos brios da pátria se inflama contente!
Da glória que é vossa, com honra partilho;
Saudando com risos a pátria valente.

Pudessem meus braços trementes de glória
Cingir num abraço da pátria os varões!
Pudesse eu alegre cingir-lhes as fronte
Com louros eternos, e eternas canções!

Da glória sou filha! – detesto os escravos
Que humildes se curvam às leis prepotentes
Sou débil, sou fraca, mas de alma sou forte,
Desprezo os covardes, e abraço os valentes.

Júlia Azevedo¹⁸

Aproveitando uma data alusiva à formação histórica brasileira, o *Artista* publicava “Salve dia de glória”, lembrando o dia “sempre memorável nas páginas da história sul-americana”, no qual, há onze anos, resplandecera “o estandarte auriverde, que galhardamente tremulava sobre as fileiras do exército brasileiro na batalha de Moron”, marcando a vitória na “pelejada batalha que pôs eterno fim ao reinado do tirano Rosas”, numa referência à vitória brasileira na guerra contra a Argentina na década de cinquenta. Ao lembrar tal feito bélico, o jornal manifestava o desejo de que tais atitudes patrióticas viessem a se repetir, se houvesse

¹⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 2 fev. 1863. p.1.

¹⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 2 fev. 1863. p.1-2.

¹⁸ O jornal por vezes citava os autores e/ou recitadores dos poemas. Foram procuradas referências em relação a todos aqueles que tiveram seus nomes destacados, não havendo qualquer informação a respeito dos mesmos. Tais dados foram procurados em: MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. **Notas de bibliografia sul-rio-grandense**. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.

necessidade de um enfrentamento com a Grã-Bretanha¹⁹.

Seguindo esse raciocínio, o periódico dizia que se “o exército que fez tantos milagres de valor, quando apenas intervinha, prestando auxílio a um estrangeiro”, o que não seria “capaz de fazer quando se tratar da defesa da honra e dos brios nacionais, quando se tratar de repelir das costas do nosso país, o descendente dos piratas Normandos, o orgulhoso bretão”. Na opinião da folha, os militares brasileiros em tal ocasião fariam “milagres de valor” com “entusiasmo em progresso, e todos acudirão ao apelo da pátria”, bem como a esquadra nacional saberia “dar lições à própria rainha dos mares”. Segundo o jornal, os brasileiros, “ameaçados com uma guerra externa”, deveriam “mais do que nunca recordar as suas glórias militares”, e, “com especialidade, os bravos de Moron, esses veteranos de nossas guerras, que também ao bretão mostrarão de que tempera é o aço brasileiro”²⁰.

Ainda na mesma edição, o jornal demonstrava que os apelos pela pátria vinham encontrando eco na cidade onde circulava, publicando a matéria “Manifestações patrióticas”²¹ que relatava como fora a noite em que se apresentaram várias pessoas no Teatro 7 de Setembro, manifestando-se quanto ao conflito anglo-brasileiro. Alguns dos poemas proferidos na ocasião foram transcritos pela folha dos artífices, refletindo suas próprias convicções carregadas de patriotismo, como foi o caso dos versos denominados “O gigante americano”:

A quem protege o cruzeiro
Não curva seu colo enquanto,
Tiver vida um brasileiro.

Enquanto houver uma espada,
Uma lança e um fuzil!
De Pedro primeiro o filho,
Não sofre uma afronta vil.

E quando não baste o esforço,
Do Brasil e seus guerreiros,
Surgirão do Pedro aos manes,
Defendendo os brasileiros.

Que Pedro primeiro o forte,
De coração liberal,
Mesmo morto vela ainda
Pela terra de Cabral.

O monarca americano,
Não se curva ao estrangeiro
Porque soletra seus fados,
Nas estrelas do cruzeiro.

Avante, Brasília gente!
Mostrai-vos nação guerreira
Sobre o fumo das bombardas,
Desfraldai vossa bandeira.

Que o pendão do despotismo
Erguido pelo estrangeiro,
Nunca mais tremulará
Neste império brasileiro.

Recitado por Maria Leopoldina

¹⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 3 fev. 1863. p.1.

²⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 3 fev. 1863. p.1.

²¹ O ARTISTA. Rio Grande, 3 fev. 1863. p.1-2.

Outro poema desafiava a “tirania” dos britânicos, exaltando a bravura dos brasileiros que estariam prontos a rebater a “afronta” daqueles europeus:

Quem receia o Leopardo?... Da brasileira nação, Basta um filho das florestas Para esmagar um leão.	Que a pátria o braço nos guia A vingar seu pavilhão, Dá-lhe força e valentia Para esmagar um leão.	O seu braço inda sustenta, Espada, lança ou fuzil, Para punir o insolente Que desacata o Brasil!
Se um só tem tanto valor, Digno da lira do bardo, Unidos por pátrio amor Quem receia o Leopardo?	Viva a nossa independência! É unísono este brado! Escutá-lo e ficar quedo Não pode o velho soldado!	O brasileiro soldado Possui crença verdadeira, Idolatra a Deus do céu, Na terra – a sua bandeira.
De cobardes não tememos Insolente presunção! Dignos filhos nos mostremos Da brasileira nação.	Se ele depondo as armas Nova carreira encetava, Foi por ver que sua pátria Já dele não precisava.	E por ela dando a vida Sente e diz com veemência: Viva a nossa liberdade! Glória à nossa independência!
Para a fera, que não aterra, Porém que insulta e doesta, Rojar a frente na terra, Basta um filho da floresta.	Mas hoje que o estrangeiro Insulta seu pavilhão, Ainda tem sangue nas veias Para ofertar à nação!	Recitado por Marques, Nunes, e Maria Leopoldina

Foi também publicado pelo *Artista* um pequeno poema intitulado a “À nação brasileira” que misturava a fé patriótica com a fé religiosa:

Acaso a ameaça negreja
Como a tempestade e a noite?
Há poder que inda se afoite
Contra a razão, contra a lei?
Haverá ... Deus o proteja!
Estão com o fraco a verdade,
A justiça, a liberdade.
Os seus foros e o seu rei.
M. Leal Júnior

A capital do império e a coragem dos brasileiros eram também enfatizadas em versos publicados no jornal como formas de resistência à agressão dos ingleses:

Salve! Oh linda Guanabara!
Das cidades a Princesa,
A mais rutilante joia
Da nossa real grandeza;
Da coroa luzente pérola,
Imenso foco de luz
Que o trono augusto ilumina
Do Império de Santa Cruz!

Salve! salve! por teus filhos!
Do Brasil plaga bendita,
Cabeça sempre pensante,
Peito que sempre palpita!
Salve! Oh! Excelsa Rainha!
Que imperas do sul ao norte,
E tornaste mais gloriosa
Nossa vida em vez da morte!

Recitado por Theodolindo

Salve! Oh cidade invicta!
Por tantos feitos gloriosa,
Deste céu brilhante estrela
De estrelas a mais mimosa;
A ti se curvam os déspotas,
A ti se rende o potente,
Tens por divisa o direito,
Direito que nunca mente!

Um suposto passado de glórias militares era também destacado em versos pelo periódico rio-grandino como garantia de sucesso no possível enfrentamento com os estrangeiros:

Sacudi o pó do túmulo
Grandes vultos do passado,
Vinde ver nosso Brasil
Pelo inglês menoscabado!
- Vinde lembrar essas glórias
Nos combates alcançadas,
Combate de um grande povo,
Glórias nunca murchadas!

Mas, não! ... dormi tranquilos,
O Brasil tem povo e lei:
No povo – fiéis soldados,
E com os soldados o Rei!
- Não há de o vil inimigo
Insultar-nos covardemente,
Sem ouvir a maldição,
Dessa Europa inteligente!

Ao redor do trono excelso
Do Monarca Brasileiro;
Chegue-se o filho da pátria
Chegues-se o bom estrangeiro;
Que o manto do Soberano
Cobrindo-os sem distinção,
Mostrará ao mundo inteiro
Quanto vale esta nação!

Sacudi o pó do túmulo,
Grandes vultos do passado
Vinde ver nosso Brasil
Pelo inglês menoscabado!
- Vinde lembrar essas glórias
Nos combates de um grande povo,
Glórias nunca manchadas!

Recitado por Theodolindo

Os poemas publicados pelo *Artista* referentes à solenidade ocorrida em teatro da cidade voltavam-se também a mostrar que os brasileiros estariam prontos a combater o ato de força feito pelos britânicos, mesmo que isto lhes custasse a vida:

Às armas deponde, acalma-te, oh! povo,
Que humilde se torna o ousado bretão;
A honra está salva – tua frente levanta,
E agita orgulhoso da pátria o pendão.

Entoa mil cantos – proclama teus filhos,
E a Europa estremeça ouvindo o teu brado:
Que um povo de heróis, não pode um momento,
Ao jugo estrangeiro curvar-se humilhado!

Recorda o passado e as grandes façanhas
Escritas nas folhas brilhantes da história:
- O sol do Ipiranga teus passos dirige,
A fonte engrinalda com os louros da glória!

Que importa que a força qual serpe medonha,
O império da Cruz pretenda esmagar;
Se nós – brasileiros – com as armas na mão
Só temos um grito – morrer ou vingar! –

Que importa que a pátria soluce de dor
Com a afronta aviltante do ingrato Bretão;
Se a face do mundo cobriu-se de glória,
A honra salvando do seu pavilhão?!

Sus! Brasileiros! – proclama os teus feitos!
E a Europa estremeça ouvindo o teu brado,
Que um povo de heróis não pode um momento
Ao jugo estrangeiro curvar-se humilhado!

Recitado pelo Sr. Moura

Segundo os versos publicados pelo periódico dos artífices, naquele momento de conflito não poderia haver possibilidade de traições, devendo haver um esforço nacional único de resistência aos “bretões insolentes”:

Maldição ao filho ingrato
 Que não ama o seu país,
 E defender a sua honra
 Um só momento não quis.
 Oh! que esse Judas infame
 De todos abominado,
 Nunca mais de – brasileiro
 Tenha o nome abençoado!

Nós filhos de Santa Cruz,
 Nós filhos da liberdade,
 Mostremos todo denodo
 Na ocasião da tempestade;
 Marchemos com a frente erguida
 Ao encontro do furacão.
 Se morrermos a mortalha
 Seja o verde pavilhão.

Ergamos a nossa pátria
 Em cada peito um altar,
 Sejamos todos uníssonos
 Em sua honra guardar;
 Assim veremos curvados
 Esses bretões insolentes,
 Que são o flagelo das gentes!

Antonio Manoel dos Reis - Recitado por
 Theodolindo

Também na edição de 3 de fevereiro, o *Artista* publicava um “Comunicado” no qual fazia referência à ação das potências imperialistas europeias, principalmente a França e a Inglaterra. Quanto a esta última, afirmava que tal nação exercia “uma violência” contra o Brasil, ao pretender “a entrega de objetos que o mar devorou” e requerendo “uma satisfação pela prisão de três ébrios que perturbavam a tranquilidade pública”. Destacava que a Grã-Bretanha fazia ameaças para obter “a sua louca exigência”, considerando que era “triste a causa” daquelas nações que precisavam “da força para lhe dar apoio”, a qual seria uma “injusta causa”. Dizia também que o Brasil não haveria de ceder, fazendo “propostas para uma determinação amigável”, recorrendo, “com a maior prudência” à arbitragem para “decidir a questão” da maneira mais justa²².

Já ao final do mês de fevereiro, a publicação rio-grandina voltava a publicar um artigo denominado “Cruzada santa”, no qual destacava a preparação do Brasil para um possível enfrentamento com os britânicos. Ressaltava como era “belo encarar esses bravos defensores da pátria que ora se acham entre nós”, pois “estes soldados briosos e valentes vão marchar, e pôr-se à frente do inimigo que já treme”. Exaltava tal força militar, desejando que fossem “avante os guerreiros, sem temor, porque seriam respeitados”, e “ninguém ousaria duvidar de sua coragem”. Para o jornal, “ânimo e valor, amor e lealdade à pátria” deveriam “ser os únicos pensamentos” a acompanhar os soldados, que deveriam provar àqueles

²² ARTISTA. Rio Grande, 3 fev. 1863. p. 3.

“ambiciosos” que eram “filhos da terra de Santa Cruz”²³.

De acordo com o periódico, o “insolente bretão” já tremia ante a vista das forças brasileiras, destacando que “o inimigo não resistiria” pois “ele não quer sangue, quer sim nossas riquezas”. Declarava que era só ouro o que a Inglaterra queria, mas de parte dos brasileiros não o teria, pois as “forças” destes não o permitiria. Fazia fortes críticas à nação britânica, considerada como uma “gente que não possui outro sentimento senão o da cúbica”, a qual nem poderia chamar-se nação, pois seu único interesse era “um punhado de luzente metal”, vendendo “sua honra”, em “atos de vileza”²⁴.

Segundo o jornal, os ingleses não iriam “apanhar o objeto de seus sonhos – o ouro”, que não seria obtido às custas dos brasileiros. Manifestava o desejo de que “o Brasil nascente ainda vingaria as afrontas há muito acumuladas”, pois “a razão e a justiça” estavam do seu lado, assim como “Deus não protegia aos que costumam locupletar-se com o alheio”, e ele saberia “dirigir os passos que nos devem levar ao caminho da honra”, diante do que “a orgulhosa Inglaterra” aprenderia a temer os brasileiros. Considerava que a Grã-Bretanha vinha fazendo dos brasileiros “alvo de suas horríveis maquinações”, devendo estes fazer “dela alvo de vingança pelos presentes e passados ultrajes”²⁵.

O periódico reconhecia que os britânicos eram muitos e os brasileiros poucos, mas o que faltasse em número ao império, sobriaria em coragem, de modo que “dez ingleses não saciarão a sede de sangue de um brasileiro”, que estavam congregados pela “coragem e a união”. Destacava que “se a antiga Albion está habituada a conspurcar as leis prescritas por Deus, desta vez engana-se”, pois seria “punida sua ousadia”. A folha também cobrava atitudes das autoridades, dizendo que para livrar-se daquele “jugo odioso”, era “preciso que o governo não desça de seu posto de honra” e, “em lugar de se recostar em sua poltrona, seja enérgico, ativo e corajoso”, pois se isso lhe faltasse e ele se satisfizesse “com qualquer dito dessa meia dúzia de lordes” estaria tudo perdido, de maneira que era “preciso resolução e

²³ O ARTISTA. Rio Grande, 23 fev. 1863. p.1.

²⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 23 fev. 1863. p.1.

²⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 23 fev. 1863. p.1.

ter confiança no povo da terra de Cabral” julgando-o “digno de arrostar o perigo”²⁶.

Lembrando sua profissão de fé em favor dos artífices, o jornal dizia que para “sacudir o terrível jugo” seria necessário o apoio de todos, mas desconfiava das atitudes dos poderosos que poderiam querer permanecer em seu sossego, deixando que se menosprezasse “a honra de um país livre”. Dessa maneira afirmava que “os altos aristocratas, só tinham em vista massacrar os pobres, os artistas, sobretudo o humilde operário” que trabalhava “dia e noite, para à custa de tanto suor ganhar um pão para não deixar perecer a míngua sua mulher e filhinhos”, enquanto “os filhos desses ricos diziam à boca cheia” que não vestiriam uma farda para servir à causa nacional, achando “desculpas para renegar a pátria que os viu nascer”. Diante disso denunciava que “tudo isto se deixa passar em atenção aos títulos, às posições e muito mais ao ouro de seus pais ou parentes”, enquanto “as classes proletárias sofrem e muito” e questionava se não haveria “uma vista benigna que olhe para tanta infâmia” e se compadecesse “desses que sempre são os primeiros a combater o inimigo”²⁷.

Frente a tais contradições, o *Artista* dizia que sua “débil voz não pode alcançar à altura suficiente para fazer nascer nesses corações corroídos pelo vício e libertinagem, o amor pela pátria”, mas assim mesmo bradaria quanto pudesse, “porque em nós ainda não se esvaiu da ideia o nome de brasileiros”. Exaltava “artistas, operários, amigos” a terem “coragem e resignação”, porque em lugar dos que não se interessavam “pelo brio nacional”, o “valoroso braço afeito ao trabalho, também com valor e coragem” daqueles, empunharia “a arma” e com o “verdadeiro amor pela pátria” em seus peitos, vingariam a honra nacional²⁸.

Ainda se referindo aos ricos, o jornal desafiava aqueles “homens inermes” que não reagiam aos “ingleses malditos”, destacando que o país precisava “de intrépidos comandantes” como guias ao “campo da vitória”, devendo os “homens de prestígio” estar atentos à sorte nacional, pois se eles vacilassem, o Brasil ficaria “sujeito ao estrangeiro”. Dizia que os governantes deveriam ver que todos precisavam “salvar a pátria” e, “mesmo à custa de sangue, vencer ou morrer”, pois uma vez dado o “grito de guerra, milhares de defensores da pátria se apresentarão

²⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 23 fev. 1863. p.1.

²⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 23 fev. 1863. p.1.

²⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 23 fev. 1863. p.1-2.

ante o orgulhoso que quer despedir-nos dos foros de nação livre”²⁹.

Na visão do periódico, a Grã-Bretanha não iria alçar “a sua bandeira, já por mais de uma vez desfeiteada, na terra de Santa Cruz”, pois os brasileiros a pisariam aos pés e os britânicos iriam perceber “para quanto serve o braço forte do brasileiro”, que só pensava em dar-lhes “uma tremenda lição”. Dessa forma, desafiava os ingleses a cercar “os mares com seus piratas para que não navegue navio nenhum” pertencente ao Brasil, roubando-o, pois só assim eles poderiam “possuir imensas riquezas”. Dizia que aqueles europeus não deveriam pisar o solo brasileiro, pois, caso contrário, seriam “esmagados”, já que “o povo brasileiro” desafiava-os “para uma luta de honra”, caso aquela “nação insolente” ainda tivesse alguma, garantindo que ficava a “certeza que enquanto houver um brasileiro, e em suas veias correr o sangue”, a Inglaterra não saciaria a sua “estúpida ambição”³⁰.

Tais manifestações prosseguiriam no mês seguinte, caso do editorial “Avante rio-grandenses”, no qual o jornal afirmava que a capital da província acabara “de dar um bom exemplo”, pois ali, “sob o impulso da imprensa”, formara-se “um corpo de voluntários para o caso em que a pátria” precisasse “de todos os seus defensores”. Ainda que discordasse de alguns dos elementos que compunham tal força, inspirados em motivos egoístas de galgarem “mais um degrau para o efêmero edifício de sua posição política”, diante da conjuntura de então, aplaudia tal “concurso geral”, pois nele estaria a soprar “o sagrado *sopro do amor à pátria*”. Narrava o periódico que em Porto Alegre, houvera a reunião do povo, formando-se “um *comício* popular” e daí “a associação do corpo de voluntários”, de modo que a cidade já contava “com mais um meio de defesa”, tendo “mais um contingente de cidadãos armados e exercitados a oferecer à pátria”³¹.

Diante da mobilização na capital provincial, o jornal perguntava se a comunidade do Rio Grande não iria repetir tal exemplo, afirmando que “para a formação de um corpo de voluntários” não seria necessária a aristocracia e destacava que “um distinto oficial reformado do exército, credor de muitas simpatias”, vinha se propondo a formar um corpo daquela ordem, se encontrasse “coadjuvação ao povo”. Segundo o periódico, “antigos soldados, cidadãos que não

²⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 23 fev. 1863. p. 2.

³⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 23 fev. 1863. p.2.

³¹ O ARTISTA. Rio Grande, 9 mar. 1863. p. 1.

fazem parte do corpo da Guarda Nacional, e mesmo estrangeiros”, que quisessem “contribuir com o seu contingente para a defesa do país que hospitaleiramente os acolheu em seu seio”, seriam “os membros desse batalhão de voluntários”, cujo único fim seria promover “o exercício das armas” para que, “no caso de necessidade, puderem oferecer um auxílio ao governo imperial”³².

Mantendo o tom de apelo, a folha dizia que o exemplo dado por Porto Alegre fora “tão eloquente e a ideia tão nobre e tão bela”, que por certo acharia “eco nos peitos dos rio-grandenses”. Lembrando sua matriz social, o periódico conclamava “operários, artistas e homens do trabalho”, a formar “esse corpo de voluntários”, recebendo “de braços abertos todos aqueles” que quisessem contribuir, vindo a promover “o exercício das armas, para que o orgulhoso bretão”, que levava “o seu louco arrojo ao ponto de agredir” o Brasil, encontrasse “em cada brasileiro um soldado e um digno descendente” dos heróis nacionais. No mesmo sentido, apelava que os rio-grandenses acudissem à voz que os chamava ao cumprimento de tal dever, pois ela seria emanada do “patriotismo, da virtude, da dedicação e do heroísmo”. Na visão do jornal, “em tempos de perigo, quando a insolência do estrangeiro” ameaçava as praias brasileiras “com arrojada invasão”, todos deveriam “saber manejar uma espingarda ou uma espada” e estarem “preparados para a luta”, de maneira a poder “ser altamente úteis à pátria”³³.

Mais tarde, o periódico publicaria a matéria “O conflito anglo-brasileiro” no qual analisava a pendência diplomática, concluindo que as tratativas que poderiam levar ao termo do enfrentamento entre os dois países seria “para o Brasil um novo triunfo moral alcançado pela posição digna e respeitável que assumiu e manteve em defesa de seu bom direito”. Na sua opinião, ao apoiar-se “no direito internacional e na força moral que lhe dava a justiça da sua causa, o governo imperial” mostrara “na publicação da correspondência diplomática relativa ao conflito”, sua confiança no “julgamento da opinião universal”, contando que “a lealdade, firmeza, o acerto do seu procedimento mereceriam simpatia e aprovação de todas as nações cultas”, não tendo se enganado quanto à tal perspectiva. Para o jornal, “a posição elevada” em que o Brasil se colocara não só lhe conquistara “o aplauso da Europa”, mas comprovara, “em face do mundo, o que poderia a força do direito ofendido, quando a

³² O ARTISTA. Rio Grande, 9 mar. 1863. p. 1.

³³ O ARTISTA. Rio Grande, 9 mar. 1863. p. 1.

dignidade nacional” soubera “levantar-se à altura do respeito para reivindicar e defender”³⁴.

Segundo o *Artista*, na altura em que o Brasil se postara, “em legítima defesa da sua causa, a questão de dinheiro era desprezível, e o governo brasileiro nobremente a desprezou, ganhando assim mais jus à estima do mundo, porque as ações fidalgas” tanto nobilitavam “os indivíduos como as nações”. A publicação rio-grandina considerava que “a questão da dignidade nacional ofendida e a do direito internacional atropelado” estariam ligadas à “honra da nação, e tanto o governo brasileiro como o seu representante em Londres, fiéis intérpretes do sentimento nacional” teriam sabido “tornar reconhecido e valioso o protesto solene que opuseram à violência que, apoiando-se no direito condenável da força, procurara suplantar o poder moral irresistível da força do direito”. O periódico afirmava ainda que “em toda a correspondência diplomática brasileira sobre o conflito, ao vigor de uma esclarecida argumentação” juntara-se “o mérito da lealdade e a habilidade inteligente”, que soubera “conciliar as práticas de diplomacia com os imperiosos deveres impostos a todo o governo que timbra em salvaguardar a honra e o brio do seu país”, diante do que felicitava o governo e o povo brasileiro³⁵.

Apesar de tais esperanças, o periódico dos artífices continuaria sua cruzada anti-britânica, como no artigo “Preparativos bélicos”, no qual apreciava que, “ao passo que os eleitos do povo se cansam a discutir a conveniência ou inconveniência” do que já estava “feito em relação ao insulto que da Inglaterra” recebera o Brasil, empregava-se “o exército brasileiro em outras diversões mais úteis”. Na mesma linha, comentava que o “amado monarca brasileiro, de alma e coração”, não vinha descansando e tinha passado revistas, examinado as fortificações, visitando os arsenais e assistindo a exercícios de tiro, de modo que tão “nobre exemplo” deveria forçosamente reagir sobre o país, sendo na realidade “animador o espetáculo” que se presenciava. Dessa forma, narrava que, “em todos os pontos mais importantes e mais ameaçados de invasão estrangeira”, estavam reunidas tropas, passava-se revistas e procedia-se “a exercícios a fim de habilitar o brioso exército” nacional “a vitoriosamente resistir ao audaz estrangeiro” que

³⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 4 mai. 1863. p. 1.

³⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 4 mai. 1863. p. 1.

ousasse, “na qualidade de inimigo, por o pé em terra brasileira”³⁶.

Fazendo referência ao icônico representante do imperialismo britânico, o jornal informava que a brigada que estava guarnecendo “a importante ilha de Santa Catarina, principal objeto da cobiça de *John Bull*”, procedera “a um completo exercício de fogo, fingindo repelir ataques”, fazendo “brilhante manobra militar”. Ao observar tal ato, o periódico tomava-o por exemplo, desejando que “todos os corpos de tropa de linha, destacados nas diferentes partes do império, se preparassem para a luta e imitassem o procedimento da brigada destacada em Santa Catarina, que em caso de uma invasão”, saberia o que deveria fazer visto que já vinha se preparando. Ainda sobre a ação militar dos catarinenses, a folha qualificava-a como “um brilhante exercício de fogo” e “uma magnífica cena bélica que atraiu grande parte dos habitantes” da localidade³⁷.

Sobre o mesmo tema, a folha considerava que fora “sobremaneira agradável e imponente” o aspecto que apresentava aquela “força militar pela sua firmeza, asseio e regularidade de uniformes” em sinal característico da “mais severa disciplina, mantida por seus briosos chefes e oficialidade”, a ponto de que, a primeira vista, poderia ser dito “que a linha era formada de estátuas e não de homens”. Segundo a publicação, era “da firmeza de um corpo” que se poderia “bem avaliar a bravura e intrepidez dos indivíduos” que o compunham e, terminada a ação, teriam ficado “todos os indivíduos animados e muito contentes por terem cumprido satisfatoriamente seus deveres”, bem como “possuídos do nobre orgulho de se acharem aptos para rechaçar qualquer força inimiga por mais disciplinada que fosse”. Diante desses exercícios, concluía que seria através dos mesmos, “apesar de dispendiosos para o estado, que os soldados” poderiam “se habilitar vantajosamente, para debelar os inimigos da pátria que ousassem atacá-la com mão armada”.

Já na segunda metade de 1863, o *Artista* publicava várias “Notícias da Europa” e, dentre elas, tratava da questão anglo-brasileira, referindo-se à ruptura diplomática e utilizando-se largamente da documentação expedida pelo governo brasileiro e sua versão sobre os fatos que levaram ao conflito. Lançando a culpa de

³⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 18 mai. 1863. p. 1.

³⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 18 mai. 1863. p. 1.

tal desentendimento aos britânicos, o periódico sentenciava que “um cônsul louco, um diplomata estourado e um ministro orgulhoso” teriam sido os responsáveis pelo corte das “relações de antiga amizade que uniam estreitamente o povo inglês e o brasileiro”. Na sua opinião, o que se seguiria a partir de então pouco importava e, “dentro de um prazo mais ou menos longo” seria possível “que se restabelecessem as relações diplomáticas entre os dois países”, entretanto, viveria, “de certo, eternamente no coração dos brasileiros a dor de um insulto injusto” motivado pelos representantes diplomáticos e governamentais da Grã-Bretanha³⁸.

O jornal informava que as instruções da diplomacia brasileira seriam de insistir “para a obtenção da satisfação da ofensa feita à soberania do Brasil”, declarando que não seria “intenção do governo imperial renovar a questão que produzira profunda desinteligência entre os dois governos, tratando ainda dos fatos que precederam à execução das represálias, mas sim chamar a atenção” dos britânicos “para o modo porque se praticaram” as mesmas, “e o efeito natural da demonstração imprevista de forças navais”. O periódico descrevia o bloqueio naval e o aprisionamento de embarcações promovido pelos ingleses no Rio de Janeiro, destacando que tais acontecimentos não poderiam “ser considerados senão como atos de guerra, contrários à natureza de represálias em tempo de paz”. Na concepção da folha, tais atos constituíram “uma ofensa graciosa”, uma vez que “a menor demonstração de força seria suficiente para garantir ao governo inglês, sob protesto, aquilo que tinha ele em vista obter”³⁹.

Ainda sobre o tema, o *Artista* considerava que aquelas “circunstâncias feriram profundamente as legítimas suscetibilidades da nação brasileira, excitadas por uma invasão inesperada de seu território e provocaram da parte” do governo imperial “um justo pedido de satisfação pela ofensa à soberania nacional”. Além disso, apontava também que “os súditos brasileiros sofreram em sua propriedade pela execução daqueles atos de represálias, e tinham também direito a pedir reparação”. Afirmava que o Brasil “desejava a continuação das relações amigáveis com o governo inglês, mas de modo honroso para os dois países”. Para que se restabelecessem as relações, o jornal enfatizava as condições brasileiras, ou seja, que o governo britânico deveria “expressar o seu pesar pelos atos que acompanharam as

³⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 13 jul. 1863. p. 1.

³⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 13 jul. 1863. p. 1.

represálias”, ressaltando “a dignidade nacional” e reconhecendo que não deveria ter “violado a soberania territorial do império”⁴⁰.

Seguindo as diretrizes do governo brasileiro, a folha rio-grandina destacava que “a recusa peremptória de tomar em consideração os pedidos brasileiros agravava a ofensa feita ao Brasil”, uma vez “que toda aquela série de atos importava fatos de verdadeira guerra tão ofensivos, quão desnecessários”, de modo que ao governo imperial, “não podendo ficar sob o peso de uma injúria não reparada”, coubera a necessidade de interromper as suas relações com o governo britânico. A tais impressões, o jornal somava notícias de repercussões favoráveis ao Brasil ocorridas na Europa, inclusive na Grã-Bretanha, na qual membros do parlamento e representantes da imprensa passaram a questionar os governantes a respeito dos procedimentos que teriam levado à ruptura com o Brasil. Para corroborar com suas convicções, o periódico lançava mão de uma suposta citação de publicação britânica, a qual teria afirmado que “a Grã-Bretanha, a primeira potência marítima do mundo, dera uma prova de sua valentia provocando uma nação que não possuía armada”, de maneira que toda a nação viera a saber que seu governo praticara “um ato cuja malignidade só seria comparável à covardia”⁴¹.

Dessa maneira, o *Artista*, como um órgão voltado à causa dos artífices, ainda no início de sua existência, buscou ser também uma voz ativa na grande campanha que tomou conta do país na reação à pressão britânica exercida durante a Questão Christie e o conseqüente desentendimento diplomático britânico-brasileiro. Invocando a força dos brasileiros, principalmente a dos trabalhadores – considerados como os mais valorosos dentre aqueles que atuavam na defesa da pátria – o periódico manifestava a certeza de que o país estava pronto para reagir à afronta estrangeira e trouxe para os seus leitores uma série de manifestações carregadas de amplo patriotismo, visando tomar parte na mobilização anti-britânica que se espalhou pelo império.

A aplicação em sala de aula das impressões do *Artista* quanto a esse eixo temático foi inserida no debate sobre a posição do Brasil no contexto internacional do século XIX, marcado por uma hegemonia britânica sobre o país. A conjuntura

⁴⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 13 jul. 1863. p. 1.

⁴¹ O ARTISTA. Rio Grande, 13 jul. 1863. p. 1-2.

histórica do período foi apresentada e, posteriormente, foi estabelecida uma explicação sobre a relevância da imprensa como mote para apreender a História, bem como a respeito da evolução histórica da imprensa brasileira, rio-grandense e rio-grandina, para, finalmente ser abordada a formação histórica inicial do *Artista*, destacando-se suas principais características e suas posições diante do imperialismo britânico. Após essa preparação foram introduzidos excertos dos textos publicados pelo jornal que bem representam suas convicções sobre o tema, conforme quadro abaixo.

ARTISTA (trechos)

Sim – já basta de sofrer, basta de carregarmos os ferros da soberba Albion!

O Brasil, que se libertou de sua metrópole, não saberá libertar-se do jugo e da prepotência inglesa?

(...)

Oh! sim havemos de reagir, porque assim o mandam o nosso brio, a nossa dignidade, a nossa honra ultrajada, o nome de brasileiros, que nos ufanamos de possuir.

(...)

E se eles então quiserem vir com os seus navios castigar-nos por essa justa deliberação, o povo brasileiro saberá defender-se, porque se lhe falta forças para levar a guerra para fora do país, sobeja-lhe para defesa da pátria.

(...)

E o mundo, presenciando esse espetáculo heroico de uma nação fraca, que se tornou forte na defesa de seus direitos, far-nos-ia justiça; e as grandes potências mais equitativas que a ambiciosa Inglaterra, tomariam partido por nós (19/1/1863).

Levanta-te, povo brioso! Arremessa altivo a tua luva aos pés do déspota inglês. É a luva de um povo livre, que com tinir sonoro caí aos pés do tirano. Alerta irmãos, não mais sofrer! Basta de humilhação!!!

Os brasileiros livres e fortes não temem, nação insolente e opressora!

Alerta! pois, brasileiros, hora soa, empunhemos nossas espadas, embora seja preciso derramar sangue; mas esse sangue correrá em defesa da pátria que tanto amamos, sacrifiquemos tudo, abandonemos nossas esposas, nossos filhos, nossas fortunas, enfim, tudo sacrifiquemos, mas não deixemos perecer a pátria.

Sejamos unidos e a tudo resistiremos!! (2/2/1863).

Esses soldados briosos e valentes vão marchar, e pôr-se à frente do inimigo que já treme.

Avante, guerreiros, e não temer, porque sereis respeitados: ninguém ousará duvidar de vossa coragem.

Ânimo e valor, amor e lealdade à pátria devem ser os únicos pensamentos que vos acompanham.

Ide, e provai a esses ambiciosos que sois filhos da terra de Santa Cruz!

Coragem! O insolente bretão já treme à vossa vista.

Coragem, porque o inimigo não vos resistirá, ele não quer sangue, quer sim nossas riquezas. Ouro, ouro, é só o que a Inglaterra quer.

Ide, cercai os mares com vossos piratas para que não navegue navio

nenhum que nos pertença, roubai-os porque só assim é que podeis possuir imensas riquezas.

Mas não piseis no nosso solo, porque então, ai de vós!

Sereis bem esmagados.

O povo brasileiro, te desafia para uma luta de honra, se é que ainda tens, nação insolente! (23/2/1863).

A partir da leitura de tais excertos, sempre acompanhada pelo apoio da professora e do uso do dicionário, os discentes passaram a realizar algumas propostas reflexivas em relação ao conjunto dos textos e explicações. O enunciado das reflexões era: “Os trechos do jornal *Artista* mostram uma das faces das fortes reações contra o imperialismo britânico que ocorreram no Brasil à época da Questão Christie”. A seguir eram sugeridos cinco pontos de reflexão:

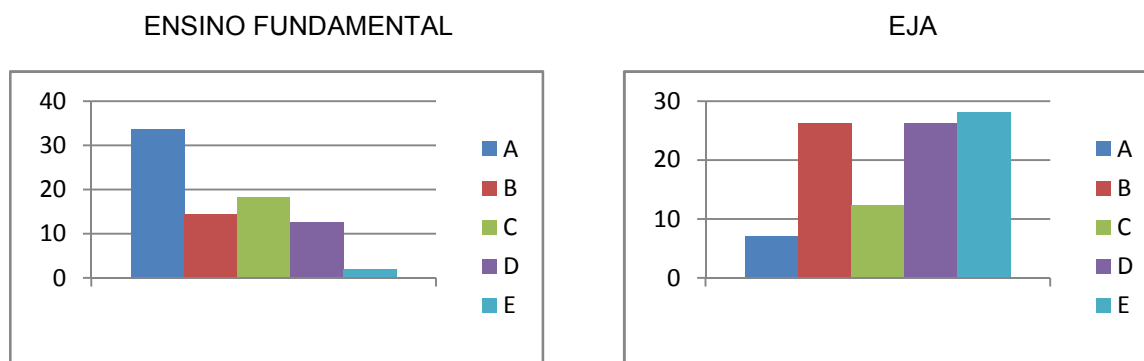
- explica os motivos da pressão britânica sobre o Brasil – no intento de observar o entendimento quanto à conjuntura que levou ao desentendimento diplomático brasileiro-britânico;
- cita os fatores que levaram à Questão Christie – no sentido de verificar a compreensão quanto aos motivos que desencadearam o evento histórico;
- destaca as formas pelas quais ocorreram as reações contra o imperialismo britânico no Brasil – visando perceber se os alunos haviam observado as diversas facetas pelas quais se manifestou a indignação dos brasileiros, também expressas através das páginas do *Artista*;
- analisa o significado de uma “cruzada santa” contra a Grã-Bretanha – com o objetivo de observar o cerne da construção discursiva do jornal rio-grandino;
- compara as afirmações do jornal com a posição normalmente adotada pelo Brasil no contexto do predomínio imperialista ao longo de toda a sua História – tendo por meta analisar o alcance dos estudantes quanto às abordagens tradicionais que normalmente analisam o Brasil como um país totalmente passivo diante do predomínio imperialista.

Tal atividade foi bastante profícua em resultados, tendo um nível geral de acertos de setenta e um por cento. As maiores dificuldades centraram-se no fato de ser o primeiro contato com aquela fonte histórica, até então bastante estranha para o

alunado e o vocabulário presente nos textos, às vezes de mais difícil compreensão, exigindo um constante uso do dicionário. As reflexões que mais se afastaram do que poderia ser considerado correto, apontavam para a interrupção do comércio entre o Brasil e a Grã-Bretanha, ou ainda a busca por impedir os investimentos britânicos no império, o que efetivamente nunca deixou de acontecer, ainda mais por ser a economia brasileira extremamente dependente tanto dessas relações mercantis quanto desses investimentos; para possíveis agressões contra cidadãos britânicos no Brasil, talvez como uma confusão em relação ao que ocorreu com os marinheiros no Rio de Janeiro e que acabaria por ser um dos fatores do conflito diplomático; e até para uma possível iniciativa do *Artista* de mover uma campanha para que o Brasil invadisse a Grã-Bretanha, embora o apelo do periódico fosse no sentido de que o Brasil se preparasse para enfrentar os britânicos numa guerra defensiva, ainda mais porque seria um enfrentamento com a maior potência mundial de então.

Na conclusão da atividade foram debatidos os alcances e limites da mesma, destacando-se aquelas incorreções e enfatizando-se os acertos e as possibilidades de apreensão do alunado. O seguinte conjunto gráfico representa tais “ideias síntese” desenvolvidas pelos discentes em cada uma das propostas reflexivas⁴²:

Proposta de reflexão “explica os motivos da pressão britânica sobre o Brasil”



A – conseguir a abolição da escravidão no Brasil

B – manter a primazia em relação a outros países no comércio com o Brasil

C – manter as amplas vantagens econômicas sobre o Brasil

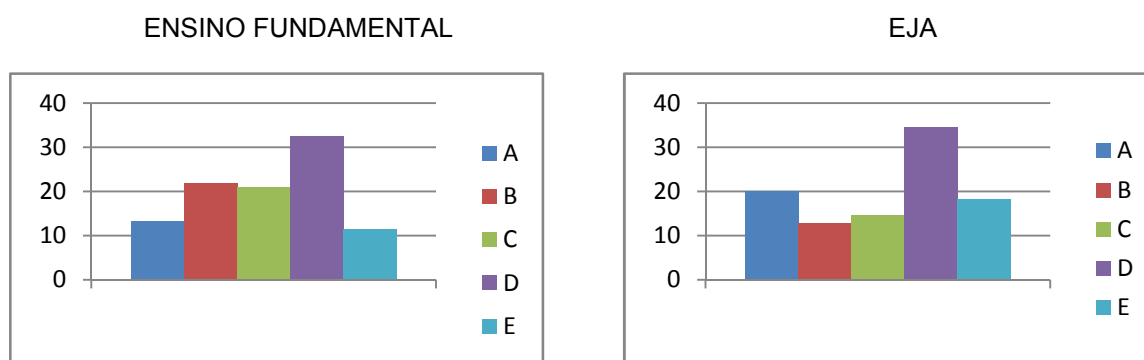
D – manter o Brasil sob a sua hegemonia

E – mostrar a força do imperialismo britânico

⁴² As “ideias síntese” representam uma sistematização do conjunto de respostas elaboradas pelos alunos, aproximando aquelas que tinham um sentido mais próximo. Foram computados os números absolutos compreendidos nas respostas de cada questão e da sua totalidade foi calculada a porcentagem de cada uma das “ideias síntese”.

Os alunos tiveram ótimo resultado ao identificarem os motivos da pressão britânica sobre o Brasil. Para tanto, associaram os textos do *Artista* com as explicações a respeito da conjuntura histórica que marcou os desentendimentos britânico-brasileiros. Nesse sentido, foram apontadas desde a pressão britânica para obter de forma definitiva a extinção da escravatura no Brasil até as várias intenções da potência mundial em manter seus privilégios e a hegemonia da força imperialista sobre o Brasil. Para os alunos do Ensino Fundamental uma dos pressupostos mais destacados esteve ligado à abolição da escravidão, tema recentemente por eles apreendido. Já entre os estudantes da EJA, houve uma distribuição mais harmônica das “ideias síntese”, com destaque para a compreensão das atitudes britânicas como elementos fundamentais à continuidade da demonstração de força das práticas imperialistas daquela que era a nação hegemônica ao longo do século XIX.

Proposta de reflexão “cita os fatores que levaram à Questão Christie”

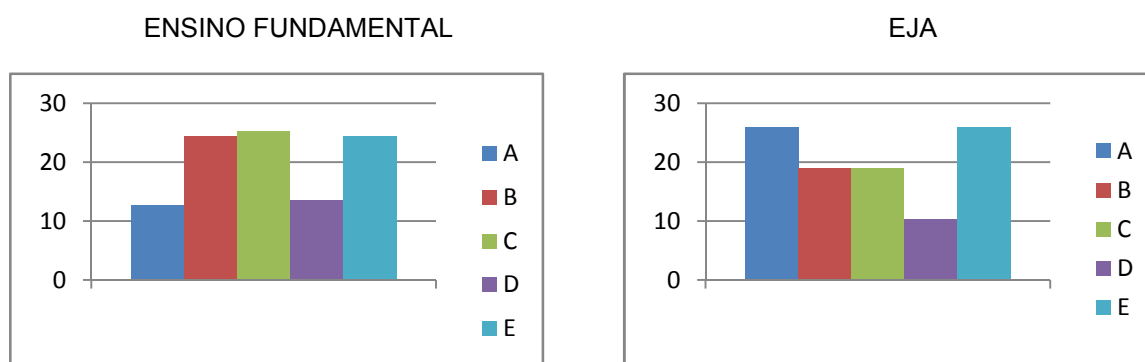


- A – desentendimentos entre os diplomatas brasileiros e britânicos
- B – exigências britânicas de indenizações pelos produtos que se salvaram do naufrágio
- C – exigências britânicas de pedidos de desculpas de parte do Brasil
- D – naufrágio de um navio britânico na costa gaúcha
- E – prisão de militares britânicos no Brasil

No que tange às motivações históricas da Questão Christie, novamente inter-relacionando os excertos do *Artista* com as explicações acerca da conjuntura de então, os alunos apontaram para os vários fatores que levaram aquela estranheza de natureza diplomática, fazendo referência não só aos dois episódios mais imediatos que levaram à deflagração do desentendimento, o naufrágio da embarcação britânica e a prisão dos militares da mesma nacionalidade, como

também todos os eventos a partir daí desencadeados, como as constantes exigências de reparações de parte da Grã-Bretanha e os desacertos entre os representantes diplomáticos de parte à parte. Tanto no Ensino Fundamental quanto na EJA, o grande destaque foi o naufrágio do navio britânico na costa gaúcha, numa nítida demonstração da identidade dos discentes com um evento ocorrido no seu próprio contexto estadual, ainda mais por tratar-se de uma região próxima aquela na qual eles vivem.

Proposta de reflexão “destaca as formas pelas quais ocorreram as reações contra o imperialismo britânico no Brasil”

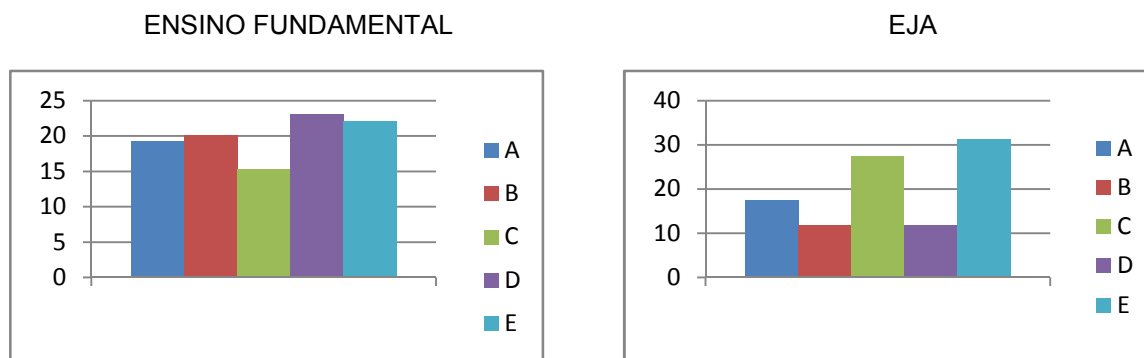


- A – cartas dos diplomatas
- B – discursos dos deputados
- C – gestos de antipatia para com os britânicos
- D – manifestações nas ruas
- E – notícias e opiniões nos jornais

Tal proposta de reflexão acerca das reações brasileiras contrárias às práticas imperialistas estava ainda mais diretamente ligada à construção discursiva do *Artista*, exigindo uma atenção mais redobrada dos estudantes para os trechos de textos do jornal rio-grandino. Dentre as ideias levantadas pelos alunos estiveram desde as manifestações da própria imprensa e do parlamento, quanto o conjunto das atitudes diplomáticas e até as manifestações anti-britânicas nem tão difundidas como aquelas presentes no burburinho das ruas e das conversas cotidianas. Um dos destaques entre tais “ideias síntese”, tanto no que tange aos alunos do Ensino Fundamental quanto da EJA, esteve ligado às próprias contestações ao imperialismo britânico praticadas nas páginas dos jornais, revelando a influência da

fonte utilizada, ou seja, os veementes discursos contrários às ações da Grã-Bretanha, emitidos por meio da folha dos artífices rio-grandinos.

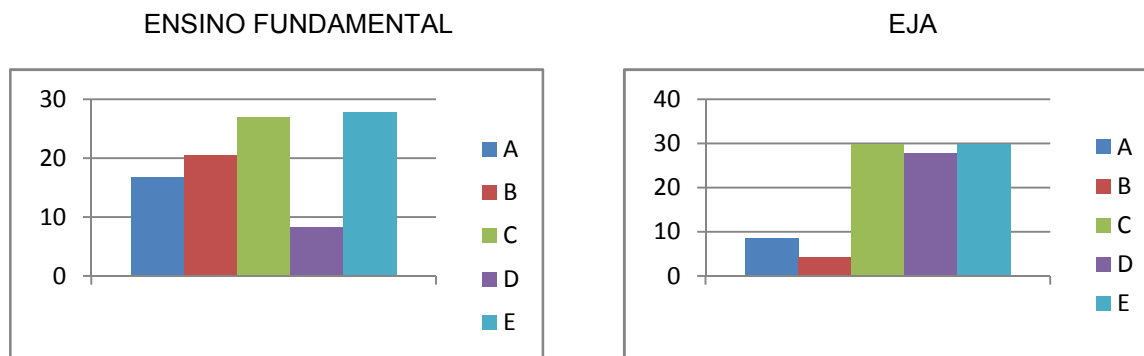
Proposta de reflexão “analisa o significado de uma ‘cruzada santa’ contra a Grã-Bretanha”



- A – demonstração de insatisfação com as exigências britânicas
- B – manifestações dos jornais contrárias à Grã-Bretanha
- C – mobilização dos brasileiros
- D – mostrar a insatisfação com o conjunto do imperialismo britânico
- E – preparação para uma possível guerra

O entendimento do termo “cruzada santa” era fundamental para que os discentes compreendessem o conjunto das explicações promovidas em sala de aula a partir dos textos do *Artista*. Foi necessário um bom poder de associação, pois a palavra “cruzada” remetia os alunos ao estudo da Idade Média, mas, ainda assim eles conseguiram ter alcance para compreender que o sentido daquele termo poderia estender-se a outros momentos históricos. Foi nessa proposta de reflexão que os estudantes analisaram ainda mais detidamente os excertos do *Artista* e conseguiram ter ótimo entendimento quanto ao significado daquele movimento de reação à pressão britânica, fosse por meio das palavras dos jornais e das pessoas, fosse por uma mobilização mais vibrante ou até mais extremada, no caso de um enfrentamento bélico. A distribuição das “ideias síntese” tendeu a ser mais harmônica entre os alunos do Ensino Fundamental e, dentre os da EJA, houve um destaque maior à mobilização dos brasileiros e à preparação para a guerra, podendo refletir certas influências da vida cotidiana atual em suas percepções históricas.

Proposta de reflexão “compara as afirmações do jornal com a posição normalmente adotada pelo Brasil no contexto do predomínio imperialista ao longo de toda a sua História”



- A – algumas vezes os brasileiros manifestaram-se contra o imperialismo
 B – foi uma das primeiras manifestações mais fortes contra o imperialismo
 C – nem sempre o Brasil aceitou ser dominado
 D – os brasileiros deveriam se rebelar contra o domínio britânico
 E – se fosse necessário, o Brasil deveria fazer a guerra contra a Grã-Bretanha

Esta última proposta de reflexão visava que os alunos avançassem em relação ao próprio conteúdo diretamente vinculado àquele momento histórico específico e pensassem a respeito do conjunto da ação imperialista sobre o Brasil ao longo de toda a sua formação histórica. De modo geral, muitas das explicações acerca das relações do país com o domínio imperialista são baseadas quase que como numa aceitação natural de tal predomínio, sem maiores destaques aos momentos de reação que, ainda que efêmeros, manifestaram-se ao longo da história brasileira. E os estudantes conseguiram ter este alcance, apercebendo-se por meio das páginas do *Artista* que não só o jornal, mas muitas pessoas se mobilizaram contra o imperialismo. Ainda que com certas discrepâncias no que tange à colocação cronológica das reações anti-britânicas, os discentes do Ensino Fundamental e da EJA deram destaque à não aceitação daquele domínio de parte dos brasileiros e, ainda mais, ao apelo extremo do enfrentamento bélico contra a maior potência mundial de então, refletindo tanto a influência do discurso do *Artista* que se dizia pronto para aquele conflito belicoso, ainda que improvável e de resultados provavelmente negativos para o Brasil, quanto ao destaque que as guerras tiveram e tem na conjuntura histórica mundial contemporânea.

Ainda que fosse o primeiro segmento na atividade tripartite planejada para trabalhar com o *Artista* em sala de aula, tal experiência teve um resultado significativamente positivo, conseguindo os alunos observarem a relevância da folha

rio-grandina. Mesmo sendo uma publicação muito jovem e representante da pequena imprensa, o *Artista* foi um dos ativos participantes da ampla ação movida contra a Grã-Bretanha. Ficavam expressas em suas palavras as várias modalidades de relações estabelecidas em seu discurso, fosse a oposição entre os interesses nacionais e os britânicos, a associação entre o patriotismo e o anti-imperialismo e as identidades entre o verdadeiro patriota e a abnegação na defesa da nação. O semanário rio-grandino, assim, refletia uma característica comum ao jornalismo brasileiro de então, pois, “mover cruzadas patrióticas em nome da nacionalidade e em oposição à afronta de um outro país, servindo a imprensa como motor de difusão, viria a constituir uma tradição na história das relações internacionais do Brasil”⁴³.

Nessa linha, fazendo eco ao conjunto da imprensa brasileira, o semanário através de suas páginas impressas empreendeu uma guerra de palavras contra aquela que foi considerada como uma agressão dos britânicos. Era uma verdadeira pregação de fé patriótica, buscando a conclamação pública dos brasileiros que deveriam congregar-se e unir-se em torno da causa em comum – o combate ao inimigo externo. O jornal chegava a ultrapassar as palavras impressas, propondo a ampla participação numa mobilização para, de armas à mão, enfrentar a guerra contra o invasor do território e usurpador da soberania nacional. Lançando mão de editoriais e matérias noticiosas a folha exortou os brasileiros a não se omitirem, clamando pela justiça e, em nome de um verdadeiro patriotismo, a moverem aquela cruzada contra o imperialismo britânico.

⁴³ ALVES, Francisco das Neves. História das relações internacionais, imprensa e caricatura: o incidente com a canhoneira Panther nas páginas do *Artista*. In: **Caricatura, simbolismos e representações no Rio Grande do Sul: ensaios históricos**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2012. p. 123.

UM LIBERAL PURO: AS ESTRUTURAS POLÍTICO-PARTIDÁRIAS DO BRASIL IMPERIAL NA PERSPECTIVA DO ARTISTA

A formação dos partidos políticos brasileiros foi um processo complexo que se iniciou durante a própria formação do Estado Nacional e, passada a independência, começaria a ganhar substância no I Reinado e, mais ainda, após a abdicação de D. Pedro I. Os confrontos político-ideológicos e militares da época regencial que praticamente levaram à fragmentação territorial e ao rompimento institucional, com a eclosão de várias revoltas provinciais promoveram mais alguns dos alicerces em relação às frentes partidárias brasileiras. Finalmente, após o golpe da maioria e a vitória sobre os focos rebeldes, com a estabilidade do II Reinado, ocorreria uma certa definição em relação às duas principais forças partidárias da época – os liberais e os conservadores, aqueles como defensores da liberdade, pretendendo modificações mais profundas na constituição, e estes defensores da ordem, querendo a manutenção dos preceitos constitucionais e, no caso de reformas, que elas fossem refletidas e realizadas aos poucos.

Isso não significou, no entanto, que vários dos membros destes partidos tenham permanecido sempre firmes e coesos em suas respectivas filiações. Houve também uma série de caminhos alternativos, com cisões internas e aproximações entre indivíduos de partidos diferentes. As tendências de conciliação/coligação em geral responderam a determinados contextos históricos de rearranjo de forças internamente ou envolvimento do país em confrontos externamente. Contra essas frentes de convergência surgiam constantes reações, principalmente daqueles que se consideravam “puros” na sua filiação partidária, criticando fortemente as tendências conciliatórias por considerá-las destruidoras dos princípios partidários e promovidas apenas por interesses pessoais. Essas vozes discordantes das

coligações se manifestaram por meio dos jornais espalhados por todo o país, como aconteceu no Rio Grande do Sul e na cidade do Rio Grande, como foi o caso do *Artista*, aquele pequeno periódico surgido em 1862, voltado a defender a causa dos artífices e que, politicamente, considerava-se como um “liberal puro”.

Tendo por justificativa a manutenção da estabilidade interna, ainda mais quando o império desenvolveu vários conflitos no contexto externo, as tendências conciliatórias tentavam vencer as diferenciações entre os dois principais partidos imperiais. A partir disso, vários políticos dos diferentes partidos buscaram atenuar os conflitos e, através da aproximação de segmentos dentre os conservadores e os liberais se estabeleceram algumas experiências conciliatórias e até de coligações entre as duas frentes partidárias, tanto no contexto imperial, quanto no gaúcho. Essa prática da conciliação, que “foi mais uma orientação política do que um grupo político definido”¹ constituiu “uma tendência política comum na história do Império, como na de toda a vida brasileira” e sua existência torna-se “compreensível, pois quem está no poder deseja não ter problemas, busca a unanimidade consagradora, enquanto o que está na oposição pode desejar a simpatia e os favores das autoridades, para ter algum amparo”². Os interesses diferentes, as divergências partidárias e as disputas pelo poder, no entanto, levariam à contestação e à futura ruptura com as tendências conciliatórias e de coligação, surgindo dissidências internas e externas às frentes partidárias então atuantes na vida política³.

No contexto gaúcho, Liga, Contra-Liga e Partido Liberal Progressista, ora com o predomínio de conservadores, ora de liberais, foram as frentes partidárias que representaram as tendências conciliatórias, que atuaram dos anos cinquenta aos sessenta⁴. Já na década de sessenta, haveria uma reordenação do Partido Liberal e ele iniciaria uma jornada em direção a dominar a vida política gaúcha⁵. A partir

¹ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. p. 163.

² IGLÉSIAS, Francisco. Vida política, 1848/1868. In: **História geral da civilização brasileira – o Brasil Monárquico: reações e transações**. 3ª.ed. São Paulo: Difel, 1976. t. 2. v. 3. p. 38.

³ IGLÉSIAS, Francisco. **Trajetória política do Brasil (1500-1964)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 166-167.

⁴ PICCOLO, Helga I. Landgraf & VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Contribuição para a interpretação do processo político-partidário sul-rio-grandense no Império. In: **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ano 7, 1979-1980. p. 119-139.

⁵ ANTUNES, Deoclécio de Paranhos. Os partidos políticos no Rio Grande do Sul (1822-1889): gênese e desdobramento histórico desde a proclamação da independência à república. IN: **Anais do**

desse renascimento partidário, as coligações passavam a ser fortemente contestadas, por aqueles que se denominavam liberais históricos, os quais denunciavam que aquelas frentes só tinham o objetivo de satisfazer interesses pessoais e eleitorais.

Apesar do Brasil constituir um país onde “a realidade da vida política distava muito dos dispositivos legais” e no qual a “experiência representativa” era ainda muito limitada⁶, as tendências conciliatórias começavam a perder espaço. As frentes voltadas a coligações passavam a ter “a sua existência contestada”, pois, “partidários da conciliação, da concórdia”, viriam a ser “criticados como agentes de uma política ‘indefinida’”⁷. Nesse sentido, “foi o Partido Liberal que, a partir de 1860, em fase de reorganização, se posicionou contra a diluição partidária inaugurada no Rio Grande do Sul em 1852”, de modo que estaria chegando “o momento de definição política, superando a indefinição da Liga, da Contra-Liga e do Partido Liberal Progressista” e o “Partido Liberal exigia essa definição, cobrava programa aos grupos e partidos políticos que não os tinham”⁸. Em nome dos ideais partidários “puros” e na busca por afirmação do Rio Grande do Sul no contexto nacional, o Partido Liberal ganhava cada vez mais força⁹, notadamente ao promover o debate sobre as reformas nacionais e ao estabelecer “estudos e reflexões sobre a ordem institucional”, as “urgências de origem social”¹⁰ e os obstáculos colocados “no caminho da construção da nação brasileira”¹¹.

Muitos dos jornais gaúchos serviram como divulgadores dessas ideias contrárias às tendências conciliatórias, como foi o caso de algumas das publicações da cidade do Rio Grande. Foi o caso do *Artista* que, além de estar voltado à causa

Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense. Porto Alegre: Globo, 1936. v. 2. p. 233-234.

⁶ CARVALHO, José Murilo de. Fundamentos da política e da sociedade brasileiras. IN: AVELAR, Lúcia & CINTRA, Antônio Octávio (Orgs.). **Sistema político brasileiro: uma introdução.** Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung; São Paulo: Fundação UNESP, 2004. p. 28.

⁷ PICCOLO, Helga I. Landgraf. **Vida política no século XIX.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991. p. 52.

⁸ PICCOLO, Helga I. Landgraf. A política rio-grandense no Império. In: **Rio Grande do Sul: economia e política.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p. 103.

⁹ FAORO, Raymundo. Rio Grande do Sul: linhas gerais de sua formação política. In: **Revista Brasileira de Cultura.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, jan.- mar. 1970, ano 2, n. 3, p. 99-100.

¹⁰ WEFFORT, Francisco C. **Formação do pensamento político brasileiro.** São Paulo: Ática, 2006. p. 327.

¹¹ CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados: escritos de história e política.** Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999. p. 57.

dos artífices, dizia-se um “defensor de ideias liberais”, sustentando os ideais do Partido Liberal¹². Dessa maneira, “além da defesa dos trabalhadores, a construção discursiva estabelecida pelo jornal deixava bem evidenciadas as convicções político-partidárias de seus redatores”. Essa expressão de um “vínculo partidário, no entanto, não esteve dissociada da linha editorial do periódico, pois, ao considerar-se como um seguidor dos liberais, destacava que estes eram os representantes políticos que melhor poderiam defender os interesses dos trabalhadores. O periódico “não aceitava as aproximações entre liberais e conservadores por interesses circunstanciais e eleitorais, considerando essas tendências como as responsáveis pelas dificuldades que passava o país”¹³.

Nesse contexto, “a folha promoveu veementes ataques às políticas conciliatórias e às coligações partidárias, manifestando esse pensamento já à época da publicação de seu programa, quando traçava um quadro profundamente negativo da vida política brasileira”¹⁴. Tal visão ficava bem clara em seu primeiro número, quando o jornal fazia referência à corrupção que cobria “o país com o seu negro manto”; aos partidos que adormeciam “ao canto da sereia chamada conciliação”; ao interesse pessoal que substituíra “a luta dos princípios”; ao regime representativo que não passava de forma; ao “sacro recinto do parlamento” que se transformara “em vasto mercado, onde à troca de pingues rendimentos, de altos empregos, se vende o mandato honroso do povo”; à “maioria parlamentar”, a qual significava “ambição satisfeita”, enquanto a oposição seria a “ambição ainda não saciada”; à lei, vista como “uma mera manivela nas caprichosas mãos de uma magistratura, em sua maior parte prostituída”; à “corrupção emanada da cúpula do edifício social” que se infiltrava “por todas as camadas da nação”; ao ouro, como “único apanágio apreciado”; ao fato de “os títulos, as honras, os distintivos, não pertencerem ao mérito, mas sim ao vício, ao perjúrio, e ao crime”; à corte, cujo “luxo infrene se reúne ao humilhante cerimonial das monarquias despóticas da Ásia”; e, finalmente, a tudo que era “vício e corrupção, quando aqueles a quem a nação confiou os seus

¹² PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. As origens de *O Artista* (1862-3). In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique(Orgs.). **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande/Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1995. p. 125-128.

¹³ PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O discurso político-partidário do jornal rio-grandino *Artista*. In: **Revista Scientia Historica**. Rio Grande: Associação dos Pós-Graduados em História da Cidade do Rio Grande, 2006. v. 3, p. 117-118.

¹⁴ ALVES, Francisco das Neves. **O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)**. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 233.

destinos só tratam de saciar a sua ambição infrene, quando para eles o amor da pátria não existe”¹⁵.

Em referência direta às tendências conciliatórias, o jornal criticava o “especulador político que declama nas fileiras da oposição e ostenta um fingido amor à liberdade, que só dura enquanto o governo não lhe atira a fatia que cobiça”¹⁶. O *Artista* apoiava as idéias do Partido Liberal, porém, não aceitava os setores desse partido que se aliavam aos conservadores, considerando essa aproximação um dos grandes males da política brasileira. Para o jornal, cada partido deveria manter a fidelidade ao seu programa, sem procurar aproximações por circunstâncias temporárias. O periódico definia-se, desse modo, como um “liberal puro”, o qual não aceitava conchavos partidários de caráter eleitoreiro¹⁷. Afirmava ser o “único órgão das classes que trabalham” e cumpria “um sagrado dever” pronunciando-se “francamente”, destacando que era um liberal “como todos os filhos do povo”. Mas enfatizava que os promotores da folha eram “liberais puros”, não comungando “nos princípios daqueles homens que, para obterem uma maioria nas câmaras se ligaram com conservadores despeitados”, nem “nas ideias destes ministros que para conservarem o poder, não trepidaram em atirarem a pátria ao abismo da anarquia”. Repetia assim que os responsáveis pela edição eram “liberais puros” que, “sobretudo, prezam o paládio das liberdades públicas e a constituição”, de modo que, “quem a calca aos pés, como o partido dominante, nada pode querer de nós”¹⁸.

Uma das práticas comuns do *Artista* nas manifestações contra as tendências conciliatórias estava ligada à tentativa de esclarecer o povo quanto às precariedades da situação governista, chegando, por vezes, a pregar a abstenção eleitoral. Nesse sentido, referia-se a uma dissolução das câmaras promovida pelo governo, criticando o fato do gabinete ter “a petulância de apelar às urnas, julgando poder dobrar o espírito público, que reage contra ele, pela coação oficial”. Pregando o purismo partidário, o jornal afirmava que todos desejavam “liberais, mas liberais puros, que não comunguem nas ideias da liga, que respeitem a constituição e não pertençam ao número dos especuladores que tudo sacrificam ao seu interesse

¹⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1862. p. 1.

¹⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1862. p. 2.

¹⁷ PEREIRA, 2006, p. 118.

¹⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 1º jun. 1863. p. 1.

pessoal”¹⁹.

Diante de tal circunstância, o periódico argumentava que, se houvesse “candidatos de princípios puros, que, com lealdade e franqueza”, se declarassem adversos à situação, os brasileiros deveriam levar suas “cédulas a seu favor”, caso contrário, indicava que os “irmãos do povo”, deveriam “desamparar as urnas”, deixando que “os *felizes* da época” consagassem “com o seu voto a violação de nosso pacto fundamental”. Dessa maneira, propunha que os trabalhadores ficassem em suas oficinas, cuidando de seu trabalho, “até que a ocasião se apresente em que possamos livremente votar, e em que tenhamos candidatos dignos de nosso voto”. Argumentava que “mil vezes antes deixemos de votar, que votar contra a nossa consciência”, de modo que os eleitores não servissem “de degraus para ambiciosos especuladores subirem sobre os nossos ombros”, ou, em outras palavras, só deveria se votar em quem merecesse o voto, “pela pureza de suas crenças, por um pedestal de serviços públicos, que seriamente o recomendem” e, aos outros, deveria ser declarada guerra, permanecendo todos “na estacada”²⁰.

O *Artista* tecia fortes censuras ao situacionismo, afirmando que “o gabinete não perde tempo”, convindo-lhe “as eleições e segurar-se no poder, pelo menos por um ano”, de forma que baixava “diariamente nomeações, exonerações, e remoções”, além de operar “a reação mais completa na magistratura”, e de promover atos duvidosos no que tange à “pasta da fazenda”, cuja atividade era “menos aparente conquanto mais eficaz, graças às *verbas secretas*”. Segundo o jornal, não existia “no país um único presidente de província, que não pertença à amálgama dominante”, ao passo que os “novos chefes de polícia foram nomeados em todas as províncias e seguem para o seu destino com ordens positivas para se manterem em completa neutralidade em relação às eleições”, isto apenas quanto às aparências, pois tais “ordens terminantes” acabariam por ser anuladas por outras “as *confidenciais*”, que não tardariam em trazer tristes efeitos²¹.

Seguindo seu raciocínio, o periódico dos artífices afirmava que “os homens da amálgama liberal-conservadora dominam a situação e vão dando as cartas”, aproveitando-se da situação para garantir uma vitória eleitoral. Desse modo,

¹⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 1º jun. 1863 p. 1.

²⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 1º jun. 1863 p. 1.

²¹ O ARTISTA. Rio Grande, 8 jun. 1863 p. 1.

explicava que não valeria “a pena pleitear-se a eleição”, pois, “com as medidas que tomou o gabinete, é impossível que não tenha uma câmara unânime, e que não faça tudo quanto lhe der na vontade”. Assim sendo, promovia a ideia da abstenção eleitoral, destacando que “os liberais puros, que não pactuam com o governo, não irão às urnas”. Dava também destaque ao fato de que, no contexto local, “ainda mais circunstâncias atuam, para que o povo não concorra à eleição”, pois “ambas as chapas, apresentadas pelos chefes das parcialidades locais, são governistas”, ou seja, “ambas, com diferença de um ou outro nome aceitam os candidatos do governo” e “ambas as parcialidades têm os mesmos candidatos” e “votarão nos mesmos indivíduos”. Observando tal situação, questionava “para que havemos nós, os homens do povo, que não temos ambição política, envolver-nos na contenda eleitoral”²².

Ainda que pregasse a abstenção nas urnas, o jornal argumentava que não poderiam dizer que ele estaria a pregar “o ceticismo político”, levando “o povo à descrença”, arrendando-o “de seu dever”. Afirmava que se dava exatamente o contrário, criticando as forças governativas, explicando que “o ceticismo em política, é filho das ligas, das amálgamas políticas, das contínuas e vergonhosas transações que são feitas à vista de todos e em todas as regiões de nosso mundo político”. Nesse sentido, defendia que “a descrença está em todos os espíritos, porque todos conhecem e compreendem o estado de desmoralização política a que nos fizeram chegar à força de transações”, pois morrera “o princípio” e predominava “o interesse pessoal dos grandes”²³.

A publicação rio-grandina sentenciava que o princípio era do povo, e este “lucra com ele, luta por ele, sacrifica-se por ele”, ao passo que, “o interesse pessoal é dos grandes, dos mimosos da fortuna, o povo não tem que ganhar, nem que perder nesse pleito de interesses individuais”, de maneira que não deveria envolver-se no mesmo, deixando “os interessados guerrear-se”. Nessa linha concluía, desejando que “algum dia, quando reviver a luta de princípios, quando de novo dominar a crença política, e quando desaparecerem ante a sua majestade as mesquinhas considerações de interesse individual”, aí sim “o povo, dedicado, leal e

²² O ARTISTA. Rio Grande, 8 jun. 1863 p. 1.

²³ O ARTISTA. Rio Grande, 8 jun. 1863 p. 1.

forte como sempre, voltará às urnas”²⁴.

Diante do processo eleitoral, o *Artista* dizia que “as parcialidades pleiteiam a eleição com ardor”, fervendo “por aí os empenhos, os pedidos, a coação”, de modo que, “em todas as ruas se encontram grupos de políticos” e “os chapéus já não param nas cabeças”, bem como “os sorrisos mais agradáveis, as palavras mais doces, são prodigalizados àqueles, que há dois meses nem sequer mereciam um leve aceno”. Mas a folha alertava, afirmando que o povo não era tolo e conhecia bem aqueles “senhores, que só se lembram dele em época de eleições, e que, uma vez passada a contingência, não os conhecem mais”. Segundo o periódico, não importava o resultado das eleições, tendo em vista a similaridade entre os concorrentes, opinando que, “se a luta fosse de princípios, se a ideia dominasse a questão, se as candidaturas tivessem discriminadas, se os candidatos fossem apresentados em nome de uma crença política”, aí então se empenharia “na pugna para fazer triunfar o princípio democrático”, entretanto, vencesse qualquer um dos lados, “os votos de ambos pertencem ao mesmo homem” e a luta não tinha “outro fim, senão satisfazer o amor próprio dos respectivos chefes”²⁵.

Na mesma edição, o jornal lançava a pergunta “O que é a Liga?” e pintava um quadro negativo sobre a situação política nacional, descrevendo que “o horizonte político” estava pejado “de negras e ameaçadoras nuvens”, havendo também “ansiedade pública”, indicando “que alguma coisa de tenebroso se passa no mundo político”. Diante disso, o *Artista* cobrava que “o partido que se denomina *ligueiro*”, o qual parecia “engolfado nos gozos do triunfo”, dormindo “à sombra dos louros”, explicasse “ao país o fenômeno de sua construção”. Repetindo a pergunta que abria a matéria, a folha afirmava “que os homens bem intencionados de ambos os lados, aterrados com o espetáculo de uma política de desmoralização, vendo o país rolar de abismo em abismo” viessem a calar “por um momento suas convicções, se coligassem para, opondo o número ao número, mudarem semelhante estado de coisas”, seria compreensível e “tais homens teriam mesmo direito à gratidão popular”. Argumentava que, entretanto, “depois de mudada completamente a cena política, não voltar cada um ao seu arraial, persistir antes, pretendendo formar partido”, este seria “um problema cuja solução a ansiedade pública pressurosa

²⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 8 jun. 1863 p. 1.

²⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 15 jun. 1863 p. 1.

espera”. Aos representantes da Liga, o jornal questionava quais eram as ideias que os aproximavam, quais as que aceitavam e ainda quais as que teriam sido sacrificadas, ficando convencido de que não haveria resposta para as mesmas questões²⁶.

A publicação rio-grandina dizia que a imprensa teria um papel fundamental diante das transgressões governamentais, afirmando que “o momento é solene e mais que nunca precisamos da imprensa”, a qual poderia provocar “receio da parte de quem amasse trevas e luz com uma *liga*”, que quisesse “apresentar monstruosidades”. Garantia que em qualquer circunstância prosseguiria “no nosso caminho e diremos a todos os ventos o que sentimos, o que vemos”, pois os “os princípios liberais” ainda se faziam valer, querendo realizá-los, propondo “uma descentralização administrativa, sem prejuízo da unidade da ideia, que constitui a centralização política”, num “jogo apadrinhado pela razão”. Desejava também que fossem “curados os golpes dados à constituição”, bem como “a emancipação do indivíduo” e “o sistema da liberdade no mundo econômico”²⁷.

Por diversas vezes, o *Artista* se referiu diretamente à Liga, dedicando-lhe colunas e mais colunas de críticas. Numa dessas oportunidades afirmava que “as urnas vão breve se abrir para receberem o voto da nação” e, “nesse momento solene o povo não se esquecerá de que ainda não tiveram realização os princípios a favor dos quais terá sempre pugnado o verdadeiro Partido Liberal”. Segundo o jornal, quando isso se realizasse, “o povo terá somente em vista os princípios, e reclamará de cada uma dessas aspirações vivas a direção dos negócios públicos e sua profissão de fé”. Diante de tal perspectiva, fazia referência ao real significado da Liga, explicando que ou ela era “a reunião de forças puramente, não representando as ideias papel algum, e então somente pode-se explicar essa aliança material pelo desejo de conquistar posições elevadas, de satisfazer ambições”, ou, por outro lado, haveria “liga de forças e liga de ideias, e então nesse caso desejamos saber quais das ideias anteriormente opostas cederam” e “quais se fundiram nas outras”²⁸.

Ainda na tentativa de tentar caracterizar a Liga, o periódico afirmava que também poderia ter-se dado “uma desistência parcial de um e de outro lado”, mas tal

²⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 15 jun. 1863 p. 3.

²⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 22 jun. 1863 p. 1.

²⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 22 jun. 1863 p. 1.

possibilidade não poderia ser compreendida “no mundo das ideias”, porque, “de ambos os lados existindo duas sínteses opostas, que dominam as suas diversas hipóteses, por outras duas leis sob cada uma das quais se vem grupar os seus diferentes casos”, seria “metafisicamente impossível que se desista de uma hipótese que está dominada por uma síntese”. Por outro possível argumento para justificar a coligação poderia “dar-se a desistência parcial no mundo das aplicações”, convindo que “às vezes se abra uma exceção à lei que regula a nossa marcha, convém que se altere o princípio na sua aplicação atendendo-se as certas e determinadas conveniências de momento” e, em alguns casos, se poderia, ao contrário, reintegrar a lei e o princípio²⁹.

Entretanto, para o jornal rio-grandino, esta possibilidade de reintegração dos princípios não seria aplicável à Liga, uma vez que, quando sofria a unidade, deixava “de existir a firmeza do princípio, que deve arrebanhar com segurança todos fatos que têm de se dar em seu campo”, de maneira que “o desprezo de um deles ou de alguns deles, ou a adoção de outro qualquer fenômeno, ressaltado de um princípio oposto, tendo por motivo certas circunstâncias” constituiria “um caso excepcional e grave”, o qual exigiria muitas explicações. Dessa maneira, sentenciava que a Liga estaria a dever tais explicações, apresentando “seus títulos de vida” e “os motivos da transação” política que executava, mas considerava que esta tarefa seria impossível, de modo que ninguém responderia, ou antes, a resposta seria “trabalhar nas trevas, formar chapas, uma imitação caricata de partido, tratar de ocupar as alturas, e daí dominar”. Diante de tais conclusões, o jornal sentenciava: “Mudai de sistema, senhores chefes, explicai-vos, e permita Deus que possam ser fundadas as vossas razões”³⁰.

Utilizando-se da história, a folha dos artífices traçava um paralelo entre as tendências conciliatórias do passado e a Liga, explicando que havia alguns anos, aparecera “uma política nova, segundo a qual os partidos são um grave mal no sistema que nos rege” e “os arautos da nova política condenavam os partidos porque eles alimentam ódios profundos entre os cidadãos, dividem as forças do país, empecem o progresso”. Dizia que os executores de tal política empregaram “todos os esforços para fazê-la triunfar”, e, “em pouco tempo a conciliação estava

²⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 22 jun. 1863 p. 1.

³⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 22 jun. 1863 p. 1.

aceita por todo o país oficial” e muitos dos “liberais, excluídos de qualquer participação no governo” desde os anos quarenta, “abraçaram com amor a bandeira de conciliação”, mas, “alguns, exceções honrosas, recusaram tomar qualquer responsabilidade da nova ordem de coisas”. Destacava ainda que “um ministro de estado, com o fim de melhor acreditar a nova política, de arredar toda a oposição ao gabinete que a aceitava”, declarara “em pleno parlamento que a conciliação devia ser acatada porque vinha da coroa” e “escritores autorizados e insuspeitos consignaram isso mesmo em artigos que todos leram”³¹.

Mas o jornal discordava plenamente dessas tendências, afirmando que o país sabia o que fora a conciliação, de modo que, “no fim de algum tempo estava na consciência de todos os brasileiros que pensam nos negócios públicos” que ela “era um grande mal, pois, ao invés “da marcha regular do sistema representativo”, houvera “uma transação inadmissível entre homens que dão alguma importância às ideias”. Acusava que à época, “a corrupção, se não foi geral, contaminou a maioria dos homens públicos” e “o povo como simples espectador via a comédia que representavam diante dele, e compreendeu perfeitamente que não se tratava senão de contentar ambições individuais”. E, diante de tal constatação, “uma vez alçado o brado de traição, o povo, que não vive do orçamento, gritou contra a nova política e condenou-a”, pedindo “a restauração dos partidos” e “todos os homens sinceros e desinteressados aplaudiram essa ideia”³².

O *Artista* resumia suas críticas às políticas conciliatórias observando que “o povo é simples, sabe o que é liberal e o que é conservador”, de maneira que “uma política complicada, cheia de mistérios não lhe convém porque ele não a entende”. Nessa linha, o periódico questionava “se depois de uma luta encarniçada” e “de imensos sacrifícios”, fosse dito “ao povo que está tudo conciliado ou ligado”, que poderiam “viver todos em paz”, o que ele viria a pensar. Diante de tal questão, a folha respondia que “a primeira ideia que acode a cada um é que houve engano”, pois se havia necessidade de ligações, porque antes consentiram em lutas, agindo “tal como inimigos”³³.

Na visão do jornal, o povo era desconfiado, pois, “sendo simples e sincero

³¹ O ARTISTA. Rio Grande, 29 jun. 1863 p. 1.

³² O ARTISTA. Rio Grande, 29 jun. 1863 p. 1.

³³ O ARTISTA. Rio Grande, 29 jun. 1863 p. 1.

admira-se de ver homens sérios que ainda ontem pugnavam em fileiras opostas abraçados como se nada houvesse entre eles, e sem prévia atenção para com o país”, surgindo inevitavelmente dúvidas como se “não havia divergências em ideias”, ou afinal quem cedera, os liberais ou os conservadores. Diante de tais dúvidas, a publicação dizia que a Liga tinha “necessidade de explicar-se”, de modo que seria “preciso que cada um compareça com sua profissão de fé”, pois “o povo não pode votar às cegas” e “o tempo das mistificações está passado”. Ainda que reconhecesse a presença na Liga de “muita gente sincera”, destacava que havia outros que não o eram, de modo que convinha “saber se os conservadores dissidentes aceitam francamente as ideias liberais, ou se servem-se dos liberais, como um meio de vingar despeitos”. E arrematava o artigo, afirmando que o que mais todos queriam era franqueza³⁴.

Mais tarde, voltando ao tema, sob o título “Ainda a Liga”, o *Artista* dizia que tal partido vinha permanecendo silencioso e que “fundado em conveniências de grupos heterogêneos, tendo por fim fazer vingar interesses e aspirações de indivíduos que militaram em arraiais opostos, a franqueza não está na sua índole”. Na opinião da folha, a Liga “quer triunfar, quer obter maioria na câmara, quer o poder, mas os meios que emprega não são os de que soem usar partidos regularmente constituídos”. Considerava que, “em tempos normais a luta dos partidos é pública”, ou seja, “combatem à luz do sol, a tribuna parlamentar e a imprensa são as armas de que lançam mão”, de modo que “a opinião esclarecida pela palavra dos oradores e dos publicistas pronuncia-se ora por um ora por outro segundo o juízo que forma das ideias deste ou daquele”³⁵.

Em contrapartida, o periódico sustentava que “só em épocas excepcionais é que os partidos lançam mão de meios ocultos” e, “então funcionam os clubes, fundam-se sociedades secretas” e o “principal trabalho dos partidos faz-se nas trevas”. Em relação a este contexto, explicava que “nesses casos julga-se que a razão não basta” e “no maquinismo social existe alguma mola que funciona mal, que perturba a marcha regular da máquina”. Ainda assim, considerava que “mesmo em estado de conspiração os partidos não podem desprezar a publicidade”, ou seja, “seus planos íntimos por certo não são publicados, mas suas doutrinas são todos os

³⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 29 jun. 1863 p. 1.

³⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 3 ago. 1863 p. 1.

dias expostas, e discutidas com toda a clareza”, pois só assim poderia “esclarecer e entusiasmar o povo, fazê-lo compreender a bondade da causa que defendem”³⁶.

Dessa maneira, o jornal sustentava que um partido só conseguiria “um triunfo completo, ou fazendo-se aceitar pela ordem de coisas existente, ou substituindo-a, pela força, por uma outra que esteja mais em harmonia com suas ideias”. De acordo com tal perspectiva, dizia que a Liga não era “um partido regular, que procura triunfar por meios legítimos e confessáveis”, ou seja, não seria “um partido em condições normais”, pois “sua imprensa é muda, não diz uma só palavra ao povo na ocasião em que mais convinha esclarecê-lo”, bem como “seus chefes não dão a palavra sagrada aos adeptos” e “os partidários não sabem para onde marcham, confiam cegamente em alguns indivíduos que inspiram-lhes confiança”, ou seja, “são ligueiros mas não sabem porque”³⁷.

Diante do predomínio das tendências conciliatórias, o *Artista* fazia uma previsão extremamente pessimista quanto aos destinos da vida política, dizendo que todos sentiam-se “apavorados, ao verem a maneira porque as coisas vão correndo”, pois dirigia “as eleições o partido ligueiro, cujos princípios todos ignoram, e a câmara terá pois de representar as ideias desse partido”, mas ninguém sabia quais elas seriam. Desse modo, projetava que a maioria da câmara viria a “ser forçosamente instável”, variando “por causa da facilidade com que, sem o menor desar, cada qual poderá militar ora num campo, ora em outro”, de maneira que “o *ligueiro* poderá desligar-se hoje para *religar-se* amanhã”. Segundo a folha predominavam as “apreensões que existem no espírito dos não iniciados na *religião* da Liga” e o “terror que se sente de que o futuro seja incapaz de resolver o nosso intrincado presente”. Finalmente, sintetizando suas críticas às práticas conciliatórias, o jornal afirmava que, “quando os princípios de um partido se toldam, quando seus representantes se desfiguram, quando seus órgãos desprezam a linguagem primitiva e adotam um verbo novo e a tecnologia se baralha” ele estaria “ferido no coração”, e “sua vida correria perigo” e, “até que se regenere e que encontre o equilíbrio perdido” muito tempo haveria de passar³⁸.

Nesse contexto, o jovem periódico rio-grandino demonstrava claramente suas

³⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 3 ago. 1863 p. 1.

³⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 3 ago. 1863 p. 1.

³⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 10 ago. 1863 p. 1.

convicções político-partidárias. No estabelecimento de relações discursivas, evidenciava a oposição dicotômica entre um liberalismo puro e as tendências conciliatórias, uma associação entre idealismo e fidelidade na política e uma plena identidade entre purismo e convicção. Ainda que fosse um jornal voltado a defender as causas dos artífices em particular e até dos trabalhadores em geral, o jornal não abria mão de esclarecer seu público quanto ao seu viés partidário, afirmando desde o início que defendia o ideário liberal. Mas a folha detalhava ainda mais suas convicções, explicando que não era simplesmente um seguidor dos liberais em termos genéricos e sim que era um “liberal puro”, ou seja, não aceitava as aproximações entre representantes de partidos diferentes. Nesse sentido, o *Artista*, nos seus primeiros meses de existência, moveu forte campanha contra as coligações, atacando com firmeza a Liga e não perdendo oportunidade para questioná-la quanto à falta de convicções e princípios, acusando-a de ser uma junção de homens sem maior afinidade que não aquelas ligadas ao gosto pelo poder e a busca por atender seus interesses pessoais. Ao apresentar-se como um liberal autêntico, o semanário já anunciava a postura que caracterizaria praticamente toda a sua existência, marcada pela fidelidade e até a prática doutrinária dos princípios liberais.

A experiência em sala de aula com a utilização dos textos do *Artista* a respeito desse eixo temático foi realizada nas discussões sobre a sociedade imperial do século XIX no que tange à abordagem da vida política da época. Foram explicadas as diferenças e similitudes entre liberais e conservadores, bem como apresentadas as mais importantes ideias expressas no conteúdo programático de cada uma das agremiações partidárias, e ainda os fatores que levaram a aproximações entre ambos com a formação de frentes moldadas na coligação e na conciliação. Como o estudo anterior já havia proporcionado a análise da evolução histórica da imprensa brasileira, gaúcha e rio-grandina, bem como da gênese do *Artista*, tais temas foram destacados brevemente, a título de recordação, e o trabalho voltou-se diretamente à abordagem das posturas do jornal quanto ao cenário partidário de então e o estudo se embasou nos excertos destacados no próximo quadro, que sintetizam as posições do periódico.

ARTISTA (trechos)

A descrença está em todos os espíritos, porque todos conhecem e compreendem o estado de desmoralização política a que nos fizeram chegar à força de transações.

Morreu o princípio, predomina o interesse pessoal dos grandes (1/6/1863).

Os sorrisos mais agradáveis, as palavras mais doces, são prodigalizados àqueles, que há dois meses nem se quer mereciam um leve aceno.

Todos querem votos; todos pedem como cegos, uns para si, outros para os amigos, outros ainda para o governo. (...)

O povo conhece bem esses senhores, que só se lembram dele em época de eleições, e que, uma vez passada a contingência, não nos conhecem mais (15/6/1863).

Mas, se depois de uma luta encarniçada, de imensos sacrifícios dizemos ao povo que está tudo conciliado ou ligado, que podemos viver todos em paz, o que dirá ele? A primeira ideia que acode a cada um é que houve engano. Se tínhamos de ligar-nos em tão pouco tempo porque consentiram que lutássemos como inimigos?

Além disso o povo é desconfiado. Sendo simples e sincero admira-se de ver homens sérios, que ainda ontem pugnavam em fileiras opostas, abraçados como se nada houvesse entre eles, e sem prévia atenção para com o país. Não havia divergências em ideias? Os liberais cederam, cederam os conservadores?

A Liga tem necessidade de explicar-se; é preciso que cada um compareça com sua profissão de fé. O povo não pode votar às cegas. O tempo das mistificações está passado (29/6/1863).

O partido da Liga tem estado silencioso. Fundado em conveniências de grupos heterogêneos, tendo por fim fazer vingar interesses e aspirações de indivíduos que militaram em arraiais opostos, a franqueza não está na sua índole. Quer triunfar, quer obter maioria na futura câmara, quer o poder, mas os meios que emprega não são os de que soem usar partidos regularmente constituídos (3/8/1863).

Quando os princípios de um partido se toldam, quando seus representantes se desfiguram, quando seus órgãos desprezam a linguagem primitiva e adotam um verbo novo e a tecnologia se baralha, o partido está ferido no coração. Sua vida correria perigo, se ideias pudessem morrer, mas até que se regenere e que encontre o equilíbrio perdido, muitos tempos se passam (10/8/1863).

Mais uma vez os alunos dedicaram-se à leitura de tais trechos de textos do *Artista*, igualmente com a ativa atenção da professora e a utilização do dicionário quando se fez necessária. Encerrada a leitura, procedida e seguida de explicações e debates complementares, os discentes passaram à realização das propostas

reflexivas, cujo enunciado era “Os trechos do jornal *Artista* revelam uma oposição para com uma tendência conciliatória chamada Liga que aproximou conservadores e liberais”, apresentando os seguintes elementos de reflexão:

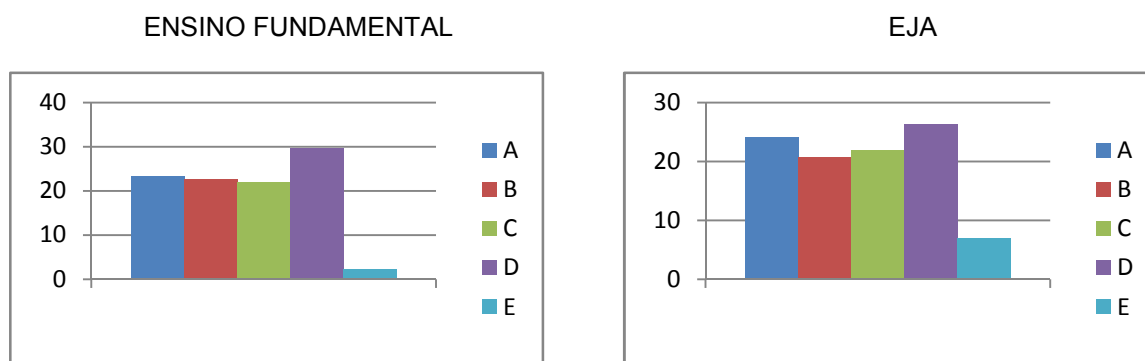
- destaca as diferenças entre liberais e conservadores na História do Brasil Império – visando a abordagem dos pressupostos que distinguiam os integrantes das duas grandes agremiações partidárias imperiais;
- cita as semelhanças entre liberais e conservadores – complementando a reflexão anterior e visando a identificação dos possíveis pontos de identidade entre os membros dos dois partidos;
- explica os motivos que levavam a aproximações entre liberais e conservadores – tendo por meta a identificação dos fatores estruturais e/ou pontuais que levaram à formação de tendências conciliatórias;
- analisa os argumentos utilizados pelo *Artista* para criticar a Liga – objetivando a compreensão de um dos pontos fundamentais da construção discursiva do semanário, amplamente contrária às coligações entre liberais e conservadores;
- compara as tendências conciliatórias destacadas pelo jornal com o contexto político-partidário do Brasil atual: visando observar a capacidade de reflexão dos alunos no estabelecimento de inter-relações entre o passado e o presente, notadamente no que tange aos objetivos que levavam e levam às aproximações entre os partidos.

A atividade teve resultados significativamente positivos, com um nível geral de acertos de oitenta e dois por cento, superando a anterior, não só numericamente como pela recepção aos textos, tendo em vista a própria experiência que os alunos já demonstravam em relação ao documento estudado e até por uma certa identificação um pouco mais próxima com a temática. Para o melhor entendimento continuaram sendo imprescindíveis a presença da explicação de parte da docente e do uso do dicionário. No conjunto das respostas, houve uma diminuição daquelas que foram elencadas no rol das incorretas, as quais se centraram mais nas afirmações de que não havia absolutamente qualquer tipo de diferença entre liberais e conservadores, de que não houve aproximações entre membros dessas

agregações partidárias e que o “purismo” partidário seria um fator para o avanço das tendências conciliatórias. Tais enganos podem advir das próprias visões e vivências do alunado quanto às estruturas partidárias brasileiras não só no passado, como notadamente no presente e que bem ficaram expressas na execução das atividades reflexivas.

Mais uma vez foram discutidos os alcances e limites da atividade, com realce às incorreções e, mais ainda, às correções e o sentido da aplicação daquela estratégia de ensino. O próximo conjunto gráfico reflete as mais importantes “ideias síntese” expressas pelo conjunto dos estudantes³⁹.

Proposta de reflexão “destaca as diferenças entre liberais e conservadores na História do Brasil Império”



A – as diferenças entre liberais e conservadores nem sempre eram significativas

B – os conservadores defendiam a ordem e os liberais a liberdade

C – os conservadores pretendiam manter a constituição e mudá-la de forma mais lenta

D – os liberais acusavam os conservadores de retrógrados e os conservadores acusavam os liberais de revolucionários

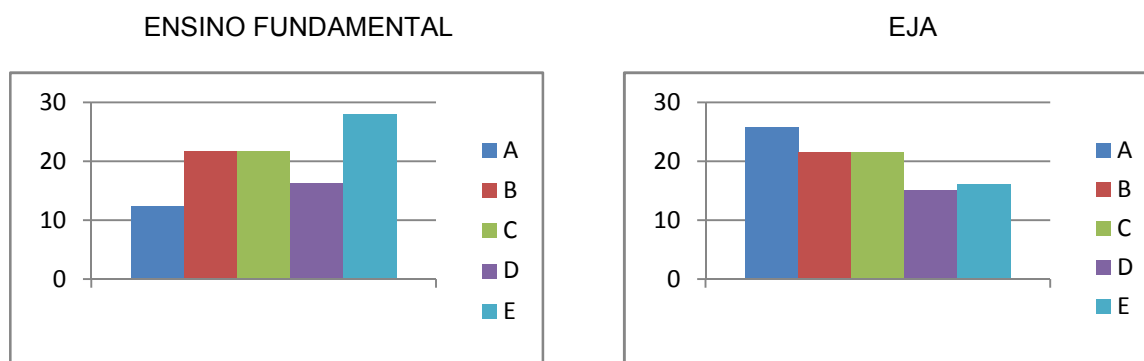
E – os liberais queriam mudar vários pontos da constituição de forma imediata

Os alunos não tiveram maiores dificuldades em identificar as diferenças entre liberais e conservadores, embora, muitas vezes elas fossem muito tênues, ainda mais ao tratar-se do segmento social representado por ambos, ou da atuação dos mesmos quando estavam no poder. Conseguiram os estudantes inter-relacionar as palavras do *Artista* com as explicações conjunturais prévias na execução de tal atividade. Aquele caráter de diferenciações por vezes diminutas foram detectados pelos discentes ao apontarem que as distinções entre liberais e conservadores nem sempre fossem significativas, mas, ainda assim, foi possível identificar as ideias

³⁹ As explicações quanto à expressão “ideias síntese” e a forma de computação dos dados são idênticas às expressas no capítulo anterior.

chave de cada uma das agremiações voltadas respectivamente às questões da liberdade e da ordem, bem como às visões dos partidos quanto às reformas constitucionais, uns vendo-as como urgentes e outros como passíveis de profunda reflexão. O destaque tanto entre os alunos do Ensino Fundamental quanto da EJA foram as visões antagônicas criadas por cada um dos partidos em relação a seus adversários, no que tange ao caráter revolucionário e retrógrado, respectivamente atribuídas por cada um dos lados, numa possível identificação com os discursos de tendências maniqueístas desenvolvidos pelos políticos em relação a seus adversários, tanto no passado quanto no presente.

Proposta de reflexão “cita as semelhanças entre liberais e conservadores”

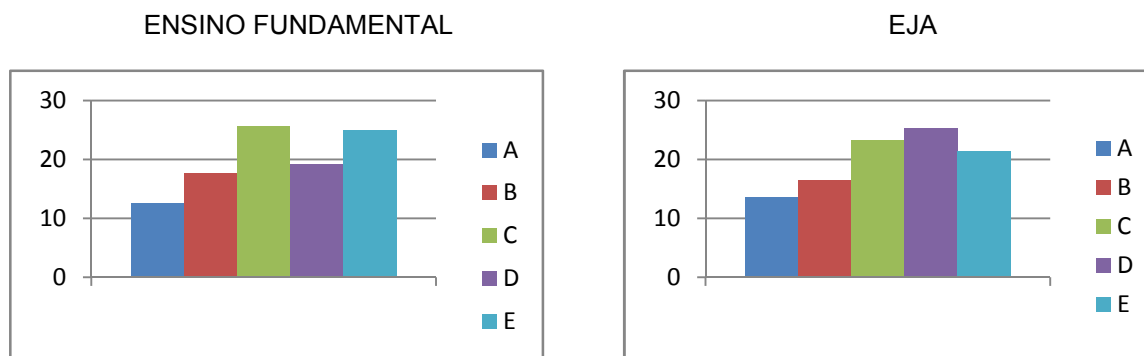


- A – ambos defendiam a monarquia
- B – conservador e liberal eram partidos políticos da época monárquica
- C – havia liberais e conservadores “puros”
- D – liberais e conservadores eram representantes da elite brasileira
- E – tanto liberais quanto conservadores tinham por objetivo ocupar o poder

No que tange às similitudes entre liberais e conservadores, os discentes também foram bastante aptos em apontá-las, mais uma vez associando o *Artista* com a conjuntura a qual ele comentava. Houve uma tendência de equilíbrio na expressão das “ideias síntese” entre os alunos do Ensino Fundamental e da EJA, destacando aqueles em maior escala a questão da primazia da vontade de estar no poder, e estes o fundamento pelo qual nem conservadores, nem liberais pretendiam rupturas com o *status quo*. As principais semelhanças destacadas pelos estudantes estiveram ligadas a fundamentos objetivos como a ambos serem partidos políticos e defensores da monarquia, formados por segmentos sociais ligados às elites oligárquicas e até aos mais reflexivos e inter-relacionados com as premissas defendidas pelo *Artista*, referindo-se à existência de um “purismo” partidário entre

liberais e conservadores, apesar da busca por aproximações na ânsia de estar no poder.

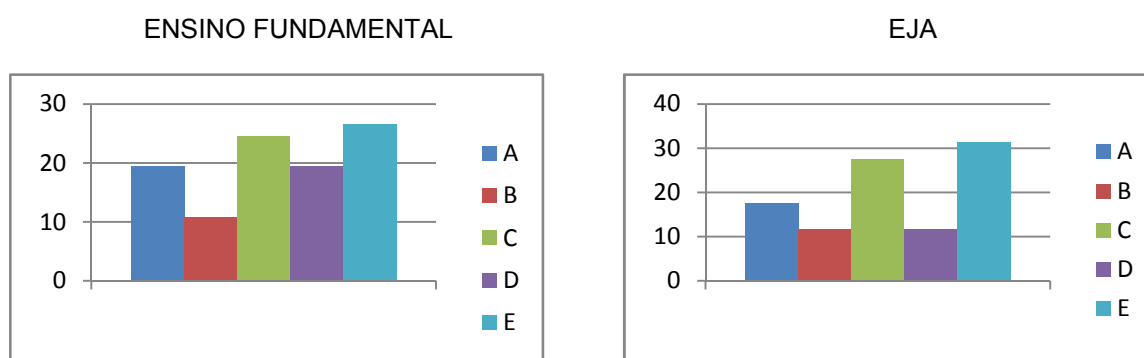
Proposta de reflexão “explica os motivos que levaram a aproximações entre liberais e conservadores”



- A – busca de união diante de um inimigo em comum, no caso de guerras externas
- B – falta de identidade partidária
- C – intenção de estar no poder em qualquer circunstância
- D – interesses pessoais
- E – necessidade de ocupar cargos públicos

Em tal proposta reflexiva mais uma vez ficava demarcada a associação entre os excertos do *Artista* e as explicações conjunturais sobre a época, bem como as próprias experiências cotidianas dos alunos que inevitavelmente contribuem com suas visões de mundo, mesmo aquelas referentes ao passado. Nesse sentido, as razões históricas e que serviram de justificativa para as tendências conciliadoras, voltadas à necessidade de harmonização político-partidária em momentos de crises advindas das guerras, devendo todos concentrarem-se no inimigo externo em comum, apesar de lembrada, não foi uma das mais citadas. Acabaram por prevalecer as reflexões em torno da personalidade e dos interesses materiais no trato da coisa pública, reflexo direto das experiências cotidianas dos alunos, como foi o caso daqueles pertencentes ao Ensino Fundamental, cujos maiores destaques foram a ocupação do poder e dos cargos públicos a qualquer preço e os da EJA, que deram maior ênfase aos interesses pessoais como fatores para a aproximação entre partidos diferentes.

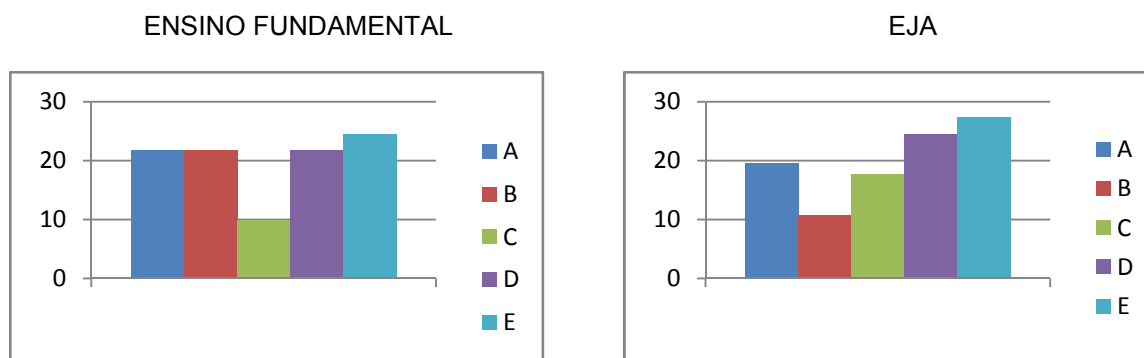
Proposta de reflexão “analisa os argumentos utilizados pelo *Artista* para criticar a Liga”



- A – ausência de convicções quanto à filiação partidária
 B – defesa do “purismo” partidário
 C – falta de moralidade dos políticos
 D – predomínio dos interesses individuais sobre os partidários
 E – vontade de ocupar o poder a qualquer preço

Nessa reflexão os alunos utilizaram-se ainda mais diretamente das ideias expressas pelo *Artista* em sua incansável batalha contra as coligações partidárias. Essa proposta reflexiva trouxe alguns elementos em comum com a anterior na expressão das “ideias síntese”, entretanto tal aspecto não deve ser encarado como uma confusão e sim como uma associação realizada de modo plenamente correto pelos estudantes, ao ter o alcance de não observar os fenômenos históricos de maneira isolada. Dessa forma, além da tradicional defesa dos partidários “puros”, típica do *Artista*, apareciam mais uma vez a ausência de convicções, a falta de moralidade no trato dos assuntos públicos e a intenção prioritária de ocupar o poder e obter cargos públicos. Nesse sentido, o maior destaque tanto entre o alunado do Ensino Fundamental quanto da EJA foram a falta de moralidade dos políticos e a vontade de ocupar o poder a qualquer preço.

Proposta de reflexão “compara as tendências conciliatórias destacadas pelo jornal com o contexto político-partidário do Brasil atual”



- A – o mais importante para os partidos é ocupar cargos
 B – os partidos fazem qualquer tipo de coligação para ganhar horário na televisão
 C – os partidos hoje se aproximam sem qualquer limite
 D – os políticos fazem qualquer coisa para chegar e ficar no poder
 E – os políticos são desonestos

O maior intento dessa proposta reflexiva foi que os discentes estabelecessem relações entre o tempo histórico abordado em aula e as suas realidades presentes, sendo amplamente atingido. Os alunos não deixaram de fazer a salutar inter-relação com as reflexões anteriores, bem como com as premissas estabelecidas pelo *Artista* e as explicações quanto à conjuntura histórica, comparando todas essas com as suas vivências contemporâneas. Assim, chegaram a conclusões como à prioridade da vida político-partidária localizada na ocupação de cargos públicos, a busca incessante pelo poder, a aproximação de partidos a qualquer preço, sem levar em conta programas ou princípios e, uma questão bem atual, voltada às alianças montadas para a ampliação do horário de propaganda gratuita. Mas o grande destaque para os estudantes do Ensino Fundamental e da EJA ficou vinculada a uma premissa que já praticamente virou um lugar comum na visão a respeito da vida partidária brasileira e que é sintetizada pela premissa de que a honestidade não é uma marca na atuação dos políticos brasileiros.

Dessa maneira, estudar a vida político-partidária brasileira através do uso dos textos do *Artista* como uma estratégia didática constituiu uma experiência de resultado bastante positivo. Fosse por já haver uma experiência anterior com a utilização de tal fonte, fosse por uma identidade maior do alunado em relação ao tema, principalmente pelas relações estabelecidas entre o passado e o presente, tal

atividade foi cheia de êxito. Apesar de muito jovem e em seu diminuto formato, o *Artista*, mesmo que prioritariamente se dedicasse à causa dos trabalhadores, não se furtou a ter uma posição na conjuntura das agremiações que disputavam o poder no Brasil da época imperial, filiando-se à causa liberal. Apesar de tal filiação, o semanário dos artífices, naquele momento, nem chegava a ver nos conservadores os seus grandes inimigos, observando como os maiores adversários aqueles vinculados às tendências conciliatórias, inaceitáveis para a perspectiva de um “purismo” partidário pregado pela folha como um princípio fundamental, já dando o norte daquela que viria a ser a sua orientação ao longo de sua existência, mesmo quando deixasse de ser um representante da pequena imprensa.

Nesse sentido, nas páginas do *Artista* “ficaram evidenciadas várias manifestações de despreço em relação às políticas de conciliação e/ou coligação entre segmentos dos dois partidos imperiais”. De acordo com o jornal, tais tendências “estariam trazendo profundos prejuízos ao país, uma vez que se tornara necessária a retomada do jogo político partidário normal, ou seja, a disputa entre liberais e conservadores”. Defendendo “um partidarismo ‘puro’”, a folha acusava “as coligações de estarem servindo, acima de tudo, a interesses pessoais, em detrimento absoluto das convicções programáticas” dos partidos. Dessa maneira, expressava “a ideia de que já passara o tempo das práticas conciliatórias”, ou melhor, “que esse tempo jamais deveria ter existido”, bem como aquela já seria uma época na qual os eleitores poderiam escolher entre cada uma das agremiações políticas, sem incorrer nos “riscos dos ‘falsos’ partidários que se aproximavam dos adversários por interesses individuais, em prejuízo dos ‘princípios’”, devendo-se sempre lutar pelos “verdadeiros e puros” no cenário político-partidário⁴⁰.

⁴⁰ ALVES, Francisco das Neves. As políticas conciliatórias na perspectiva do jornalismo rio-grandino: uma introdução ao estudo. In: ALVES, Francisco das Neves et ali. **A imprensa na cidade do Rio Grande: ensaios históricos**. Rio Grande: NEHIRG, 2001. p. 15-16.

UM TRABALHO PARA QUEM SEM DESONRA SEU PÃO QUER COMER: O MUNDO DO TRABALHO NA CONCEPÇÃO DO ARTISTA

Os trabalhadores no Brasil, ao longo das diversas épocas nas quais estabeleceram experiências organizacionais, tiveram na imprensa um de seus mais importantes meios de difusão de ideias. Foi principalmente pelos jornais que se manifestaram as várias tentativas de organização de tal segmento social, ao longo de muitas das cidades brasileiras, não sendo diferente no Rio Grande do Sul e, mais especificamente, em uma de suas localidades mais progressistas de então, a cidade do Rio Grande, como foi o caso do jornal *Artista*. As ideias desse jornal quanto à necessidade de organizar-se os trabalhadores em associações eram até mesmo pioneiras em termos locais e provinciais, pregando uma certa unidade no seio de tal segmento, ainda que o mesmo enfrentasse uma série de obstáculos, como no caso das “dificuldades econômicas, sociais, culturais e políticas de organização” dos trabalhadores¹.

As organizações dos trabalhadores se manifestariam por meio de “mobilizações e lutas variadas”, pois nelas se dava um amadurecimento dos mesmos, descobrindo-se como um segmento social, definindo “seus objetivos e seus inimigos”, lutando “pelos seus interesses” ou reafirmando “sua posição frente às demais classes da sociedade”. Além disso, “em muitas dessas lutas”, o trabalhador “inova, tentando novos instrumentos e formas de ação para a consecução de seus objetivos”². Assim, em meio à organização de movimentos de trabalhadores manifestaram-se “formulações de táticas e estratégias diferenciadas”

¹ HARDMAN, Foot & LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 172.

² LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: Editora da UFPEL; Unitrabalho, 2001. p. 19.

na execução de seus objetivos³, ou seja, na expressão de suas “aspirações, visões do mundo, condições de vida e trabalho e manifestações culturais”⁴.

A imprensa seria um dos mecanismos mais utilizados pelos trabalhadores para divulgarem seus ideais, suas reivindicações e suas lutas pela organização. Dessa maneira, os jornais que expressavam os interesses de tal setor social tinham uma proposta diferenciada em relação à maioria dos periódicos de então⁵ e visavam recuperar e analisar “as informações, servindo como instrumento de conscientização e mobilização”⁶. Nesse sentido, a característica mais fundamental da imprensa ligada aos trabalhadores é o seu “caráter formativo”, visando “despertar consciências” e “sacudir os companheiros do torpor em que se acham imersos”⁷.

Tendo a convicção de que a imprensa exercia um papel fundamental na organização das sociedades, o *Artista* definiu sua proposta editorial com muita certeza, ou seja, buscou apresentar-se como um jornal a serviço dos trabalhadores. Com essa visão de que a imprensa tinha uma função político-social específica, ou seja, contribuir com os interesses populares, o periódico, nos seus primeiros meses de circulação, dedicou-se, como uma verdadeira profissão de fé, à causa dos trabalhadores. Nesse particular, avulta em importância o estudo desses primeiros tempos do periódico rio-grandino, uma vez que o papel de tal imprensa “torna-se insubstituível, pois o jornal é um material de primeira ordem para expressar a visão que os protagonistas de uma época tinham do momento em que viviam, desde as grandes questões políticas até as vicissitudes da vida cotidiana”⁸.

Para o *Artista*, os trabalhadores eram a grande esperança do país e diante da pergunta – “onde deve procurar-se a virtude, o patriotismo, o desinteresse, a nobreza da alma?” – respondia que seria “no povo, nas fileiras daqueles que trabalham”, ou seja, “entre esses proletários, que o orgulhoso aristocrata despreza,

³ REZENDE, Antonio Paulo. **História do movimento operário no Brasil**. São Paulo: Ática, 1986. p. 7.

⁴ PETERSEN, Silvia Regina Ferraz & LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS; Tchê!, 1992. p. 13.

⁵ FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo, Ática, 1988. p. 6.

⁶ FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 105.

⁷ PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **“Que a união operária seja a nossa pátria!”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações**. Santa Maria: Editora da UFSM; Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2001. p. 20-21.

⁸ PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; FAPERGS, 1989. p. 9-10.

porque eles não sabem especular para enriquecer, e vivem do incessante trabalho, do suor de seu rosto”. Aquelas virtudes seriam encontradas “entre esses homens de mãos calosas e corações nobres, que não têm ambição nem interesses além dos que lhes possibilita o seu honesto trabalho”. Considerava que “na oficina do artista e na choça do operário” seria achado o “amor à pátria, que falta aos nossos homens políticos”, bem como “o santo e puro entusiasmo pela liberdade, que para os especuladores políticos não é mais que uma tabuleta, que oportunamente é substituída por outra”. Apontava ainda que entre os trabalhadores seriam encontradas “a nobreza de caráter e a independência de que carecem os tribunos que por aí declamam, enquanto o governo não lhes atira o osso, com o qual lhes compra o voto e o apoio”. Finalmente, destacava que no seio dos artistas e operários seria achada “a honra, que foge dos dourados salões da aristocracia”, pois entre eles “se trabalha, se sofre, se crê e se espera” e “não há ceticismo, descrença e desmoralização” e sim “muita resignação, abnegação, honradez e amor à pátria e à liberdade”⁹.

Na perspectiva do jornal rio-grandino a melhor parte das sociedades era exatamente aquela representada pelos trabalhadores, argumentando que aos “operários, artistas, ou proletários” pertencia “a fé no futuro, a consciência pura e sã e, finalmente, a convicção de nossa superioridade”, pois “sofremos porque sabemos resignar-nos, mas não ignoramos que a superioridade é nossa”, uma vez que “somos superiores em número, em coragem e em forças, porque o rude trabalho as desenvolve, ao passo que a efeminada vida do opulento o enerva”¹⁰.

Diante dessa importância atribuída aos trabalhadores, já no seu primeiro número, o *Artista* propunha que este segmento social deveria se fazer representar e, principalmente, unir-se para atingir seus objetivos. Defendia o jornal que “os artistas devem despir-se de acanhamentos, ter convicção do que valem à sociedade” e “reputarem-se como de fato o são, membros proeminentes dela”, devendo escolher, “entre os da sua classe, quem bem os possa representar em todos os atos públicos que lhes possam ser proveitosos”. A folha rio-grandina explicava que, “para isso, nada mais se precisa que de – união –”, formando-se “um grêmio onde se discuta com reflexão e placidez o que convém legalmente ao seu progresso e bem estar”.

⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1862. p. 1.

¹⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1862. p. 1.

Considerava também que, os trabalhadores deveriam sorrir “de escárnio aos togados que buscam imbuí-los com dulcificas expressões”, de modo a que, “para sua conta, conseguirem posição”, a qual, uma vez obtida, “se esquecem facilmente de quem lhe a proporcionou”. Dessa forma, destacava que só assim “o artista poderá prosperar, e com ele a arte a que se filiou”¹¹.

Na versão do *Artista*, ainda ao apresentar sua proposta editorial, estabelecia-se uma verdadeira dicotomia junto às sociedades, de um lado, os trabalhadores, representando todas as virtudes patrióticas, de outro, os desmandos da aristocracia. Para o jornal, “a verdadeira índole do povo deve procurar-se naqueles que trabalham, mas não naqueles que desfrutam”, uma vez que “todas as nações se dividem em duas classes. Uma delas era “a mais numerosa, que trabalha sempre e nunca descansa; que jamais tem um momento de folga; que verga sob o peso de sua tarefa, mas que não desanima” e “que conserva puras e ilesas as nobres tradições da liberdade, embora não a conheça senão por essas mesmas tradições”, ou ainda “que com as bagas de suor de seu rosto ganha as somas que o governo e os áulicos esbanjam; que nasceu para sofrer e sacrificar-se; que no solene momento do perigo derrama o seu sangue em prol da pátria” e “que depois de uma vida de privações e trabalhos, expira no campo da batalha em defesa do estandarte nacional, sem exalar uma queixa, um gemido sequer”. Tal segmento social era definido como o “povo, que a aristocracia despreza, de que os grandes escarnecem, mas que forma a base e o vértice da pirâmide social, que em si resume a força produtiva, e que com um só movimento pode esmagar os seus tiranos”, ou seja, os “proletários que formam a parte mais nobre”, ou ainda “a única parte nobre da nação”. Segundo a folha, o oposto estrato social era representado pelos “outros”, que “esbanjam o suor do povo” dele servindo-se “como de um instrumento, que insaciáveis lhe tratam de extorquir impostos, que abusam de sua boa fé”, transformando-lhe em “joguete de suas paixões, pedestal de suas aspirações e capacho dos seus caprichos”¹².

Tendo em vista essa dicotomia, o jornal dos artífices sempre enfatizava que a verdadeira virtude estava junto dos trabalhadores. De acordo com esse pensamento, o periódico explicava que “sendo confundida a virtude com a corrupção, e não se

¹¹ O ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1862. p. 2.

¹² O ARTISTA. Rio Grande, 15 set. 1862. p. 1.

tributando homenagem senão ao poder do ouro, o *Artista* faltaria ao seu dever se não levantasse a voz em favor da classe proletária que trabalha e sofre”. A respeito dessa questão, a folha fazia uma série de perguntas: “Quem não se curvará à virtude do artista que trabalha para proporcionar comodidades aos que tem ouro” e, como resultado, “não lucram mais que o indispensável para alimentar a família, a preços de tantas gotas de suor?” e “Quem negará nobreza à classe proletária, que forma belezas para outros gozarem e nada cobiça para si?” Na mesma linha, prosseguia nos questionamentos: “O artista concebe o pensamento, dá-lhe a forma, com o trabalho leva-o ao fastígio da perfeição, e qual a recompensa? – respondendo: “Algumas moedas de prata atiradas, muitas vezes com grosseria, e com elas se lhe paga a glória que lhe é devida!” – diante do que exclamava: “Virtuosa abnegação!”¹³.

O jornal buscava evidenciar que, apesar das qualidades da classe trabalhadora, ela sempre era menosprezada pelos donos do poder, sendo a glória dessa, roubada e partilhada entre aqueles “que o acaso fez possuidores de um pergaminho dourado ou de cofres repletos de ouro, que podem com todo o cinismo galgar por cima de tudo para satisfazer as fantasias que a mente lhes desperta”, dando pouca ou nenhuma importância ao fato “de deixarem seu caminho semeado de vítimas que choram a sua desgraça e o maldizem”. Mais uma vez o *Artista* chamava atenção para a necessidade de união dos artífices, como solução para essas desigualdades, propondo que “o artista deve unir-se a seus irmãos de arte, para formação de associações”, nas quais, “cooperando todos com ligeiro óbolo, possam aglomerar recursos para proteger sua classe, e então ficarão sobranceiros – ao poder do ouro”¹⁴.

A fé também foi utilizada pelo *Artista* para justificar a superioridade moral dos trabalhadores sobre os segmentos sociais mais abastados. O jornal manifestava pesar pelo fato de que, ao considerar-se “que o Ente Supremo foi o primeiro artista, fabricando este e outros mundos, sangra-nos de dor o coração presenciando as infelicidades, reveses e desprezos que suportam os neófitos de tão Sublime Arquiteto”. Diante da bipolarização entre “os poderosos e os proletários”, a folha questionava: “Quais serão entre as duas classes os virtuosos aos olhos do Eterno?”

¹³ O ARTISTA. Rio Grande, 6 out. 1862. p. 1.

¹⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 6 out. 1862. p. 1.

– optando pelos segundos, como resposta¹⁵.

Sobre as desigualdades sociais, ainda utilizando-se de argumentos religiosos, o jornal afirmava que “a Lei Suprema constituiu todos os homens iguais e deu-lhes por legado a terra para que mutuamente a cultivassem e fruísem”, entretanto “a inconstância das coisas humanas, o menosprezo pela vontade Divina, a consecução de séculos criadores de ditames absurdos selados com o sangue dos povos, fez de tal legado um monopólio que só pertence a meia dúzia”. E, para esses poucos, o periódico denunciava: “Grandes da terra! Sois vis, sois desumanos, porque nem os mínimos retalhos das vossas esplêndidas mesas vão socorrer o infortúnio do artista indigente que labuta com os afazeres de sua profissão”, ao mesmo tempo em que “vê uma esposa agonizante sem ter recursos que lhe ministre, e filhinhos transidos de frio e fome que suplicam roupa que os resguardem da intempérie de uma estação frígida e alimento que lhes sacie a natural voracidade”. Para os mesmos interlocutores, a folha prosseguia: “Sois sacrílegos, porque vedes finar-se na indigência aqueles que Deus fez vossos iguais” e nem ao menos “lhes dais um pedaço de carne que satisfaça o apetite e preferis atirá-lo ao cão que vos vai lambe a destra”¹⁶.

Ainda no que se referia às desigualdades sociais entre a “aristocracia” e os trabalhadores, em artigo denominado “Os artistas nacionais”, o jornal destacava que “os artistas e operários formam a maioria das sociedades onde o progresso material anda a par do progresso moral”, entretanto, “essas classes” consideradas como “a vida das sociedades”, por representarem “o trabalho, são as menos consideradas, e infelizmente deprimidas e oprimidas por outras classes que sendo-lhes superiores na aparência” eram “inferiores na realidade, por que aquelas representam um trabalho alagado de suor”, enquanto as outras “vivem fruindo o produto desse trabalho em troca de poucas horas de cômodo serviço e muitas de ociosidade”. Segundo o periódico, “os artistas e operários são o povo que constitui a maioria e fazem a felicidade das sociedades a que dão vida com o trabalho” e por conseguinte “deveriam ser essas classes as mais consideradas e protegidas pelo Estado”, entretanto, não era assim que acontecia, pois “todos os ônus, toda a opressão pesa sobre essas classes; todos os gozos, todas as garantias, todos os direitos, todas as

¹⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 13 out. 1862. p. 1.

¹⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 13 out. 1862. p. 1.

isenções são privilégios das outras”¹⁷.

De acordo com essa convicção, a folha rio-grandina era sempre enfática, ao diferenciar os trabalhadores dos aristocratas. Explicando que a sociedade dividia-se em duas partes – uma que trabalha, a outra que desfruta –, sentenciava: “Altivos aristocratas, curvai a vossa orgulhosa frente, ante os homens do trabalho, ante os beneméritos da pátria, ante aqueles que sempre trabalham e nunca gozam”, porém, “que, em recompensa, têm as suas consciências tranquilas”. Considerava que os artistas e operários não trocariam “os seus andrajos” por “sedas e púrpuras, se tivessem para isso de abdicar aos seus princípios”. E, prosseguindo na comparação entre os dois segmentos sociais, concluía afirmando que “as classes que trabalham são melhores porque a sua alma não é embutida pelo vício, seus instintos são admiráveis, seu coração pulsa pelo que é puro, grande e nobre” e tudo isto seria comprovado pela “história do mundo”¹⁸.

Persistindo na comparação, o *Artista* afirmava que “a verdadeira força reside no povo, nas classes trabalhadoras” e “só elas são fortes, só elas são independentes”, pois “o homem do povo ganha e amassa com suas mãos o pão que come, confecciona as suas roupas, edifica a sua choupana, e não precisa senão da estima e do amor dos seus semelhantes”, já que, “simples como a sua vida, são os seus gostos; simples como ela, são os seus prazeres”. Por outro lado, onde estaria a força do “rico, que não sabe trabalhar, só sabe desfrutar” e “o que seria ele sem os braços do povo?”. Diante da questão, respondia o jornal quanto aos ricos: “Mísera criatura que morreria à fome, que andaria nua, e dormiria ao ar livre”, caso “o povo não trabalhasse, não lhes preparasse as iguarias de sua mesa, não lhes fabricasse as roupas que veste, não lhe edificasse seu palácio”. De acordo com essas perspectivas, a folha concluía com uma série de palavras de ordem, destacando que os trabalhadores nada tinham a “invejar aos aristocratas”, e eram estes que invejavam aqueles, pois os primeiros poderiam, “sorrindo, desprezar o seu orgulho, escarnecer da insolência” daqueles, pois tinham o seu “trabalho que os honra e sustenta” nada mais precisando “senão união para serem onipotentes”. Diante disso, propunha: “União, artistas! União, operários! União, jornaleiros. União, todos vós que

¹⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 24 nov. 1862. p. 1.

¹⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 26 dez. 1862. p. 1-2.

trabalhais”¹⁹.

Tais palavras de ordem estavam fortemente vinculadas à proposta de edição do jornal. Ao dirigir-se aos trabalhadores, o *Artista* referia-se aos “nossos irmãos”, autodefinindo-se como “legítimo órgão, defensor dos interesses e sustentáculo dos direitos do proletariado”, afirmando que embora não tivesse recebido um mandato, gozava de toda a confiança dos trabalhadores, por serem “seus irmãos na crença e no trabalho, iguais em tudo, inclusive no desprezo a que estavam condenados”²⁰. Dessa maneira, o periódico qualificava o proletariado como um segmento social virtuoso, com um papel social fundamental, sem o qual a sociedade ruiria e que, apesar disto, era tratado com total indiferença, daí a importância de um periódico que defendesse os interesses daqueles que não tinham ouro. A grande solução apontada pela folha para aliviar os males que afligiam os trabalhadores estava ligada à formação de associações entre os diferentes segmentos das classes trabalhadoras.

Assim, o jornal recomendava aos artistas a “união e a instituição de um grêmio, formado por eles, para sua prosperidade, independência ou ação própria, dando de mão à agiotagem política que muito promete e nada realiza”. Como modelo, o periódico descrevia que, “nas cidades mais populosas da Europa, os membros das diversas artes e ofícios têm instalado associações que protegem os seus interesses”, formando “montepios, que acodem ao artista” e ao “operário quando a enfermidade o acabrunha, a falência de trabalho o reduz a carecer de quem o alimente, quando uma desdita qualquer perpassa o limiar do modesto lar”, ou ainda, “quando arrastado por um impulso colérico, comete um desvario”, o qual “a benéfica razão releva, mas que a poderosa manopla da justiça comprime”²¹.

Ainda que citasse o exemplo europeu, a folha tinha consciência dos limites para a aplicação de tal modelo em outros lugares, mas, mesmo assim, sugeria uma possível adaptação. Dizia desse modo que aquelas experiências associativas se davam “nas cidades que avultam de população, e, por sequência, onde também há sobejos artistas”, mas que nas cidades mais jovens, nas quais eram “os habitantes resumidos, e nesse caso resumidos também os artistas” seria mais difícil “inaugurar

¹⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 26 dez. 1862. p. 2.

²⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 6 jul. 1863. p. 1.

²¹ O ARTISTA. Rio Grande, 22 set. 1862. p. 1.

corporações especiais”. Ainda assim, levando em conta tal conjuntura, o periódico destacava que “a unificação de todos os artistas sob uma única bandeira constituiria um grêmio poderoso que não encontraria óbices aos seus ajuizados planos”, manifestando esperanças de que “na câmara eletiva e, mais tarde, na vitalícia”, o parlamento, “bem cômico do que é a existência tormentosa do artista, advogaria sua causa com tal afinco que lhe adoçaria”²².

Com uma visão mais abrangente, além da função assistencialista, segundo o *Artista*, as associações de trabalhadores teriam o papel de aprimorar a formação educacional destes, de modo a permitir uma maior participação política de tal segmento. O jornal reconhecia “que a educação do artista tem sido negligenciada”, porém, se fossem eles reunidos “em íntima comunhão”, estabelecendo “um montepio não só limitado a ocorrer às necessidades dos confrades desvalidos, mas igualmente ao cultivo das inteligências dos filhos cujos pais estejam, por qualquer motivo, impossibilitados de assim praticar”, num procedimento diante do qual se observaria “que em breve tempo se criarão mancebos artistas dignos de figurarem na lista dos representantes da nação”²³.

Ao conclamar os trabalhadores a formarem associações, o jornal também utilizava chavões e palavras de ordem, como: “Da união nasce a força, fortes os artistas pelo princípio de associação encontrarão nessa força garantias a seus direitos de homens e de cidadãos”; ou ainda: “Nós os convidamos a que se unam como bons irmãos que são”²⁴. A insistência no assunto foi uma das armas utilizada pelo periódico na busca do convencimento das vantagens das associações, descrevendo que, “em diversos números deste jornal temos convidado as classes laboriosas a constituírem um grêmio e montepio cujo rendimento” pudesse ser “aplicado à sustentação dos sócios inabilitados de trabalhar, às suas viúvas ou prole”. E, vibrantemente, a respeito de tal tema, exclamava: “Artistas! É tempo de nos auxiliarmos mutuamente, sem distinção de profissões”, formando “uma sólida corporação que nos favoreça nas enfermidades, na miséria, revezes da vida, e ainda – além do túmulo”²⁵.

²² O ARTISTA. Rio Grande, 22 set. 1862. p. 1.

²³ O ARTISTA. Rio Grande, 22 set. 1862. p. 1.

²⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 24 nov. 1862. p. 2.

²⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 20 jul. 1863. p. 1.

Tendo em vista sua preocupação social, o *Artista* também dedicou-se a abordar as dificuldades pelas quais passava a principal atividade econômica da cidade do Rio Grande, ou seja, o comércio, buscando analisar quais as consequências que as atividades mercantis poderiam trazer às classes trabalhadoras. Nessa linha, o jornal descrevia a situação do comércio rio-grandino como “decadente” e explicava que “as causas que o levaram a semelhante extremo provém da depreciação dos gêneros oriundos da província que manda a outros mercados, da facilidade com que se fornece crédito monetário a qualquer especulador”, o qual, “contando com lucro incerto em transações ponderosas, erra o cálculo, padece na reputação, compromete a quem nele confiou, e semeia na praça a desconfiança, que se traduz pela paralisação do comércio” fosse “o de maior monta até o mais ínfimo”. Ou seja, parte da culpa da crise comercial pertencia às classes abastadas, o que revertia “também em desfavor dos artistas e caixeiros”²⁶.

Revelava o jornal também o cuidado com outro setor das classes trabalhadoras que eram os caixeiros, diretamente vinculados à atividade mercantil. Argumentava a folha que, “parado o tirocínio comercial”, de nada serviria “ao negociante ter em casa três, quatro ou cinco caixeiros”, se não havia o que “lhes dar a fazer”. Diante disso, destacava que os caixeiros acabavam sendo demitidos e, “não encontrando ocupação, embora sejam os mais honrados e laboriosos”, ou se viam “forçados a ir buscar emprego em diferente praça, ou a esperarem nesta, maior prosperidade e então arranjo”. Segundo a folha, era idêntico o destino dos artistas, uma vez que, “estagnado o comércio”, e diminuído o “lucro dos diversos misteres”, diminuía também “o número dos operários que trabalham nas oficinas”, de modo que “eis aí os artistas despedidos na mesma crítica situação dos caixeiros”²⁷.

Nesse sentido, o *Artista* apontava para o problema em comum para os dois segmentos de trabalhadores, pois, quando de crises comerciais, “uns e outros” se tornavam “onerosos à sociedade”, de modo que, “alguns com família a sustentar ouvirão gemendo as vozes dos filhinhos que pedem pão” não podendo “satisfazer a súplica”, enquanto, “outros, arrastados pelo ócio, encetarão a estrada do vício, tocarão a senda do crime e por resultado obterão por moradia um calabouço, e, quem sabe, por leito de agonia um cadafalso”. Mais uma vez o jornal sugeria como

²⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 22 set. 1862. p. 1.

²⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 22 set. 1862. p. 1.

solução também para esse tipo de problema a formação de associações, afirmando que “tanto os artistas como os caixeiros, estando sujeitos a tais eventualidades e vicissitudes, procederiam com acerto, formando um grêmio”, o qual “lhes ministraria na ocasião da desventura socorros”, bem como “deliberaria proporcionar emprego aos desocupados e salvaria a honra das duas classes, afastando os seus membros do trilho do vício, ou mitigando-lhes a miséria”²⁸.

Também sobre a situação dos caixeiros, o jornal explicava que os mesmos representavam “uma alma vivificante de toda a sociedade, herói de qualquer distração que ocupa diariamente uma cidade”, ou, “em uma palavra, o caixeiro é o espírito da província”, porém, apesar de tais predicados, denunciava que “a situação de qualquer caixeiro nesta cidade é a mais precária”, tendo “por apanágio único, à guisa de camaleão, o ar para sorver, e isto em ocasião de cobranças, ou momentos restritos, e essa soberania que se chama miséria”. E completava: “talvez os leitores imaginem que há exageração no que levamos expendido, mas não, se bem reflexionarem convirão conosco”²⁹.

A crise comercial e o agravamento do desemprego seriam temas do periódico no artigo “Os artistas, operários e caixeiros”, quando o jornal distinguia os efeitos das dificuldades econômicas de acordo com os diferentes segmentos sociais e mais uma vez apelava para a necessidade da associação de tais segmentos. Fazendo referência a uma manifesta decadência do comércio, que era “a mola real que dá incremento e prosperidade à agricultura e outras indústrias”, argumentava que ficava bem evidente que, “à semelhança dele padecem” os trabalhadores, ou seja, “centenas de homens e dezenas de famílias que na sua arte, ofício ou ocupação encontram a necessária subsistência”. Constatava assim que tal circunstância era comprovada pelo “número de artistas, operários e caixeiros que se acham desempregados”. Além disso, contradizia aqueles que se referiam aos progressos citadinos e que bradavam “que os artistas, os operários e os caixeiros estão baldos de emprego”, por serem abertas mais oficinas, encetadas novas obras e surgido “modernas casas de comércio”. Frente a tais afirmações, o jornal questionava: “Quem funciona então nessas oficinas, quem trabalha nessas obras, quem comissiona essas casas? Será tudo movido por varinha mágica?”. Como resposta a

²⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 22 set. 1862. p. 1.

²⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 6 out. 1862. p. 2.

tal quadro de crise, a folha apontava para “a comunhão de todos embebida nos mesmos princípios”, a qual viria a operar “uma regeneração” e mais uma vez insistia na necessidade da prática do espírito associativo: “Quanto a nós continuaremos a repetir – união – artistas, operários e caixeiros, se prezais o vosso bem estar”³⁰.

Dentre os vários segmentos dos artistas, a folha rio-grandina, pela própria profissão de seus responsáveis, dedicou especial atenção aos tipógrafos. O jornal considerava que, “humilde e obscuro operário, é o tipógrafo uma das mais poderosas alavancas do progresso”, pois “a palavra escrita, o pensamento, por assim dizer, substancializado, é por ele multiplicado, reproduzido, propagado, conservado para as gerações vindouras”. A tal respeito, perguntava o periódico: “Quem conheceria o passado dos povos, quem poderia perscrutar a sua história, pesquisar a sua origem, sem a arte tipográfica?” Nesse sentido, a tipografia foi destacada como uma “arte nobre”, uma vez que “a oficina é um túmulo em que morrem todos os segredos; o tipógrafo tem extraordinário pundonor, porque à sua honra se confiam altos segredos”³¹.

O *Artista* apontava também para a importância do tipógrafo nos movimentos de transformação das sociedades. Sobre a tipografia afirmava que, “arma poderosa, é nos momentos do perigo, que se conhece o alcance dessa nobre arte”, pois, “quando brame a tempestade da revolução, por entre a chuva da metralha, mal resguardado por frágil barricada”, era “o intrépido operário” que compunha “em caixa ambulante as palavras de fogo das proclamações, que inspiram coragem ao povo, e tira os exemplares, verdadeiramente incansável” de modo a “atirá-los às massas”. Apontava, assim, para o “glorioso papel” dos tipógrafos, “esses heróicos operários dignos de entusiástica gratidão”³².

Diante dessa função considerada gloriosa, o jornal destacava que tal papel chegava a ser reconhecido em outros países, porém, lamentava que o mesmo não se dava no caso brasileiro, onde estava sendo “menosprezada a mais nobre de todas as artes manuais”. Declarava a folha que “a classe tem sido aviltada”, pois “proprietários de oficinas, menos escrupulosos, admitem em sua casa um grande número de aprendizes e prostituem a arte com elementos que lhe deviam ser

³⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 20 out. 1862. p. 1.

³¹ O ARTISTA. Rio Grande, 12 jan. 1863. p. 1.

³² O ARTISTA. Rio Grande, 12 jan. 1863. p. 1.

alheios”, de modo que, “dominados pelo desejo de pouparem alguns réis, pagam barato péssimo trabalho e prostituem a classe, admitindo nela gente indigna de lhe pertencer”³³.

Apesar das dificuldades quanto à situação dos tipógrafos, o periódico considerava que ainda havia esperança, principalmente representada pela criação de associações. Segundo o jornal, “ainda é tempo, ainda podemos reconquistar o lugar que na sociedade nos compete”, através da formação de uma associação, e, com a força da união, “facilmente poderemos impedir a admissão perniciosa de muitos aprendizes, e operar a expulsão das oficinas, de todos aqueles que, ante a sociedade, desonram a nossa classe”. Nessa linha, a folha conclamava: “Sim, artistas, unamo-nos numa associação que tenha por fim moralizar a classe! Formemos um grêmio tipográfico para a defesa dos nossos direitos e manutenção da honra de nossa classe!” – e, no mesmo sentido, concluía: “Somos todos artistas, queremos todos moralizar a nossa arte, dar-lhe nova consideração ante a sociedade, todos nós anelamos gozar da consideração social de que temos consciência de sermos dignos” querendo também “reconquistar os nobres privilégios que de direito pertencem ao tipógrafo!”³⁴.

Na busca de defender os interesses populares, o *Artista* moveu uma série de campanhas para proteger as classes menos favorecidas. Uma dessas campanhas relacionou-se com a prestação de serviços à Guarda Nacional. Na opinião do jornal, “entre as diversas vicissitudes que oprimem as classes artística e proletária, adquire proeminência o alistamento na guarda cívica”. Esclarecia a folha que, “respeitando, como cumpre, as fórmulas constitucionais”, entendia “que todo o cidadão tem por obrigação indeclinável prestar à pátria os serviços que ela requer nas leis estatuídas e tendem à guarda, ordem e segurança do país, em circunstâncias críticas”. Apesar de reconhecer a importância da Guarda Nacional, o periódico discordava da forma como era operacionalizado o alistamento, a qual levava a que “um serviço que repartido entre muitos se faria suavemente, recai, pesado e acabrunhador, sobre poucos, resultando daí o dissabor, a indisciplina e até a aversão às insígnias que

³³ O ARTISTA. Rio Grande, 12 jan. 1863. p. 1.

³⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 12 jan. 1863. p. 1.

adornam o cidadão-soldado”³⁵.

Para o jornal, a forma pela qual se dava a convocação à Guarda Nacional trazia prejuízos para um setor específico da sociedade, exatamente aquele formado por “artistas, operários e caixeiros de menos vulto”, os quais ficavam impedidos de “ganhar no exercício de suas profissões, durante os dias e meses que a pátria os remetem em seu serviço especial”, em evidente prejuízo dos mesmos e de suas famílias. Argumentava que, “por esta maneira é que as classes proletárias ficam sobrecarregadas com um serviço pesadíssimo que as desgosta, faz refratárias e conduz ao desespero” e exigia: “Haja justiça, pois, se se deseja conservar uma das mais formosas instituições do país – a opinião pública armada”³⁶.

O assunto referente à Guarda Nacional seria retomado por várias vezes, chamando mais uma vez a atenção para as desigualdades sociais, reiterava o periódico em apontar o “quanto era pesado o serviço da Guarda Nacional à classe proletária, porque os abastados, os protegidos, os prediletos cingem com facilidade uma banda”, escapando a suas obrigações³⁷. Nesse sentido, o jornal relatava que numa apresentação dos membros da guarda, “os homens que ali se viam enfileirados, como qualquer animal jungido ao carro, pertenciam à classe proletária, a que mais necessita, e para a qual devia haver, por esse motivo, maior consideração”. Diante da questão, a folha buscava deixar evidenciada a sua posição: “Isto é tempo perdido defender a classe que os ricos consideram sua inferior; mas pouco nos importa; cumprimos um dever, por sermos pobres, não nos reputamos somenos que aqueles a quem a fortuna protegeu”³⁸.

Outra campanha movida pelo *Artista* foi em relação ao custo dos gêneros de primeira necessidade, como foi o caso da carne. Com o aumento de preço desse produto, o jornal argumentava que isso importaria “a penúria, a miséria e, sem dúvida, a fome de muitos milhares de pessoas que residem nesta cidade”. Diante do fato, o periódico questionava: “Que acesso de *filantropia* é esse dos fornecedores de um alimento da maior necessidade, que os força a cometer a mais crassa de todas as anomalias?” – e ainda: “As autoridades competentes tolerarão o singular

³⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 2 nov. 1862. p. 1.

³⁶ O ARTISTA. Rio Grande, 2 nov. 1862. p. 1.

³⁷ O ARTISTA. Rio Grande, 1º dez. 1862. p. 1.

³⁸ O ARTISTA. Rio Grande, 8 dez. 1862. p. 1.

anacronismo?” – ao que respondia: “Pelo povo respondemos que não, formando-nos num antigo axioma – Quando a necessidade bate à porta, a virtude sai pela janela”³⁹.

O jornal apontava para os possíveis riscos do aumento nos preços dos alimentos, afirmando que dessa medida poderia resultar “anarquia, excessos de gente esfomeada que vilipendiará e prejudicará a esses que lhes usurpam o necessário à sua sustentação e reduzem ao exaspero”. Nesse sentido, destacava que “nada se opõe à vontade do povo, quando o povo quer, porque as massas populares sentem mas não pensam”, ou seja, “sentem os ultrajes e precisões que lhes fazem sorver, mas esgotada a paciência, foge-lhes o pensamento cordato e reina a revolta”⁴⁰. Diante dessa possibilidade, a folha explicava que não desejava “conflitos, até os reprovamos, mas, em tal caso, também não os condenaremos, porque serão devidos ao mesquinho conceito que as autoridades têm do povo”⁴¹.

Na presença da insatisfação popular e até da possibilidade anunciada de “revolta”, a folha avisava que “o povo rio-grandense é de sobra pacífico e tolerante, mas a sua placidez também se cansa e a sua tolerância também pode faltar quando não forem atendidos os seus justos reclamos”, de modo que competia “às diversas justiças locais obviar ou prevenir, com acertadas medidas, os males que o povo sofre para evitar tristes cataclismas”. Propunha o jornal que se “abram açougues nas diversas ruas da cidade, não seja esse comércio circunscrito ao mercado unicamente, seja livre de todo monopólio e o povo folgará porque à abundância de carne reunirá a escassez do custo”. E anunciava que a campanha permaneceria: “Havemos de continuar, se continuar o escândalo”⁴².

Outro cuidado do *Artista* para com as classes trabalhadoras esteve ligado às possíveis formas de repressão empregadas para com essas, de modo que concordava com a prisão e punição dos responsáveis por delitos, mas denunciava que deveria se tomar cuidado para não se punir inocentes, principalmente quando se referia aos artistas, segmento normalmente perseguido pelas autoridades públicas. Afirmava o jornal que, “na nossa débil opinião, as autoridades policiais são

³⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 24 ago. 1863. p. 1.

⁴⁰ O ARTISTA. Rio Grande, 24 ago. 1863. p. 1.

⁴¹ O ARTISTA. Rio Grande, 31 ago. 1863. p. 1.

⁴² O ARTISTA. Rio Grande, 24 ago. 1863. p. 1.

zeladoras dos bens e propriedades dos habitantes da estância onde administram” e “morigeradoras dos que nela seguem trilho errado que conduz ao vício e daí a crimes que mancham a sociedade e muitas vezes a horrorizam, porque deles se exuma o latrocínio” e, com esse, o “sangue de vítimas imoladas em atos críticos que são cometidos pelo desespero ou ânsia de prosseguir na senda tortuosa que tem por limite uma penitenciária ou por pedestal um cadafalso”⁴³.

Nesse sentido, o jornal explicava que “é esta a nossa maneira de pensar, alimentada com a fé profunda de que a pluralidade da população da cidade entende de idêntica forma”. Assim, “a polícia, por seqüência, em cumprimento dos seus deveres, nunca deve entibiar-se quando se trata de afastar da vereda desvairada entes que ainda podem ser bastante úteis a si, à sociedade e ao país”. A folha pedia maior cuidado das autoridades policiais na acusação e repressão aos possíveis culpados, devendo evitar qualquer tipo de perseguição que tivesse de fundo alguma causa ligada ao preconceito social, e concluía, afirmando que “é isto não só obrigação, mas preceito também civilizador e humanitário”⁴⁴.

Em agosto de 1863, o semanário publicava em suas páginas a “Canção do Artista”⁴⁵, extremamente esclarecedora para se conhecer a forma global pela qual se manifestara o discurso social do jornal e a visão estabelecida para as relações entre trabalho e trabalhador. Segundo a canção, corroborando com a perspectiva do periódico, o trabalho era a fonte da honra dos artistas:

Trabalha, trabalha, artista, trabalha
Trabalho não falta para quem quer viver
Com honra, com brio, sem mancha, sem vício
Para quem sem desonra seu pão quer comer.

Com ele jamais morreremos de fome
Nem nossos filhinhos e nem nossos pais
Com ele daremos esmola aos pobres
A quem, como os ricos, jamais desprezais.

A nossa divisa é somente – trabalho
E mais nossa glória, virtude e missão
Por ele seremos gigantes na força
Tal pelos cabelos o fora Sansão.

Com ele seguro teremos ainda
Honroso, modesto, risonho porvir
Com ele descanso teremos no mundo
Por ele podemos tranquilos dormir.

Por ele dos crimes fugir poderemos
Por ele esta vida bem longa será
Por ele podemos torná-la ditosa
Por ele a velhice prazeres terá.

⁴³ O ARTISTA. Rio Grande, 15 dez. 1862. p. 1.

⁴⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 15 dez. 1862. p. 1.

⁴⁵ O ARTISTA. Rio Grande, 17 ago. 1863. p. 1-2.

A dicotomia entre os trabalhadores e os “aristocratas” também ficava demarcada na canção que legitimava as convicções do periódico:

É a nossa alavanca o assíduo trabalho
É nossa, de todos, também da nação
Por ele riquezas, tesouros e honras
Também nós seremos fechados na mão.

Na terra não sabem que nada é durável
Que podem de chofre no lodo tombar
Depois, ai coitado! Sem forças, sem braços
O pão cada dia como hão de ganhar?!

Que importa que os grandes potentes da terra
Em suas orgias nos não queiram ter
Coitados não sabem que à sorte só devem
- À sorte fatal seu grande poder!

Mendigos imundos de fome roídos
Irão pelas portas esmolas pedir
Depois sem alento caídos por terra
Ninguém haverá que os deseje acudir.

De acordo com a perspectiva do jornal, as únicas classes virtuosas eram as trabalhadoras, uma vez que, através do trabalho, podiam garantir seu sustento, ao contrário das classes abastadas que só sobreviviam graças à exploração da força de trabalho daquelas:

A nós que a riqueza jamais bafejara
E a quem nossos membros jamais afrouxou
A quem dentro da alma jamais a soberba
Nem ódio, egoísmo, vaidade plantou.

Será nosso sono mais doce e tranquilo
Sem termos remorsos que matem de dor
Terá nosso corpo mais força, mais vida
Terá nosso braço mais forte vigor.

Se sempre a pobreza for nossa partilha
Que importa! Sabemos, irmãos, trabalhar
Morrer não havemos de fome, de frio
E nem pelas portas o pão mendigar!

Trabalha, trabalha, artista, trabalha
Trabalho não falta para quem quer viver
Com honra, com brio, sem mancha, sem vício
Para quem sem desonra seu pão quer comer.

Que importa que à noite tenhamos por cama
Um monte de palhas em vez de coxim
Que importa que a roupa com que nos cobrimos
Não seja de seda e custoso cetim?!

Dessa maneira, nas suas relações discursivas, o *Artista* sustentou um discurso social voltado à defesa dos interesses dos trabalhadores e, em oposição ao que ele denominava de “aristocracia”, criando uma associação da prática do trabalho com uma vida virtuosa e uma identidade entre vários dos integrantes do mundo do trabalho. Segundo a perspectiva do jornal todas as virtudes, os méritos e os progressos de uma sociedade eram devidos à atuação dos trabalhadores, enquanto dos “aristocratas” originavam-se todos os vícios, desmandos e retrocessos. Elegendo os artistas, bem como os proletários em geral e os caixeiros, como seus personagens principais, o *Artista* dava voz a esses segmentos sociais normalmente sem oportunidade de expressar suas ideias. As denúncias às desigualdades sociais, aos diferentes tratamentos de parte das autoridades públicas, aos aumentos de

preços, entre outros, fizeram parte desse discurso social que sempre se concentrou na questão da associação, constantemente apontada como a única solução para que os artistas tivessem alguma representatividade, certa defesa de seus interesses e melhores condições de vida.

A atividade em sala de aula com tais visões do mundo do trabalho expressas pelo *Artista* foi efetivada na abordagem da História social do Brasil do século XIX, buscando demonstrar que, além da predominante escravidão como mão-de-obra básica da sociedade brasileira, havia também um proletariado em formação. A conjuntura histórica foi destacada em seus fundamentos sociais e econômicos e como as explicações sobre a imprensa e o surgimento do *Artista* já haviam sido realizadas nos estudos anteriores, foram resumidamente recordadas, passando-se à análise das ideias expressas pelo semanário em relação à vida dos trabalhadores naquela época, utilizando-se para tanto dos excertos expressos no seguinte quadro.

ARTISTA (trechos)

No povo, nas fileiras daqueles que trabalham. Ali, entre esses proletários, que o orgulhoso aristocrata despreza, porque eles não sabem especular para enriquecer, e vivem incessante trabalho, do suor de seu rosto; entre esses homens de mãos calosas e corações nobres, que não têm ambição nem interesses além dos que lhes possibilita o seu honesto trabalho (...) acharemos amor à pátria, que falta aos nossos homens políticos; ali acharemos o santo e puro entusiasmo pela liberdade, que para os especuladores políticos não é mais que uma tabuleta, que oportunamente é substituída por outra; ali acharemos a nobreza de caráter e a independência de que carecem os tribunos que por aí declamam, enquanto o governo não lhes atira o osso, com o qual lhes compra o voto e o apoio; ali acharemos a honra, que foge dos dourados salões da aristocracia (15/9/1862).

Os artistas e operários formam a maioria das sociedades onde o progresso material anda a par do progresso moral; essas classes, porém, que são a vida dessas sociedades, por que elas representam o trabalho, são ao menos consideradas, e infelizmente deprimidas e oprimidas por outras classes que sendo-lhes superiores na aparência são-lhes entretanto inferiores na realidade, por que aquelas representam um trabalho alagado de suor ao passo que estas (...) vivem fruindo o produto desse trabalho em troca de poucas horas de cômodo serviço e muitas de ociosidade. Os artistas e operários são o povo que constitui a maioria e fazem a felicidade das sociedades a que dão vida com o trabalho: deveriam portanto ser essas classes as mais consideradas e protegidas pelo Estado; assim não acontece, porém. Todos os ônus, toda a opressão pesa sobre essas classes; todos os gozos, todas as garantias, todos os direitos, todas as isenções são

privilégios das outras.

Da união nasce a força; fortes os artistas pelo princípio de associação encontraram nessa força garantias a seus direitos de homens e de cidadãos. Nós os convidamos a que se unam como bons irmãos que são (24/11/1862).

Quem não se curvará à virtude do artista que trabalha para proporcionar comodidades aos que tem ouro e que em resultado não lucram mais que o indispensável para alimentar a família, a preço de tantas gotas de suor? Quem negará nobreza à classe proletária, que forma belezas para os outros gozarem e nada cobiça para si. (...) O artista deve unir-se a seus irmãos de arte, para formação de associações em que, cooperando todos com ligeiro óbolo, possam aglomerar recursos para proteger sua classe, e então ficarão sobranceiros – ao poder do ouro (6/10/1862).

A sociedade divide-se em duas partes: uma que trabalha, a outra que desfruta. (...) A verdadeira força reside no povo, nas classes trabalhadoras. Só elas são fortes, só elas são independentes!

O homem do povo ganha e amassa com suas mãos o pão que come, confecciona as suas roupas, edifica a sua choupana, e não precisa senão da estima e do amor dos seus semelhantes, porque simples como a sua vida, são os seus gostos; simples como ela, são os seus prazeres.

E o rico que não sabe trabalhar, só sabe desfrutar? O que seria ele sem os braços do povo? Miserável criatura que morreria à fome, que andaria nua e dormiria ao ar livre, se o povo não trabalhasse, se não lhe preparasse as iguarias de sua mesa, se não lhe fabricasse as roupas que veste, se não lhe edificasse o seu palácio! (26/12/1862).

Sim, artistas, unamo-nos numa associação que tenha por fim moralizar a classe! (...) Somos todos artistas, queremos todos moralizar a nossa arte, dar-lhe nova consideração ante a sociedade; todos nós anelamos gozar da consideração social de que temos consciência de sermos dignos! (12/1/1863).

Em diversos números deste jornal temos convidado as classes laboriosas a constituírem um grêmio e montepio cujo rendimento seja aplicado à sustentação dos sócios inabilitados de trabalhar, às suas viúvas ou prole. (...) Artistas! É tempo de nos auxiliarmos mutuamente, sem distinção de profissões: formemos uma sólida corporação que nos favoreça nas enfermidades, na miséria, revezes da vida, e ainda – além do túmulo (20/6/1863).

Após ter sido procedida a leitura do texto, com a mesma participação da professora e do uso do dicionário, como das vezes anteriores, foi realizado o debate conjunto a respeito da temática para, posteriormente, passar-se às propostas reflexivas. O enunciado de tais proposições era “Os trechos do jornal *Artista* apresentam visões a respeito dos trabalhadores no século XIX” e, com base nos excertos era solicitado aos alunos que refletissem sobre o assunto abordado da

seguinte maneira:

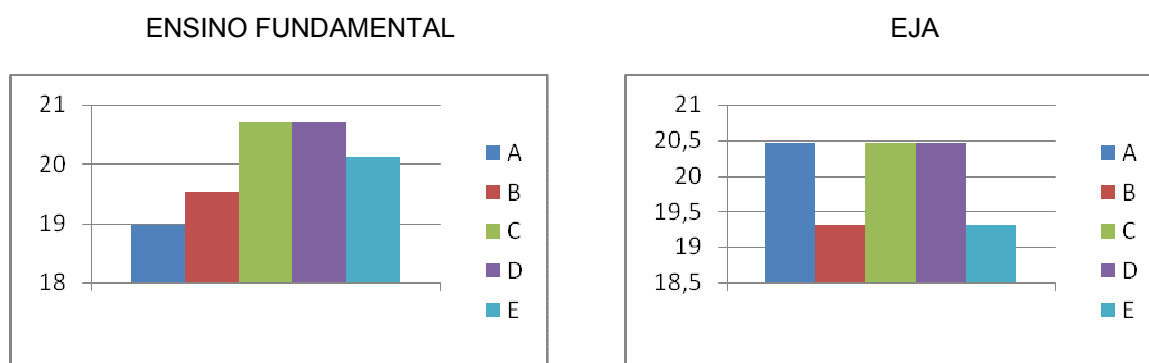
- cita as principais dificuldades que os trabalhadores enfrentavam nesta época – visando que os alunos identificassem as amplas limitações que cercavam os trabalhadores do Brasil imperial, sem qualquer tipo de mecanismo de proteção às suas existências;
- analisa as diferentes formas pelas quais o jornal tratava os trabalhadores e a aristocracia – tendo por intento a interpretação dos estudantes das palavras do *Artista* ao construir uma visão dicotômica entre tais segmentos sociais;
- destaca as virtudes que o semanário observava na classe trabalhadora – objetivando que os discentes abordassem a visão amplamente positiva apresentada pelo *Artista* a respeito dos vários segmentos que compunham a categoria dos trabalhadores;
- explica a proposta do periódico de estabelecer associações para defender os interesses dos trabalhadores – tendo por meta a compreensão dos alunos quanto à defesa do espírito associativo de parte do semanário dos artífices como única alternativa de obter melhores condições de sobrevivência;
- compara o tratamento destinado ao trabalhador no século XIX e nos dias de hoje – no intento de que os estudantes realizassem uma reflexão ao relacionar o tempo histórico estudado e o seu tempo presente, no que tange aos direitos dos trabalhadores no passado e na atualidade.

O conjunto da atividade teve um resultado excelente, atingindo um nível de acerto de noventa e quatro por cento, ultrapassando o resultado das duas anteriores, fosse pela experiência acumulada de parte dos alunos que já estavam bem mais próximos das ideias expressas pelo *Artista*, fosse por se tratar de um tema com o qual os estudantes não só têm uma identidade como estão ligados de uma maneira bastante próxima. Com o auxílio da professora e sem abandonar o sempre muito útil dicionário, os alunos demonstraram uma familiaridade muito maior e até uma certa aproximação mais íntima com o texto. As reflexões estabelecidas pelos alunos praticamente não incorreram em qualquer tipo de incorreção, com a exceção de algumas pequenas confusões no que tange a fundamentos cronológicos entre o

passado e o presente, advindas em grande parte ao próprio entusiasmo para com o tema, o que pode ter provocado certa desatenção e descuidos no que tange aos tempos históricos.

Alcances e limites da atividade foram novamente pautas da discussão, com ênfase ao grande predomínio das correções, o que gerou um clima geral de animação entre o alunado, que se mostrou amplamente satisfeito com a estratégia de ensino desenvolvida. O conjunto gráfico seguinte reflete as “ideias síntese” apresentada pelos estudantes ao abordarem a temática do mundo do trabalho⁴⁶:

Proposta de reflexão “cita as principais dificuldades que os trabalhadores enfrentavam na época em estudo”



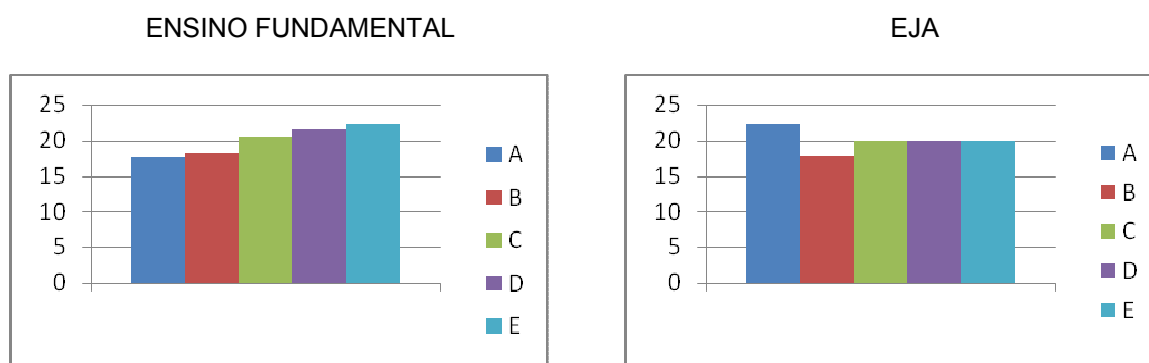
- A – eram explorados pelos patrões
- B – não tinham férias ou folga remunerada
- C – não tinham nenhum direito
- D – tinham más condições de trabalho
- E – tinham salários ruins

A reflexão dos alunos quanto às agruras sofridas pelos trabalhadores no século XIX revelou uma ampla associação entre os escritos do *Artista* e as explicações apresentadas previamente, quando se tratava da contextualização daquela época histórica. Não foram esquecidas a ampla exploração dos patrões para com seus empregados, ainda mais numa época sem qualquer garantia para estes; a ausência de uma legislação trabalhista que defendesse aquele segmento menos favorecido; as péssimas condições as quais os trabalhadores eram submetidos; e mesmo as limitações em termos salariais num país onde as relações capitalistas davam ainda os seus passos iniciais. Mesmo que a questão fosse sobre

⁴⁶ As explicações quanto à expressão “ideias síntese” e a forma de computação dos dados são idênticas às expressas nos dois capítulos anteriores.

um tempo passado, os estudantes já estabeleciam uma relação com épocas posteriores ou mesmo com a atualidade, lembrando que naquela centúria os trabalhadores não tinham direito a férias ou folga semanal remunerada. Tanto os alunos do Ensino Fundamental quanto os da EJA deram destaque relevante à ausência de direitos trabalhistas e as precariedades das condições de trabalho da época retratada pelo *Artista*.

Proposta de reflexão “analisa as diferentes formas pelas quais o jornal tratava os trabalhadores e a aristocracia”

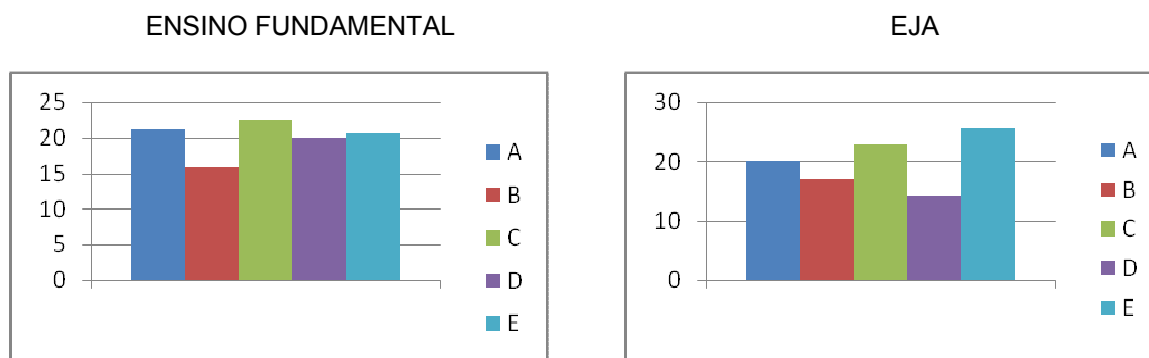


- A – a aristocracia prejudicava o país
- B – os aristocratas exploravam a sociedade
- C – os trabalhadores eram honestos
- D – os trabalhadores sustentavam a sociedade
- E – os trabalhadores traziam a riqueza para o país

A visão dicotômica expressa pelo *Artista* foi um ótimo ponto de reflexão para os estudantes que, de certo modo, acabariam até por incorporar uma parcela daquela tendência maniqueísta muito presente nas páginas do semanário dos artífices. Os prejuízos trazidos ao conjunto da nacionalidade e a exploração da sociedade foram apontadas como características essenciais do segmento social que o periódico tratava como aristocracia. Por outro lado, os estudantes identificaram plenamente as virtudes atribuídas aos trabalhadores, todas elas completamente ausentes no modo de ser da aristocracia, representando-se aqueles que trabalhavam como a parte da humanidade que era honesta e responsável pela sustentação das sociedades e pela riqueza nacional. A distribuição praticamente harmônica no que tange às “ideias síntese” apresentadas pelo alunado do Ensino Fundamental e da EJA, demonstram uma significativa identidade com as premissas

do *Artista*, ao criar uma distinção entre os pobres trabalhadores – os bons – e os ricos aristocratas – os maus.

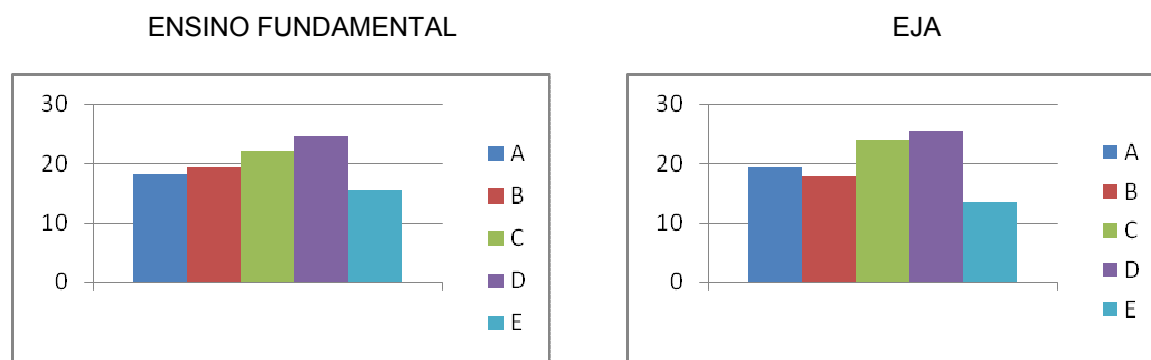
Proposta de reflexão “destaca as virtudes que o semanário observava na classe trabalhadora”



A – dedicação
 B – honestidade
 C – humildade
 D – patriotismo
 E – vontade de trabalhar

Ao criar as mais variadas representações a respeito dos trabalhadores, o *Artista* não poupou adjetivações positivas para tal segmento social. Artífices, proletários, operários, ou seja, o conjunto dos representantes deste setor que compunha o mundo do trabalho era enaltecido constantemente pelo jornal rio-grandino e os alunos detectaram tal característica editorial com tranquilidade. Nesse sentido, observaram que o periódico apontava como características dos trabalhadores a própria dedicação ao trabalho, a honestidade como norma de ação, a humildade como lição de vida, o amor à pátria como dever fundamental e a valorização do ato de trabalhar como virtude vital. Mais uma vez transparece o equilíbrio na distribuição das “ideias síntese”, com destaque ainda maior à humildade para os alunos do Ensino Fundamental e à vontade de trabalhar para aqueles da EJA, embora todas as virtudes atribuídas pelo *Artista* tenham sido muito enfatizadas.

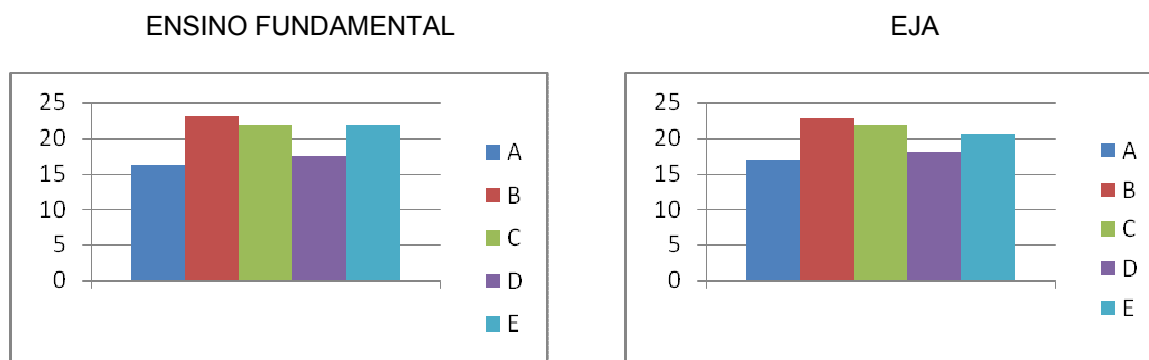
Proposta de reflexão “explica a proposta do periódico de estabelecer associações para defender os interesses dos trabalhadores”



- A – ajudar os desempregados
- B – auxiliar as famílias dos trabalhadores que morressem
- C – conseguirem melhores condições de trabalho
- D – lutarem pelos seus direitos
- E – possibilitar a educação dos trabalhadores

Acostumados a conviver com associações de bairros, sindicatos e outras formas de representação social, chamou a atenção dos alunos a luta do *Artista* em nome da organização de estruturas associativas que garantissem algum tipo de melhoria nas agruras da existência dos trabalhadores. Compreenderam eles que, à época, os trabalhadores buscavam organizar entidades que lhes proporcionassem certa segurança no desempregado e às suas famílias no caso de morte, bem como instrução como forma de melhorar suas condições de vida, além de, através de tais associações, lutarem pelos seus direitos e por melhores condições de trabalho. As vivências do tempo presente ficaram bem expressas nas reflexões dos estudantes do Ensino Fundamental e da EJA, por darem amplo destaque às associações dos trabalhadores como entidades voltadas às reivindicações por direitos e condições de trabalho e, em menor escala às questões em torno do falecimento, do desemprego e da educação, fundamentos que contemporaneamente, ao menos do ponto de vista legal, deveriam ter certas garantias de parte da estrutura estatal.

Proposta de reflexão “compara o tratamento destinado ao trabalhador no século XIX e nos dias de hoje”



- A – continua a acontecer a exploração de alguns trabalhadores
- B – hoje os trabalhadores passaram a ter mais direitos
- C – os salários continuam injustos
- D – os trabalhadores podem organizar sindicatos
- E – os trabalhadores têm direito a férias

Essa proposta de reflexão, como não poderia deixar de ser, está amplamente inter-relacionada às demais e permite que os estudantes realizem ainda mais diretamente uma aproximação entre a realidade retratada pelo *Artista* e as suas vivências na atualidade. Foram apontadas pelos alunos questões negativas como a continuidade da exploração de segmentos dentre os trabalhadores, bem como a injustiça dos salários, mas foram também enfatizados aspectos positivos, como a ampliação dos direitos dos trabalhadores, a possibilidade da organização de sindicatos e, dentre os vários direitos trabalhistas, o mais destacado foi aquele que garante férias aos trabalhadores. A expressão gráfica das “ideias síntese” reflete uma proximidade extrema entre os destaques dados pelos discentes do Ensino Fundamental e da EJA, variando cada uma delas em pouquíssimos pontos percentuais, com o maior destaque em ambos às conquistas dos direitos trabalhistas.

Dentre os bons resultados obtidos na utilização de um jornal do passado a serviço do ensino da História, a abordagem deste eixo temático voltado ao mundo do trabalho foi aquela que rendeu melhores frutos. A identificação dos alunos com o tema foi extremamente evidente e eles mesmos revelaram a predileção pelo assunto. Foi nesse enfoque que passado e presente conviveram mais eficazmente nas mentes e consciências dos discentes, podendo identificar ainda mais a relevância do aprendizado de fundamentos históricos. As palavras daquele velho

semanário de folhas amareladas que à época de seu surgimento era um frágil e jovem representante da pequena imprensa, cujo objetivo básico era dar voz aos trabalhadores e que emitia um discurso voltado a um segmento social específico de um tempo determinado, demonstravam ainda ter um sentido especial para aqueles seus novos leitores que, mais de um século e meio depois, podiam incorporar em seus conhecimentos, ao menos em parte, as mensagens expressas pelo semanário dos artífices.

CONCLUSÃO

Esta dissertação teve por objetivo fundamental abordar as origens de um dos mais importantes jornais da cidade do Rio Grande do século XIX – o *Artista*, em sua fase inicial, quando ele era um semanário dedicado aos trabalhadores e constituía um representante da pequena imprensa. A partir desse mote, o trabalho visou essencialmente observar aquela fonte histórica primeiramente sob o prisma de uma história **da** imprensa, ou seja, observando as mais marcantes características do periódico em estudo, no contexto da imprensa brasileira, sul-rio-grandense e rio-grandina. Posteriormente, elegendo três eixos temáticos dentre os mais destacados na construção discursiva do jornal, passou-se a uma história **por meio da** imprensa, estudando tais eixos e levando tal tipo de documento para a sala de aula, proporcionando um convívio muito pouco usual do mesmo com o alunado escolar.

A cidade do Rio Grande, durante todo o século XIX, teve na imprensa um dos pontos fundamentais na direção do objetivo desta comunidade de mostrar-se como uma digna representante do progresso e da civilização. Buscando reproduzir os padrões europeus de organização social, política, econômica e cultural, a cidade portuária pretendia apresentar-se, ao menos na aparência, o mais próximo possível, das grandes metrópoles mundiais, afinal era o Rio Grande a grande porta de entrada da província do Rio Grande do Sul. A imprensa, nesse quadro exercia papel de importância à medida que divulgava aqueles modelos de vida europeus, difundindo-os, e, ao mesmo tempo, marcava presença como mais uma das partes para demonstrar o avanço cultural da cidade.

Nesse sentido, a imprensa rio-grandina, desde os anos sessenta

passava por uma fase de desenvolvimento e de diversificação, pois, em substituição aos jornais totalmente políticos, surgiam novas folhas, com outras orientações editoriais, como os diários, os noticiosos, os pasquins e os literários. Foi nesse contexto de uma certa especialização do jornalismo que se deu o surgimento do jornal *Artista*, com uma proposta editorial totalmente diferente dos demais periódicos que já circulavam no Rio Grande daquela época. Visando um público específico, o *Artista* revelava certos detalhes das perspectivas sócio-políticas, das vivências, do pensamento e das formas de agir dos trabalhadores de então.

Na conjuntura da imprensa rio-grandina, o *Artista* surgia ao lado de jornais que já haviam definido suas orientações editoriais há algum tempo, caso do *Diário do Rio Grande*, com uma proposta de manter o predomínio da linha noticiosa, do *Commercial*, que visava dedicar-se basicamente às informações de natureza mercantil, com predominância das notícias acerca do movimento portuário, e do *Echo do Sul*, o mais partidário dos jornais rio-grandinos de então. Ao lado desses, circulavam uma série de jornais que, normalmente, duravam pouco tempo e mantinham uma certa irregularidade na publicação, constituindo uma pequena imprensa, da qual o *Artista*, nesses seus primeiros meses de existência fez parte.

Um semanário com grandes dificuldades na obtenção das notícias, sem oficina tipográfica própria, tentando manter uma certa constância na publicação de suas diferentes seções, com um custo pouco competitivo e quantidade de anúncios publicados pouco significativa, quando comparada ao volume de matéria publicitária publicada pelos jornais diários, o *Artista* teve de enfrentar uma série de dificuldades para sobreviver, as quais não diminuíram a sua importância, nem mesmo enfraqueceram o espírito de contestação de seus proprietários que conseguiram manter a publicação de uma folha para os trabalhadores, experiência até então inédita na conjuntura da imprensa rio-grandina.

Quanto ao discurso estabelecido a partir das páginas do jornal *Artista*, ele seguiu várias frentes mas dentre elas, três se destacaram, uma voltada às manifestações patrióticas contrárias ao imperialismo britânico, outra de

natureza política, direcionada ao partidarismo de fidelidade aos liberais e de contraposição às tendências conciliatórias e de coligação e uma outra de conteúdo social, voltada ao mundo do trabalho. Nelas a rede de relações discursivas estabelecidas tiveram determinados atores sócio-políticos, ligados exatamente à visão que os responsáveis pelo periódico possuíam quanto à organização da sociedade e, mais diretamente, no que se refere às desigualdades entre as diferentes classes sociais. Tais relações no que tange aos três eixos temáticos – a ação do imperialismo no Brasil, as estruturas político-partidários do período imperial e o mundo do trabalho – podem ser sintetizadas a partir dos seguintes quadros.

EIXO TEMÁTICO A AÇÃO DO IMPERIALISMO NO BRASIL
<p>– relação de oposição do <i>Artista</i> –</p> <p>brasileiros X britânicos</p>
<p>– relação de associação do <i>Artista</i> –</p> <p>patriota = anti-imperialista</p>
<p>– relação de identidade do <i>Artista</i> –</p> <p>patriotismo ← → abnegação, sacrifício e luta pela nação</p>

Ao tratar da ação imperialista britânica sobre o Brasil, o *Artista* construía uma relação de oposição plena e de antagonismo entre os brasileiros patriotas e os filhos da nação imperialista. Ainda que por vezes mantivesse um discurso até certo ponto ingênuo sobre as possibilidades de enfrentamento entre o Brasil e a hegemônica potência imperialista de então, o periódico rio-grandino dizia acreditar plenamente que, através do patriotismo, os brasileiros teriam amplas condições de enfrentar a poderosa Grã-Bretanha. No que tange à

relação de associação, o jornal aproximava plenamente o patriota, ou seja, o ardoroso defensor da nação que a colocaria acima de tudo, com os propugnadores do anti-imperialismo. Nesse sentido, na concepção da folha, não haveria espaço no Brasil para aqueles que não desejassem lutar pela pátria, devendo todos estar mobilizados para enfrentar o inimigo invasor e usurpador. Quanto a esse aspecto, o *Artista* não esquecia o seu conteúdo de classe, explanando que os verdadeiros defensores da pátria eram os trabalhadores, uma vez que aquele outro segmento social por ele denominado de aristocracia teria por tendência evitar tais manifestações de fé patriótica, colocando os interesses pessoais acima dos nacionais. Finalmente, no que se refere à relação de identidade, para o jornal, ser patriota seria estar pronto para qualquer tipo de sacrifício pela defesa da pátria, inclusive a completa prontidão para a luta e, se necessário, a perda da vida para mover a cruzada patriótica a que se propunha contra o tirânico inimigo.

EIXO TEMÁTICO AS ESTRUTURAS POLÍTICO-PARTIDÁRIAS DO PERÍODO IMPERIAL
<p>– relação de oposição do <i>Artista</i> –</p> <p>liberalismo puro X tendências conciliatórias</p>
<p>– relação de associação do <i>Artista</i> –</p> <p>fidelidade partidária = idealismo</p>
<p>– relação de identidade do <i>Artista</i> –</p> <p>purismo partidário ←→autenticidade, lealdade, convicção</p>

As observações do *Artista* quanto às estruturas político-partidárias então vigentes no império brasileiro eram de uma filiação plena aos liberais, não conseguindo aceitar ideologicamente alianças entre estes e os seus

adversários conservadores. Nessa linha, o jornal passava a estabelecer uma relação de oposição nem tão centrada no Partido Conservador, pois, como liberal puro, considerava como os maiores inimigos aqueles que defendiam tendências conciliatórias entre os dois partidos. Quanto à relação de associação, o semanário enaltecia a fidelidade partidária como um verdadeiro sinônimo de idealismo político, pois só a lealdade partidária poderia demonstrar a verdadeira convicção, ao passo que as coligações só serviriam a interesses espúrios, financeiros ou pessoais. Assim o *Artista* encontrava uma relação de identidade entre o purismo partidário e a necessidade de uma plena afinidade do militante com o conteúdo programático de cada partido, o qual deveria ser sempre seguido de maneira leal e convicta.

EIXO TEMÁTICO O MUNDO DO TRABALHO
<p>– relação de oposição do <i>Artista</i> –</p> <p>trabalhadores X aristocratas</p>
<p>– relação de associação do <i>Artista</i> –</p> <p>trabalho = virtude</p>
<p>– relação de identidade do <i>Artista</i> –</p> <p>artista ← → proletário, operário, trabalhador</p>

O mundo do trabalho foi uma das temáticas mais abordadas nas páginas do *Artista*. Em tal abordagem as relações de oposição estiveram centradas em dois termos principais e antagônicos entre si. De um lado estava o artista – como sinônimo de pessoa que professa as belas-artes, ou seja, o artífice – que aparecia numa posição diametralmente oposta ao aristocrata – no sentido de indivíduo pertencente a uma nobreza, uma casta aristocrática que, numa

organização social e política, monopoliza o governo, como uma classe privilegiada. Assim, a figura do artista é idealizada e idolatrada pela folha rio-grandina, como o segmento social detentor de todas as virtudes e único fator de progresso da humanidade, ao passo que, os representantes da aristocracia eram apresentados como indivíduos sem valor que, perdidos em seus privilégios, tudo sacrificavam em nome de seus interesses próprios.

As relações de associação no discurso estabelecido pelo *Artista* no que se refere ao mundo do trabalho ficam expressas na aproximação plena entre o trabalho – aquele esforço pelo qual o homem garante o seu sustento – e a virtude – identificada como a força moral, a disposição firme e habitual para a prática do bem, a boa qualidade moral, o ato virtuoso, o modo austero de vida –, ambos idealizados como os valores essenciais à sobrevivência das sociedades. Nesse sentido, mais uma vez, o *Artista* manifestava sua visão dicotômica da sociedade, pois, para ele, só os trabalhadores são virtuosos e auto-suficientes pois têm ao seu lado a força do trabalho, que os torna dignos e independentes para manter sua sobrevivência, ao passo que a aristocracia, improdutiva e exploradora, não tinha a dignidade como característica própria e dependiam da exploração da força de trabalho dos mais pobres, sem a qual não teria capacidade de sobreviver e acabaria por perecer.

Já no que se refere às relações de identidade expressas no discurso do jornal *Artista* ela fica encerrada nas várias denominações utilizadas pelo jornal para identificar as classes trabalhadoras. Mais uma vez o artista, tal qual sinônimo de artífice, aparece, de acordo com todo o conjunto da proposta editorial do jornal, como um termo chave, porém, nas páginas do periódico não há um exclusivismo quanto a direcionar-se apenas aos artífices, buscando atingir uma fração mais ampla dentre as classes trabalhadoras, de modo que o termo artista aparece identificado com o operário – aquele que trabalha em um ofício, o obreiro –, o proletário – por origem, o cidadão pobre, que pertence à última classe do povo, o indivíduo pobre que vive do seu salário –, e com o trabalhador em geral – ou seja, aquele que trabalha, que é laborioso. Essa relação está profundamente ligada a um dos maiores objetivos da existência do *Artista*, ou seja, procurar convencer o conjunto dos trabalhadores da necessidade de organização e associação, independente de ofício ou de

filiação profissional, como única forma de garantir uma representatividade sócio-política e de atender os seus interesses.

Nessas relações de oposição, associação e identidade o *Artista* criou uma versão a respeito da sociedade caracterizada pela dicotomia, ou seja, de um lado estavam os patriotas, os liberais puros e os trabalhadores, do outro, o imperialismo britânico, as coligações partidárias e a aristocracia. Desse modo, tanto nas formulações discursivas de natureza social, quanto naquelas de caráter político, fosse o partidário, ligado aos liberais, fosse o vinculado à política internacional, marcado fortemente pelo patriotismo, o fundo das argumentações do jornal permaneceu identificado com aquele discurso dicotômico. Nesse sentido, o jornal estabeleceu dois modelos de identificação dos atores sociais, criando, desse modo, duas visões distintas a respeito de ambos, ou seja, elaborando a figura do aliado e a do adversário:

EIXO TEMÁTICO A AÇÃO DO IMPERIALISMO NO BRASIL	
– o aliado –	– o adversário –
→ os dignos e briosos brasileiros	→ os filhos da soberba Albion
→ altivo patriota	→ insolente e usurpador pirata
→ defensores da causa nacional	→ aqueles que insultaram o pavilhão brasileiro
→ cruzado pela pátria	→ infame agressor e invasor
→ aqueles que se ufanavam de possuir o nome de brasileiros e tiveram o brio, a dignidade e a honra ultrajados	→ os terríveis tiranos que nenhum direito tinham sobre os brasileiros
→ povo da terra de Cabral, sempre digno de arrostar o perigo	→ antiga Albion, sempre habituada a conspurcar as leis prescritas por Deus, impondo seu jugo odioso
→ os livres e fortes irmãos brasileiros	→ nação insolente e opressora
→ aqueles que tinham bastante coragem para arrostar o perigo	→ o déspota inglês, provocador imprudente, autor de infamantes imposições
→ a nação considerada fraca, que se tornaria forte na defesa de seus direitos	→ o ambicioso país imperialista que ameaçava a integridade brasileira

EIXO TEMÁTICO AS ESTRUTURAS POLÍTICO-PARTIDÁRIAS DO PERÍODO IMPERIAL	
– o aliado –	– o adversário –
→ os liberais puros, aqueles que melhor poderiam defender os interesses dos trabalhadores	→ os interesseiros responsáveis por coligações ou conciliações partidárias
→ os convictos de sua filiação partidária	→ partidos que adormeciam ao canto da sereia chamada conciliação
→ aqueles que lutavam embasados em princípios	→ os ambiciosos e corruptos que se rendiam aos interesses pessoais e financeiros
→ indivíduos que mantinham a fidelidade partidária	→ especuladores políticos que buscavam alianças por circunstâncias temporárias e que tudo sacrificavam ao seu interesse pessoal
→ políticos abnegados por uma causa em comum	→ aqueles que, para conservarem o poder, não trepidavam em atirar a pátria ao abismo da anarquia
→ os que prezavam o paládio das liberdades públicas e a constituição,	→ partido dominante que calcava a seus pés os direitos constitucionais
→ candidatos de princípios puros, leais e francos	→ amálgama liberal-conservadora que fazia vergonhosas transações
→ verdadeiro partido liberal	→ os ligueiros, que formavam uma aliança material pelo desejo de conquistar posições elevadas e de satisfazer ambições
EIXO TEMÁTICO O MUNDO DO TRABALHO	
– o aliado –	– o adversário –
→ artistas, trabalhadores, proletários, operários, tipógrafos, caixeiros, o povo	→ aristocratas, ricos, financistas, especuladores, políticos usurpadores
→ homens de mãos calosas e corações nobres	→ aqueles que abusavam da boa fé do povo
→ portadores de nobreza de caráter, honradez, amor à pátria e cultores da liberdade	→ aqueles que confundiam a virtude com corrupção

→ aqueles que trabalhavam	→ aqueles que desfrutavam
→ o indivíduo que nasceu para sofrer e sacrificar-se em nome do trabalho	→ aqueles que esbanjavam o suor do povo
→ aqueles que trabalhavam para proporcionar comodidades aos que tinham ouro	→ os que eram superiores na aparência, mas inferiores na realidade, pois viviam na ociosidade, fruindo o produto do trabalho do povo
→ homem do povo que, independente, ganhava e amassava com suas mãos o pão que comia, confeccionava as suas roupas, edificava a sua choupana e só precisava da estima e amor de seus semelhantes	→ mísera criatura que morreria à fome, que andaria nua e dormiria ao ar livre, se o povo não trabalhasse para satisfazer suas necessidades
→ aqueles que, no momento do perigo, derramavam o seu sangue em prol da pátria	→ os que, divididos entre os cálculos de sua fortuna e os prazeres que lhes sorriam, esqueciam os interesses e os valores patrióticos
→ a única parte nobre da nação, os melhores porque a sua alma não era embutida pelo vício, seus instintos eram admiráveis, seu coração pulsava pelo que era puro, grande e nobre	→ aqueles que transformavam o povo em brinquedo de suas paixões, pedestal de suas aspirações e capacho de seus caprichos

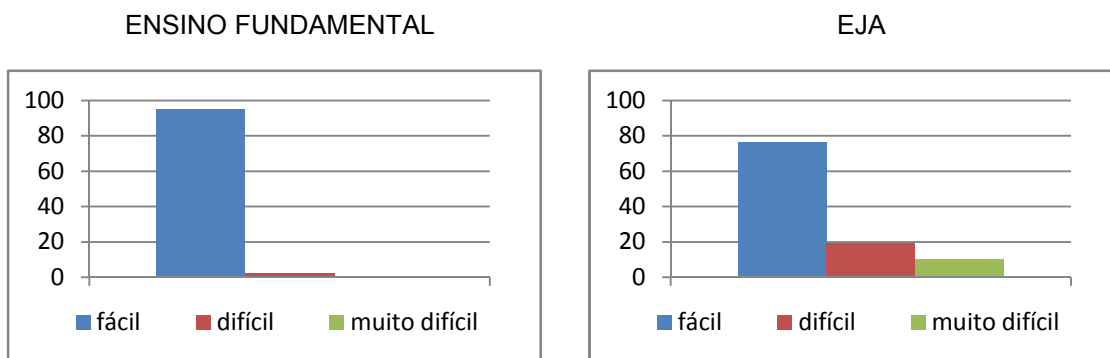
Foi exatamente a partir desses três eixos temáticos que se deu a aplicação dos textos do *Artista* em sala de aula, complementando-se a prática de uma história **por meio da** imprensa. O conjunto de atividades envolveu explicações prévias da docente, intermediando a aplicação, notadamente no que se refere à contextualização de modo a que os excertos do semanário ficassem plenamente inseridos nos conteúdos trabalhados pelo alunado. A partir da leitura, os discentes dedicaram-se à elaboração de propostas reflexivas, cujo grande objetivo era que eles refletissem, dialogassem e adotassem possíveis posições diante da fonte trabalhada. Houve todo um processo de discussão em torno de tais propostas, resultando numa tendência geral de acertos de parte dos alunos, pois, por mais que o grande objetivo das atividades fosse a reflexão e não a detecção do que estava correto ou incorreto, para os estudantes tais distinções aparecem como fundamentais, servindo inclusive de estímulo para a própria efetivação das atividades.

A realização das propostas reflexivas e a posterior discussão em torno das mesmas revelaram que o uso dos textos do *Artista* para promover o ensino da História trouxe um resultado extremamente positivo, ocorrendo um significativo aprendizado de parte dos alunos que se sentiram motivados com tal estratégia de ensino a partir do estudo de um jornal antigo que circulara em sua própria comunidade. Complementarmente ao conjunto de atividades, os estudantes preencheram uma ficha de acompanhamento da pesquisa (ver Anexo 2), cujas respostas comprovam o êxito do trabalho, vindo a permitir uma verificação dos alcances e limites do estudo do jornal *Artista* em sala de aula, sob a perspectiva dos discentes¹.

Em primeiro lugar, foi perguntada a opinião do alunado sobre o nível de dificuldade/facilidade no estudo dos textos do jornal *Artista*. As respostas do conjunto dos estudantes foi extremamente positiva, havendo uma representativa aprovação no meio utilizado como estratégia de ensino. O resultado é ainda mais significativo por uma certa tendência de parte dos alunos de, normalmente, considerarem difíceis as atividades a serem executadas ao longo das aulas. Mas, no que tange ao estudo das páginas do semanário rio-grandino, os alunos do Ensino Fundamental consideraram quase que de forma integral como uma atividade fácil, já aqueles pertencentes à EJA, apesar de uma pequena porcentagem que considerou difícil e muito difícil, a grande maioria demonstrou facilidade ao trabalhar com aquela fonte histórica do século XIX, como demonstra o Gráfico 1:

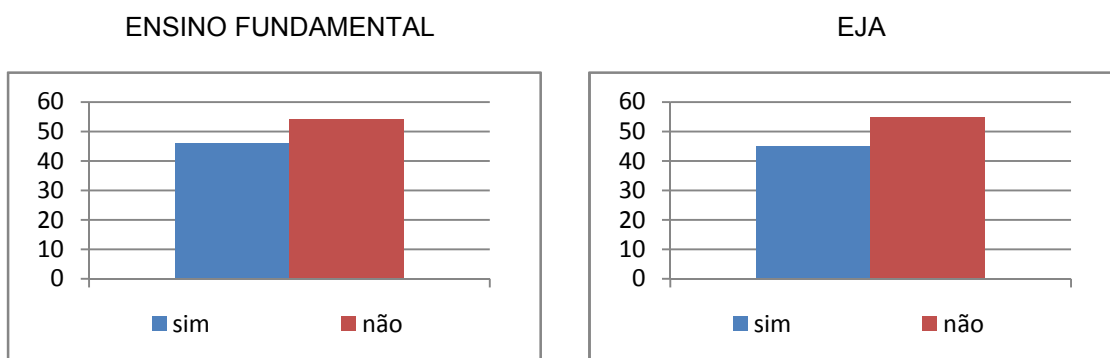
¹Todos os dados referentes à Ficha de acompanhamento da pesquisa, expressos por meio de gráficos, foram apresentados no formato de porcentagem. É importante ressaltar que em tais fichas não houve nenhuma necessidade de identificação de parte dos alunos, de modo a permitir toda a liberdade na elaboração das respostas.

Gráfico 1 – Nível de dificuldade apontado pelos discentes no estudo dos textos do jornal *Artista*



Através da Ficha de acompanhamento da pesquisa foi também questionado aos alunos se eles já haviam realizado algum tipo de atividade de ensino utilizando jornais como fundamento de análise. Fossem os estudantes do Ensino Fundamental, fossem os da EJA, a resposta foi de uma maioria que nunca havia trabalhado com este tipo de fonte histórica como fica expresso no Gráfico 2:

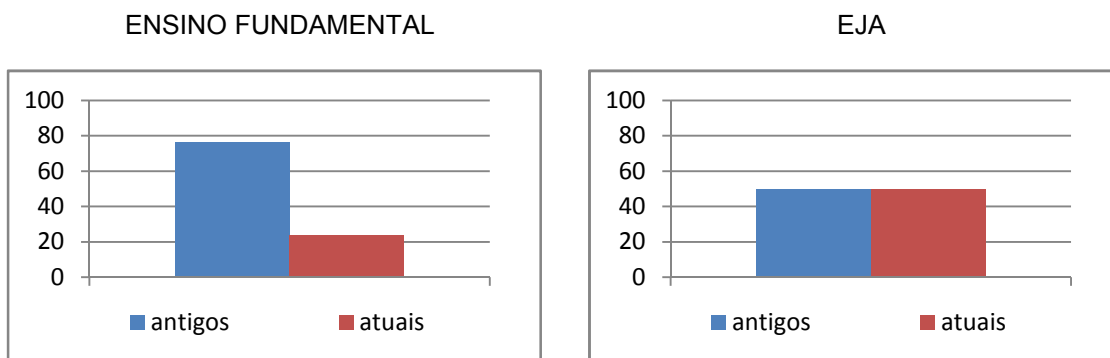
Gráfico 2 – Verificação se os alunos já haviam trabalhado ou não com jornais em sala de aula



Com base no questionamento anterior, no caso de resposta positiva sobre já haver trabalhado com jornais, foi perguntado aos discentes se tais periódicos pesquisados eram antigos ou atuais, definindo-se um critério para o que seria um periódico “antigo”, ou seja, aquele que circulou até o final século XX, e um contemporâneo, ou seja, que foi publicado posteriormente, critério estabelecido a partir das próprias vivências do alunado. As repostas revelaram que trabalhos anteriores já haviam sido realizados, embora de maneira menos

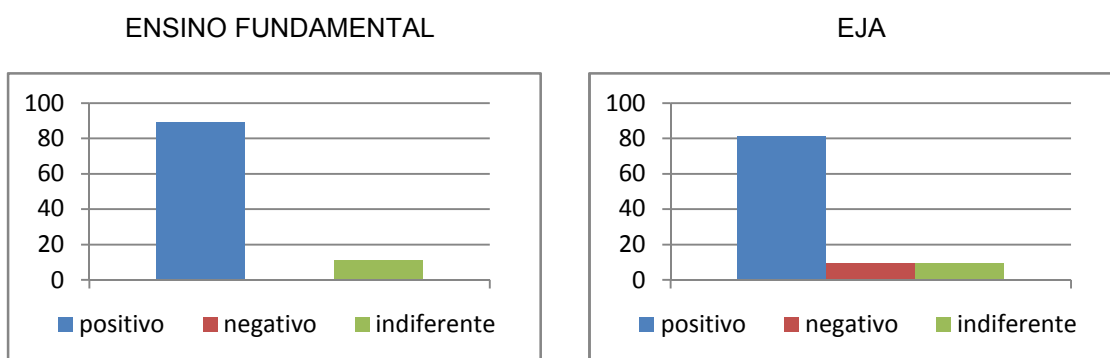
sistematizada, inclusive pela própria docente que efetuava a pesquisa naquele momento, surgindo um resultado bastante positivo junto ao Ensino Fundamental e, ao menos metade dos alunos da EJA já haviam tido experiência com publicações do passado, ainda que de modo mais superficial, como fica explicitado no Gráfico 3:

Gráfico 3 – Verificação se os jornais trabalhados anteriormente em sala de aula eram antigos ou atuais



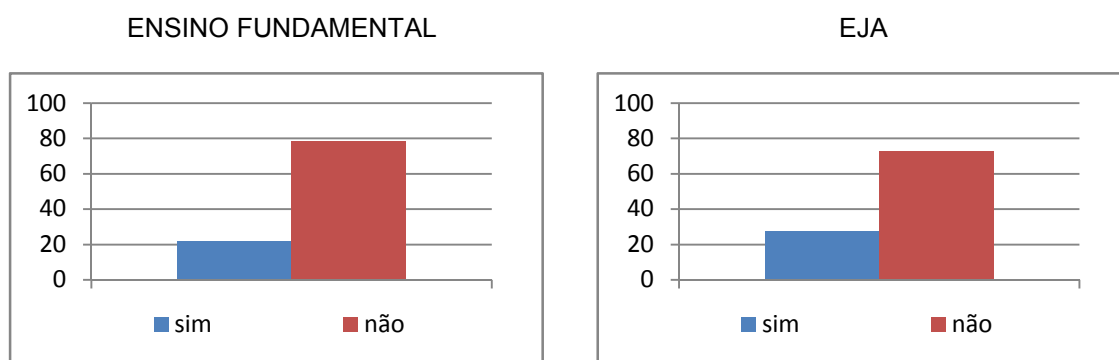
Ainda na busca de verificar os resultados do trabalho, foi solicitada aos alunos a sua opinião sobre estudar a História por meio dos jornais. Mais uma vez foi verificada uma aceitação extremamente ampla de parte dos estudantes. No Ensino Fundamental não houve resposta negativa, os indiferentes foram poucos e os que avaliaram as atividades como positivas foram a grande maioria. Já na EJA, menos de vinte por cento avaliaram negativamente o uso de jornais em sala de aula, restando uma significativa maioria que aceitou muito bem a proposta, como é verificável no Gráfico 4:

Gráfico 4 – Opinião dos discentes sobre o estudo da História por meio de jornais



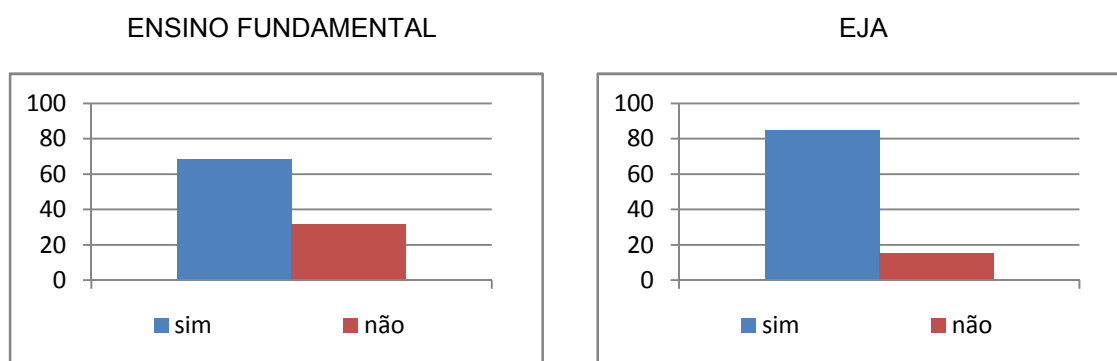
Com o objetivo de verificar se os alunos tinham algum tipo de conhecimento sobre a história de sua própria cidade e, mais especificamente, sobre a imprensa rio-grandina, foi perguntado aos estudantes se eles tinham conhecimento da existência de jornais na cidade do Rio Grande durante o século XIX. O resultado de tal questionamento teve por base que a maioria não havia trabalhado com jornais e, apesar de alguns já terem realizado esse tipo de atividade, a referência dos alunos era para excertos de periódicos e caricaturas do século XX, notadamente quando estudavam a História do Brasil, tratando-se de publicações de outras cidades, de modo que o conhecimento dos estudantes, tanto do Ensino Fundamental quanto da EJA, no que tange a folhas periódicas rio-grandinas do século XIX era muito pequeno como fica evidenciado no Gráfico 5:

Gráfico 5 – Verificação do conhecimento dos discentes quanto à existência de jornais rio-grandinos que circularam no século XIX



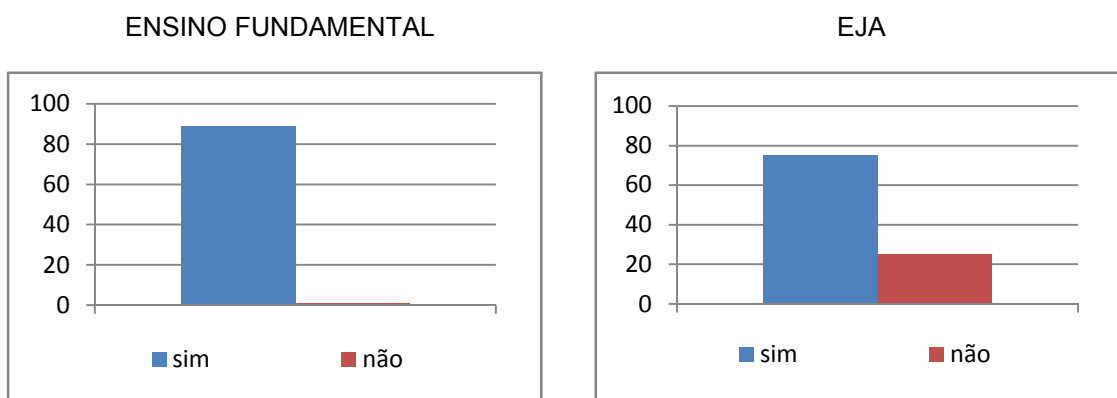
Uma das grandes preocupações da atualidade relacionada com a motivação para a leitura por parte dos estudantes também foi verificada, através do questionamento se o trabalho realizado com o *Artista* de alguma maneira despertara o interesse para a atitude de ler, afinal esse tem sido um dos maiores esforços dos docentes, tendo em vista o crescente desinteresse pela leitura de textos um pouco mais longos. Os adultos da EJA deram uma resposta mais positiva quanto a tal questionamento, embora os alunos do Ensino Fundamental, ainda que em menor número, também tenham considerado aquela modalidade de ensino como um possível estímulo à atividade da leitura, como demonstra o Gráfico 6.

Gráfico 6 – Verificação se o trabalho realizado com o jornal *Artista* teria servido como um estímulo à prática da leitura



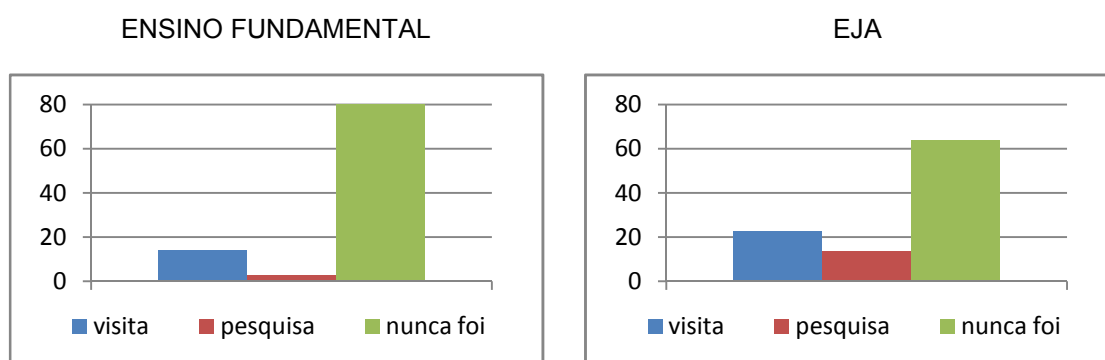
Ainda levando em conta o estímulo à leitura, foi perguntado aos estudantes se teriam interesse em conhecer o lugar onde os jornais rio-grandinos antigos eram conservados. A eles já havia sido explicado que tais publicações estão muito bem acondicionadas junto à Hemeroteca da Biblioteca Rio-Grandense que possui estes periódicos em sua grande maioria em ótimo estado de conservação, bem catalogados e com coleções em grande parte completas ou quase completas, permitindo uma grande possibilidade de conhecimento do passado histórico rio-grandino. Entretanto, a população parece em grande parte desconhecer esse formidável patrimônio, mas as respostas dos alunos, estimulados pela atividade, foi bastante promissora, pois, de maneira quase unânime no Ensino Fundamental e de modo bastante considerável na EJA, os alunos manifestaram vontade de conhecer aquela instituição cultural, chegando inclusive a haver de parte dos estudantes daquele primeiro nível, interesse para que fosse promovida uma visita à mesma. Tal motivação fica representada no Gráfico 7:

Gráfico 7 – Verificação do interesse dos discentes em conhecer o lugar onde os jornais rio-grandinos antigos são conservados



Em complementação ao tópico anterior, ainda que não conhecessem o acervo específico no que tange aos jornais, os discentes foram questionados quanto a um possível contato, fosse do tipo que fosse, com a Biblioteca Rio-Grandense, ou através de uma visitação ou da realização de uma pesquisa, ou ainda se nunca houvera tal contato. A tendência acabou por refletir o comportamento da maior parte da comunidade rio-grandina, ou seja, apesar de uma certa resposta positiva na EJA e uma bem menor no Ensino Fundamental, a ampla maioria revelou não ter estabelecido nenhum tipo de contato com a Biblioteca Rio-Grandense, conforme explicita o Gráfico 8:

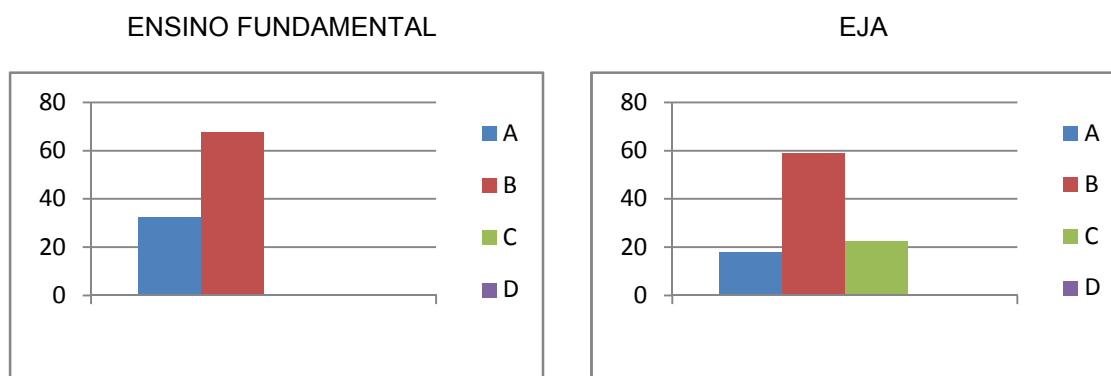
Gráfico 8 – Verificação de algum tipo de contato de parte dos discentes para com a Biblioteca Rio-Grandense



Houve também a preocupação em conhecer a opinião dos alunos no sentido do real aprendizado naquela atividade de ensino promovida com o uso de um jornal do século XIX, bem como a respeito da possibilidade de repetição de tal tipo de estímulo. Segundo a opinião dos estudantes o resultado foi

positivo, pois tanto no Ensino Fundamental quanto na EJA, mesmo que não tenha sido tão representativo o número daqueles que consideravam que haviam aprendido muito, a grande maioria considerou que havia aprendido algo, havendo interesse em repetir tal estratégia de ensino. Ao mesmo tempo, a rejeição ao uso de tal fonte foi mínima, havendo apenas pequena porcentagem na EJA que considerava ter aprendido pouco e não teria vontade de repetir tal atividade, ao passo que, em ambos os níveis de estudo, não houve nenhum aluno que considerasse não ter aprendido absolutamente nada, como pode ser observado no Gráfico 9:

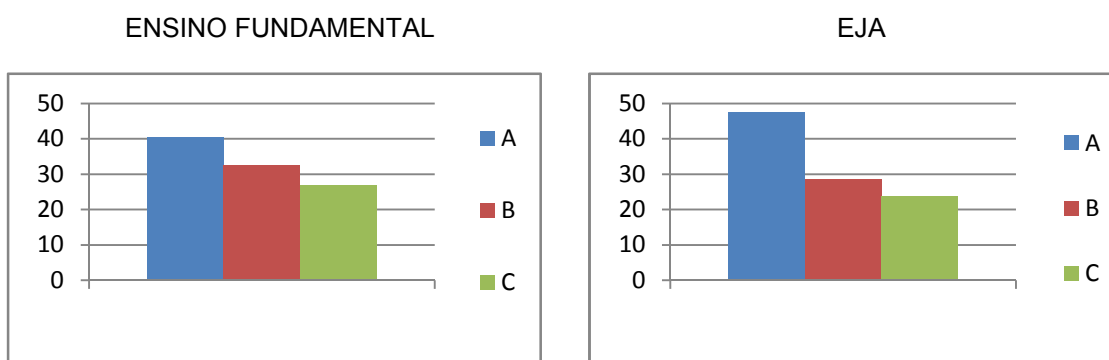
Gráfico 9 – Verificação da opinião dos discentes quanto ao nível de aprendizagem a partir da estratégia de ensino baseada no uso do jornal *Artista*



- A – aprendi muito e gostaria de trabalhar novamente
 B – aprendi alguma coisa e gostaria de trabalhar novamente
 C – aprendi pouco e não gostaria de trabalhar novamente
 D – não aprendi nada e não gostaria de trabalhar novamente

Levando em conta tal aprendizado, foi solicitado que, dentre os eixos temáticos abordados durante o trabalho os estudantes destacassem aquele com o qual mais se identificaram, tendo sua atenção despertada de maneira mais relevante. As respostas a tal questionamento só viriam a confirmar os ótimos resultados obtidos na abordagem do eixo temático voltado ao mundo do trabalho, com o qual os alunos tiveram uma identidade bem mais significativa, estando também mais próxima de suas realidades. Tal intensidade foi verificável no Ensino Fundamental e mais nitidamente na EJA, conforme indica o Gráfico 10:

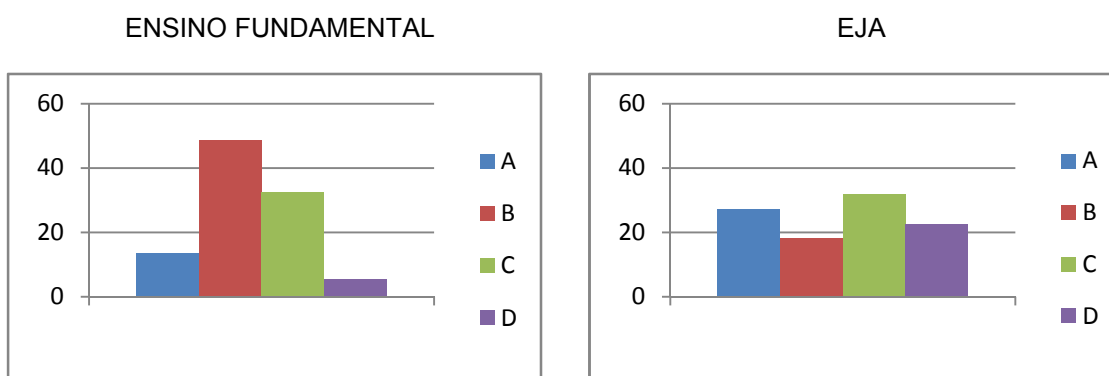
Gráfico 10 – Identificação da preferência dos discentes em relação aos eixos temáticos estudados



A – os trabalhadores
 B – os partidos políticos
 C – o domínio britânico no Brasil

Outro aspecto investigado junto aos alunos a respeito da realização do trabalho com o *Artista* foi a relação que eles poderiam estabelecer entre esta estratégia de ensino e outras com as quais eles convivem mais cotidianamente. Foi solicitado a eles uma comparação entre o uso do semanário como fonte para aprender História e as tradicionais estratégias das aulas expositivas e da utilização do livro didático, ou ainda se não havia nenhuma diferença entre tais práticas. Enquanto os alunos da EJA, em sua maioria, deram mais destaque à utilização do periódico, os do Ensino Fundamental ainda permanecem mais apegados ao livro didático, refletindo a grande difusão de tal estratégia e até mesmo uma dependência entre eles, fenômeno que não se repete com os estudantes daquele nível que, apesar de possuir, praticamente não usam este tipo de livro. Tais perspectivas ficam refletidas no Gráfico 11:

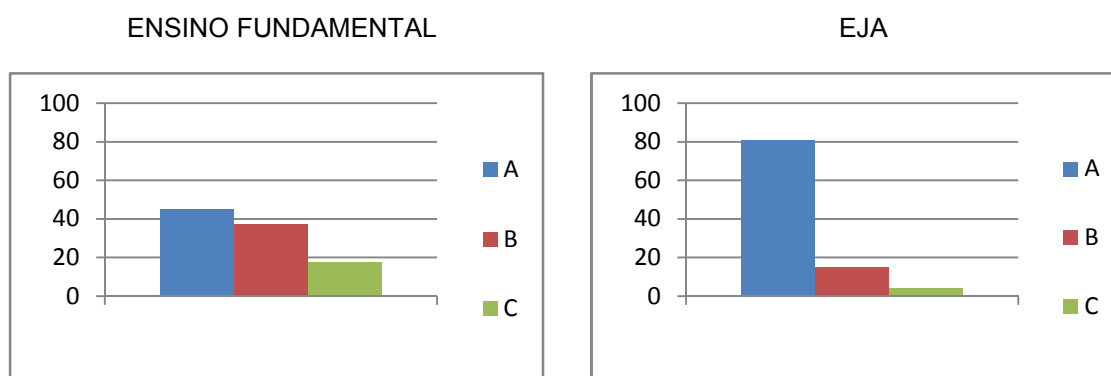
Gráfico 11 – Verificação das estratégias de ensino mais motivadoras entre os discentes



A – a motivação é maior com as aulas expositivas
 B – a motivação é maior com o uso do livro didático
 C – a motivação é maior com a utilização dos textos do jornal *Artista*
 D – não foi encontrada nenhuma diferença quanto às estratégias de ensino

Na ficha de acompanhamento da pesquisa houve também uma preocupação em verificar quais teriam sido as maiores dificuldades enfrentadas pelos alunos quanto ao estudo a partir dos textos do *Artista*. Os resultados de tal questão revelam o significativo êxito obtido pela atividade, pois, apesar de terem destacado certas dificuldades pontuais e localizadas, como relacionados a um dos temas específicos, ou a necessidade de uma atenção redobrada para ler e interpretar através da escrita, a ampla maioria na EJA e a maioria no Ensino Fundamental respondeu que não houvera maiores dificuldades na realização da atividade proposta. A dificuldade mais estrutural apresentada pelos estudantes foi a ligadas às palavras, muitas delas consideradas difíceis, principalmente dentre os alunos do Ensino Fundamental. Tais resultados estão demarcados no Gráfico 12:

Gráfico 12 – Verificação das maiores dificuldades encontradas pelos discentes nos trabalhos realizados com os textos do *Artista*



A – não encontrou maiores dificuldades

B – a maior dificuldade esteve na interpretação das palavras difíceis

C – teve apenas algumas dificuldades menores e localizadas

Nesse sentido, ainda que tenham considerado o conjunto das atividades como sem maiores dificuldades, um dos obstáculos enfrentados pelos discentes foi o não entendimento de certas palavras. Dentre tais palavras, algumas eram realmente mais comuns à época na qual circulou o jornal, sendo muito pouco utilizadas na contemporaneidade, entretanto, algumas delas não são tão pouco usuais e aparecem inclusive com frequência junto aos meios de comunicação de massa. Assim, entre as palavras citadas como de difícil entendimento pelos alunos do Ensino Fundamental, as que mais apareceram na ficha de acompanhamento da pesquisa foram: prodigalizado, contingência,

encarniçada, toldam, heterogêneas, pugnava, mistificações, divergências e índole². Na mesma linha, os estudantes da EJA enfatizaram: óbolo, sobranceiros, proletários, heterogêneas, descrença, mistificações, prodigalizados, anelamos e montepio³. Tais dificuldades foram superadas pelo uso do dicionário, mas tornou enfático um dos problemas estruturais do alunado – a potencialidade para a escrita e a leitura, fenômenos indissociáveis e fundamentais para o aprimoramento do aprendizado e a ampliação cultural, para os quais o tipo de trabalho empregado, levando as fontes históricas aos alunos, pode contribuir de modo significativo.

Entre alcances e limites, a atividade de ensino de História através dos textos expressos nas páginas do *Artista* revelou um resultado positivo, demonstrando a potencialidade da estratégia de levar fontes históricas para o aprendizado dos alunos. Superando certas dificuldades naturais, os estudantes conseguiram aprender vários aspectos da conjuntura histórica nacional, estadual e municipal de uma forma harmônica e conjuntural, fazendo também inter-relações com a história mundial. Independentemente do nível de ensino, os alunos do Ensino Fundamental e da EJA, apesar das diferenças etárias e de interesses, as quais acarretaram algumas diferenciações na execução das atividades, demonstraram que aqueles textos oriundos do século XIX conseguiram trazer algum significado para o seu aprendizado. Aquele jovem, em 1862, e “velho”, em 2013, semanário dos artífices voltava a fazer valer a sua voz, mais de cento e cinquenta anos depois, junto a um grupo de estudantes.

Levado à frente por alguns operários do *Echo do Sul*, o *Artista* aparecia como uma publicação “dos” e “para os” trabalhadores, ou seja, elaborado por proletários e tendo por público alvo este segmento da sociedade. Nesse sentido, diferentemente da imprensa comercial, o jornal desenvolveu uma

² Outras palavras listadas pelos alunos do Ensino Fundamental foram: aglomerar, laboriosos, anelamos, tabuleta, descrença, previa, triunfar, consentiram, conciliado, lutássemos, choupana, unamo-nos, sobranceiros, óbolo, aceno, desfiguram, montepio, cegas, fruindo e comodidades.

³ Os discentes da EJA citaram ainda: encarniçada, ônus, conveniências, aspirações, gozos, choupana, prole, inabilitados, virtude, edificasse, unamo-nos, lutássemos, compreender, predomínio, aceno, cooperando, engano, laboriosas, fruindo, tabuleta, toldam, pugnavam, aristocrata, ociosidade, desfiguram, conciliado, aglomerar e contingência.

prática discursiva voltada a um determinado grupo de leitores, daí apresentando formas de expressão escrita destinadas ao entendimento específico desse grupo em particular. As mensagens da folha rio-grandina se voltavam para os trabalhadores de modo que eles viessem a reconhecer o seu papel e a sua importância no contexto da sociedade brasileira e, a partir dessa consciência, agissem em prol da defesa de seus interesses. Mesmo que apresentasse algumas ideias genéricas quanto às formas de organização do proletariado, o *Artista* tinha a convicção de que os trabalhadores teriam seus interesses preservados a partir da associação e, através dessas sociedades, independentemente da filiação profissional, se estabeleceria o modo de concretização de seus objetivos mútuos.

De acordo com sua proposta editorial, ao longo de seus primeiros números, o *Artista* estabeleceu uma construção discursiva amplamente voltada à defesa dos trabalhadores. Desse modo, em praticamente todos os assuntos noticiados e analisados pelos jornal, isso era feito sob o viés de apresentar uma versão que demonstrasse o significado da ação dos proletários na vida nacional. Estabelecendo uma visão dicotômica e algo até maniqueísta da sociedade, o *Artista* explicava a organização social brasileira em geral, e da rio-grandense e rio-grandina em particular e, por analogia até mesmo da mundial, sob a versão de que todos os méritos estavam ligados aos trabalhadores, enquanto que todos os males ficavam vinculados aquilo que o periódico denominava de aristocracia.

Nesse sentido, em todas as falas do jornal, fossem as ligadas à análise da sociedade, à interpretação da vida política ou às manifestações patrióticas, os atores sociais já tinham seu papel pré-estabelecido em suas páginas, ou seja, os trabalhadores eram os bons e os aristocratas, os maus. Ainda que tenha se filiado ao pensamento liberal – defendendo um “liberalismo puro” e atacando as tendências conciliatórias –, o *Artista* apresentava uma visão progressista quanto ao conceito de “povo”, pois ao invés da versão tradicional liberal que apresentava o povo como a elite escolhida pelo conjunto da população, o jornal distinguia povo como sinônimo dos trabalhadores que deveriam fazer valer seu papel político e social. Dessa maneira, ao longo de seus primeiros meses de circulação, entre 1862 e 1863, essa folha rio-grandina

construiu um discurso bastante adiantado e progressista em relação ao seu período de circulação e constituiu-se efetivamente numa publicação a serviço dos artistas rio-grandinos.

Dessa forma, o *Artista*, ao longo de seus primeiros doze meses de existência deixou bem clara a sua intenção de militar junto à imprensa rio-grandina com uma proposta editorial muito bem estabelecida, ou seja, levar em frente uma verdadeira profissão de fé em defesa dos interesses dos trabalhadores. Num momento histórico no qual as relações de trabalho não tinham sequer resquícios de uma melhor organização, o jornal trazia algumas ideias referentes a formas de preservação dos interesses dos artífices. Levando-se em conta que a mão-de-obra predominante no Brasil dessa época era a escrava e que a existência de um proletariado era ainda muito ínfima, o *Artista* apresentava um ideário extremamente avançado para o seu tempo e para o país no qual circulava.

Ao buscar promover uma inter-relação entre uma proposta de realizar uma história **da** imprensa e uma história **por meio da** imprensa, a pesquisa desenvolvida para esta Dissertação lançou mão das amareladas páginas daquele semanário de pequeno formato cujo ano inicial de circulação encontra-se muito bem acondicionado num dos tantos álbuns encadernados da Hemeroteca da Biblioteca Rio-Grandense, levando o seu conteúdo até o alunado de duas escolas rio-grandinas, visando estabelecer uma estratégia de ensino de História. Fosse através dos resultados das propostas reflexivas, fosse pelas respostas da ficha de acompanhamento da pesquisa, ou mesmo pela forma como os alunos receberam aquela forma de trabalhar, nova para eles, foi possível reconhecer que tal atividade foi exitosa. De acordo com as ideias defendidas por tantos dos pesquisadores do ensino da História de que é possível e, mais do que isso, necessário, trazer novas propostas para promover tal ensino e, dentre elas a possibilidade de levar até as escolas as próprias fontes históricas, este trabalho teve por compromisso promover uma contribuição, ainda que muito pequena, para corroborar com tais perspectivas.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes básicas:

O ARTISTA. Rio Grande, anos de 1862-1863.

Fontes complementares:

O ARTISTA. Rio Grande, set. 1879 – set. 1911.
DIARIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, set. 1862.
ECHO DO SUL. Rio Grande, set. 1862.

Referências bibliográficas:

ABUD, Kátia Maria et al. O uso de jornais nas aulas de História. In: **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 27-39.

ABUD, Katia Maria. A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C. & GASPARELLO, Arlette Medeiros & MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino da História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2007. p. 107-117.

ALBERT, Pierre & TERROU, Ferdinand. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ALVES, Francisco das Neves. **Uma introdução à história da imprensa rio-grandina**. Rio Grande: FURG, 1995.

ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. **A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-histórica**. Rio Grande: FURG, 1997.

ALVES, Francisco das Neves. **A pequena imprensa rio-grandina no século XIX**. Rio Grande: Editora da FURG, 1999.

ALVES, Francisco das Neves. Imprensa, história e política: uma proposta metodológica ao debate sobre o tema no contexto brasileiro do século XIX. In: **Comunicação & política**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, v. 6, n. 1, jan-abr 1999. p. 245-257.

ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa gaúcha: história, historiografia & política**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2000.

ALVES, Francisco das Neves. **O primado da notícia como estratégia discursiva: uma história do *Diário do Rio Grande***. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

ALVES, Francisco das Neves. Uma folha mercantil na cidade do Rio Grande: um histórico do jornal *O Commercial*. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). **Indústria e comércio na cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2001. p. 9-37.

ALVES, Francisco das Neves. **O partidarismo por opção discursiva: o *Echo do Sul* e seu discurso político-partidário**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

ALVES, Francisco das Neves. Os artistas e a questão da escravidão: um estudo de caso. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). **O mundo do trabalho na cidade do Rio Grande**. Rio Grande: FURG, 2001. p. 11-19.

ALVES, Francisco das Neves. As políticas conciliatórias na perspectiva do jornalismo rio-grandino: uma introdução ao estudo. In: ALVES, Francisco das Neves et ali. **A imprensa na cidade do Rio Grande: ensaios históricos**. Rio Grande: NEHIRG, 2001. p. 9-16.

ALVES, Francisco das Neves. Comunicação e política no jornalismo rio-grandino: um estudo de caso. In: ALVES, Francisco das Neves. **Cinema e comunicação na cidade do Rio Grande**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2002. p. 9-56.

ALVES, Francisco das Neves. **O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)**. Rio Grande: Editora da FURG, 2002.

ALVES, Francisco das Neves. **A imprensa na cidade do Rio Grande: um catálogo histórico**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

ALVES, Francisco das Neves. A imprensa. In: **História do Rio Grande do Sul – Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 2, p. 351-372.

ALVES, Francisco das Neves. O periodismo gaúcho no século XIX: breves impressões históricas. In: **Revista Biblos**. v. 23. n. 2. Rio Grande: Editora da FURG, 2009. p. 137-165.

ALVES, Francisco das Neves. História das relações internacionais, imprensa e caricatura: o incidente com a canhoneira Panther nas páginas do *Artista*. In: **Caricatura, simbolismos e representações no Rio Grande do Sul: ensaios históricos**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2012. p. 123-146.

ANTUNES, Deoclécio de Paranhos. Os partidos políticos no Rio Grande do Sul (1822-1889): gênese e desdobramento histórico desde a proclamação da independência à república. In: **Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense**. Porto Alegre: Globo, 1936. v. 2. p. 215-266.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARRETO, Abeillard. **A imprensa do Rio Grande no tempo do Império**. RIO GRANDE. Rio Grande, 27 jun. 1935. p. 4-5.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. p. 185-211.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: **Anais do V Simpósio Nacional de Professores Universitários de História**. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1971. v.2. p. 225-239.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988.

CARDIM, Elmano. **A imprensa no reinado de Pedro II**. Petrópolis: s/editora, 1970.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 375-399.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

CARVALHO, José Murilo de. Fundamentos da política e da sociedade brasileiras. In: AVELAR, Lúcia & CINTRA, Antônio Octávio (Orgs.). **Sistema**

político brasileiro: uma introdução. Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung; São Paulo: Fundação UNESP, 2004. p. 21-33.

CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados: escritos de história e política.** Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil.** 2ª. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

EISENSTEIN, Elizabeth L. **A revolução da cultura impressa.** São Paulo: Ática, 1998.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do Jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: **Cadernos da PPG em História da UFRGS.** n. 13, dez. 1995. p. 19-29.

EPSTEIN, Isaac. **Gramática do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

FAORO, Raymundo. Rio Grande do Sul: linhas gerais de sua formação política. In: **Revista Brasileira de Cultura.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, jan.-mar. 1970, ano 2, n. 3, p. 87-109.

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula.** 9ª.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FARIA, Maria Alice & ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula.** 10ª. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1978.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil.** São Paulo, Ática, 1988.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada.** 13ª.ed. Campinas: Papirus, 2011.

GRAHAM, Richard. Brasil - Inglaterra (1831-1889). In: HOLANDA, Sérgio Buarque (Org.). **História geral da civilização brasileira.** 10ª. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003. v. 4, t. 2, p. 141-152.

GRAHAM, Richard. **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil (1850-1914).** São Paulo: Brasiliense, 1973.

GRAHAM, Richard. Os fundamentos da "Questão Christie". In: **Escravidão, reforma e imperialismo.** São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 79-127.

HARDMAN, Foot & LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

HORN, Geraldo Balduino & GERMINARI, Geysa Dongley. **O ensino de História e seu currículo: teoria e método**. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

IGLÉSIAS, Francisco. **Trajetória política do Brasil (1500-1964)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

IGLÉSIAS, Francisco. Vida política, 1848/1868. In: **História geral da civilização brasileira – o Brasil Monárquico: reações e transações**. 3ª.ed. São Paulo: Difel, 1976. t. 2. v. 3. p. 9-112.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: Editora da UFPEL; Unitrabalho, 2001.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. . p. 111-153.

MANCHESTER, Alan K. **Preeminência inglesa no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de império. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-80.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978.

MARTINS, Eleni. **Enunciação e diálogo**. Campinas. Editora da UNICAMP, 1990.

MELO, José Marques de. **História social da imprensa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MONICO, Reto; VIEIRA, Joaquim. **República em Portugal! – o 5 de outubro visto pela imprensa internacional**. Almoçageme: Pedra da Lua, 2010.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

MOREL, Marco & BARROS, Mariana Monteiro. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOREL, Marco. Em nome da opinião pública: a gênese de uma noção. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das & MOREL, Marco. **História e imprensa**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1998. p.

93-102.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PENTEADO, Heloísa Dupas. A relação docência/ciência sob a perspectiva da pesquisa-ação. In: PENTEADO, Heloísa Dupas & GARRIDO, Heloísa (Orgs.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 21-31.

PENTEADO, Heloísa Dupas. Pesquisa-ensino: comunicação, significação e mídias. In: PENTEADO, Heloísa Dupas & GARRIDO, Heloísa (Orgs.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 71-93.

PENTEADO, Heloísa Dupas. Pesquisa-ensino: uma modalidade de pesquisa-ação. In: PENTEADO, Heloísa Dupas & GARRIDO, Heloísa (Orgs.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 33-44.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. As origens de *O Artista* (1862-3). In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande: FURG/Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1995. p. 121-131.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. Projetos de colonização na cidade do Rio Grande (1880-1895). In: **Revista Biblos** v.8. Rio Grande: Editora da FURG, 1996. p. 109-116.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. As críticas de um federalista à conjuntura político-militar brasileira na virada do século. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). **Ensaio de História do Rio Grande do Sul**. Rio Grande, FURG, 1996. p. 76-84.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O jornal *Artista* e seu discurso social. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). **Imprensa & História no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: FURG, 2001. p. 29-48.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O Partenon Literário e seu papel na Literatura e História sul-rio-grandense. In: ALVES, Francisco das Neves & BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Orgs.). **História & Literatura no Rio Grande do Sul**. Rio Grande. FURG, 2001. p. 91-104.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. Um jornal dos artífices na cidade do Rio Grande. In: **Revista Scientia Historica**. Rio Grande: Associação dos Pós-Graduados em História da Cidade do Rio Grande, 2002. v. 1. p. 77-90.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O jornal *Artista* em suas origens no contexto da imprensa rio-grandina. In: **Revista Scientia Historica**. Rio Grande: Associação dos Pós-Graduados em História da Cidade do Rio Grande, 2004. v.

2. p. 91-102.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O discurso político-partidário do jornal rio-grandino *Artista*. In: **Revista Scientia Historica**. Rio Grande: Associação dos Pós-Graduados em História da Cidade do Rio Grande, 2006. v. 3, p. 115-128.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. O Rio Grande do Sul na visão de um escritor italiano: estudo de caso. In: **Revista Scientia Historica**. Rio Grande: Associação dos Pós-Graduados em História da Cidade do Rio Grande, 2009. v. 4. p. 99-112.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz & LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS; Tchê!, 1992.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **“Que a união operária seja a nossa pátria!”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações**. Santa Maria: Editora da UFSM; Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2001.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; FAPERGS, 1989.

PICCOLO, Helga I. Landgraf & VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Contribuição para a interpretação do processo político-partidário sul-rio-grandense no Império. In: **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ano 7, 1979-1980. p. 119-139.

PICCOLO, Helga I. Landgraf. A política rio-grandense no Império. In: **Rio Grande do Sul: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 93-117.

PICCOLO, Helga I. Landgraf. **Vida política no século XIX**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1991.

PINSKY Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, L. (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 17-36.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINTO, Céli Regina. A sociedade e seus discursos. In: **Com a palavra o senhor Presidente**. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 35-56.

PÓVOAS, Mauro Nicola. O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). **Imprensa, história, literatura e informação**. Rio Grande: FURG, 2007. p. 29-38.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso. O estudo da história da imprensa. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso. **História da imprensa**. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 1-12.

REVERBEL, Carlos. Tendências do jornalismo gaúcho. In: **Fundamentos da cultura rio-grandense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1957 (segunda série). p. 101-124.

REZENDE, Antonio Paulo. **História do movimento operário no Brasil**. São Paulo: Ática, 1986.

ROBIN, Régine. **História e linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

ROMANCINI, Richard & LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 3ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 54-66.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. 2ª. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHNEIDER, Edgar Luiz. Imprensa sul-rio-grandense nos séculos XIX e XX. In: **Fundamentos da cultura rio-grandense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962 (quinta série). p. 81-101.

SILVA, Jandira M. M. et alii. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense**. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SOARES, Olavo Pereira. A pesquisa-ensino no ensino de História. In: PENTEADO, Heloísa Dupas & GARRIDO, Heloísa (Orgs.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 125-154.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TORRES, Luiz Henrique & PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. Fundamentos político-históricos em Alcides Lima. In: **Revista Biblos** v.11. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 51-62.

TORRES, Luiz Henrique & PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. Uma incursão à

historiografia sul-rio-grandense: fundamentos deterministas na obra de Assis Brasil. In: **Revista Ágora**. v.3. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1997. p. 7-25.

TORRES, Luiz Henrique. **Rio Grande: 180 anos de jornalismo**. Rio Grande: FURG, 2012.

VILLAS-BÔAS, Pedro. **Notas de bibliografia sul-rio-grandense**. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.

WEFFORT, Francisco C. **Formação do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Ática, 2006.

ANEXO 1

RIO GRANDE

ANNO I.

N. 8.

O ARTISTA.

DOMINGO

2 DE NOVEMBRO DE

1862.

Jornal politico, noticioso e critico, é propriedade de Guimarães, Lemos, Cunha, Mello e C.^a, todos operarios do «Echo do Sul», e publica-se ás segundas-feiras e dias immediatos aos santificados. Recebe-se assignaturas na typographia do «Echo do Sul», á 500 rs. por série mensal. Anuncios e mais publicações pelo que se ajustar. — Pagamento adiantado.

O ARTISTA.

A GUARDA-NACIONAL.

Entre as diversas vicissitudes que opprimem as classes artistica e proletaria, adquire proeminencia o alistamento na guarda civica.

Respeitando, como cumpre, as formulas constitucionaes, entendemos que todo o cidadão tem por obrigação indclinavel prestar á patria os serviços que ella requer nas leis estatuidas e tendem á guarda, ordem e segurança do paiz, em circumstancias criticas.

A farda que reveste o cidadão, é um brasão de honra que o ennobrece, os instrumentos bellicos que a nação lhe confia, uma prova evidente de quanto espera d'elle quando phases imprevistas aneçam ou perturbam o seu bem estar ou tranquillidade.

Repetimos: a farda do guarda-nacional e os mais accessorios são titulos de distincção concedidos ao cidadão, e as praticas liberaes do paiz, tendo-os n'essa conta, despenda-os a quem não seja capaz de desdoural-os ou envilecel-os, confere-os irrimamente ás diversas camadas que formam a sociedade, tornando-as «iguaes» na fileira e compartilhadoras dos mesmos deveres e fadigas que impõe a afanosa vida militar e se encontram consignados nos respectivos regulamentos.

Infelizmente a lei da guarda-nacional, á imitação de muitas outras, é quasi sempre infielmente executada, e um serviço que repartido entre muitos se fazia suavemente, recai pesado e acabrunhador sobre poucos, resultando d'ahi o dissabor, a indisciplina e até a aversão ás insignias que adornam o cidadão-soldado.

Logo que a lei é ludibriada ou illudida em beneficio d'uns tantos que dispõem de patrocínio e poderio, torna-se, em vez de dogma, flagello que massacra sem piedade os desfavorecidos: no entanto esses desfavorecidos que são — os artistas, operarios

e caixeiros de menos vulto, são tambem os que, a haverem regalias e izempções, mais mereciam ser contemplados, porque vivem do seu trabalho quotidiano e não tem, como os predilectos da fortuna, sommas reservadas com que façam face ao que poderiam ganhar no exercicio de suas profissões, durante os dias e mezes que a patria os retem em seu serviço especial.

Ora um artista ou operario, cujo rendimento diario oscilla entre mil a dous mil réis, parco peculio para acudir á propria manutenção e da familia, e se vê repentinamente privado de proseguir no seu trabalho para envergar uma farda, cingir umas correias, empunhar um fusil, marchar para onde o mandam, e como recompensa de todos esses sacrificios lhe dão apenas a tenue quantia de trezentos e tantos réis, que para nada lhe chega, não maldirá a posição em que o collocaram tornando-o um ente inutil para si e para os seus, e só um méro instrumento de cousas que vem de cima e para cujo transtorno ou desenvolvimento nem se quer cooperou?

Qual será o amo tão bondoso que tenha um caixeiro e lhe assegure um ordenado, se esse commissionado é d'um a outro momento alistado na guarda-nacional, chamado a destacamento, que se torna longo, e d'essa fórma inhibido de cumprir com as suas obrigações?

Cremos que nenhum: por isso hão de ter sempre preferencia os caixeiros estrangeiros, e não existem rasões que possam stigmatizar esta preferencia, porque é justa.

O caixeiro, chamado ás armas, fica com dous annos, ambos exigentes; a lei como o mais poderoso d'elles contesta ao outro o seu direito sobre o caixeiro, e o commerciante por desforra despede, embora com pesar, o caixeiro, ficando este com uma bella carreira cortada e um futuro ennegrecido pelas nuvens do abandono e da miseria.

Se, porém, a lei do alistamento na guarda-nacional fosse integralmente observada, se os empenhos e as considerações não fossem attendidas, se, afinal, fossem con-

siderados iguaes todos os cidadãos e com taes credores das mesmas regalias, essa corporação se comporia de abundantes praças, que, revezando o serviço, mitigariam mutuamente sua sorte.

Mas assim não acontece: os cidadãos que dispõem de patronatos e prestigio angariam uma banda d'official, conseguem um «exequatur» de vice-consul de qualquer nação de quem nem ao menos conhecem a historia, e, em ultimo caso, arranjam uma passagem para a reserva ou pacata.

Por esta maneira é que as classes proletarias ficam sobrecarregadas com um serviço pezadissimo que as desgosta, faz refractarias e conduz ao desespero.

Não precisamos ir buscar a comprovação do que avançamos em outras localidades; temol-a em casa, como todos sabem, onde o numero de officiaes é quadruplicado, talvez, ás simples praças da guarda-nacional que formam em revista, aos domingos, na praça — Sete de Setembro. —

Haja justiça, pois, se se deseja conservar uma das mais formosas instituições do paiz — a opinião publica armada.

VARIEDADE.

As victimas do amor.

(Conclusão.)

III.

A felicidade que dourava a existencia de Maria foi passageira, como um meteoro brilhante que atravessa o espaço. Desfez-se como uma nuvem açoutada pelo vento da porcella!

Para ella já as fiores não encantam, e nem os gorgeios dos passaros deleitam; seu espirito acabrunhado de dor, sómente offerece a vista o reversado quadro que outr'ora tanto lhe embellezara a existencia.

Flor do céu orvalhava-se de lagrimas, e lagrimas nascidas da saudade que flagella o seu coração.

Emilio, o seu querido Emilio, em obediencia ás ordens de seu pae vai partir para bem longe. O segredo do seu amor foi descoberto, e com elle desfolhou-se a coroa de ventura, que no porvir lhe efflrescia.

ANEXO 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO: A imprensa como fonte para o ensino e a pesquisa em História: o caso de um jornal rio-grandino

MESTRANDA: Nalde Jaqueline Corrêa Pereira

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA

Nome (opcional):
Escola:
Turma/Totalidade:
Idade:
Endereço:
Tu achaste a realização de trabalhos com textos do jornal <i>Artista</i> : () muito fácil () fácil () difícil () muito difícil
Tu já havias realizado um trabalho utilizando textos de jornais? () sim () não
Em caso de já ter trabalhado, estes jornais eram: () antigos () atuais
Na tua opinião, estudar a História por meio de jornais foi: () positivo () negativo () indiferente
Tu sabias que a tua cidade já possuía jornais circulando no século XIX? () sim () não
O trabalho realizado com o <i>Artista</i> de alguma maneira despertou teu interesse pela leitura? () sim () não
Terias interesse em conhecer o lugar onde os jornais rio-grandinos antigos são conservados? () sim () não
Tu já realizaste alguma visita ou pesquisa na Biblioteca Rio-Grandense? () visita () pesquisa () nunca esteve na Biblioteca
Ao ter feito um trabalho com um jornal antigo: () aprendi muito e gostaria de trabalhar novamente () aprendi alguma coisa e gostaria de trabalhar novamente () aprendi pouco e não gostaria de trabalhar novamente () não aprendi nada e não gostaria de trabalhar novamente
Dos assuntos estudados, o que te mais te chamou atenção foi sobre: () os trabalhadores () os partidos políticos () o domínio britânico no Brasil
Tua motivação foi maior para aprender História: () com as aulas expositivas () com o uso do livro didático () com a utilização dos textos do jornal <i>Artista</i> () não encontrei nenhuma diferença
Em relação aos textos do <i>Artista</i> quais foram as maiores dificuldades que tiveste para entendê-los?
Cita as palavras presentes nos textos do <i>Artista</i> que tu não sabias o significado e tiveste de utilizar o dicionário: - - - - - - - - - -

